Sara Monise de Oliveira

EDUCAÇÃO AMBIENTAL E ORGANIZAÇÕES DA SOCIEDADE
CIVIL DA BACIA HIDROGRÁFICA DO CÓRREGO ÁGUA QUENTE
(SÃO CARLOS/SP): COMPREENDENDO A INCORPORAÇÃO DA
TEMÁTICA AMBIENTAL EM SUAS AÇÕES SÓCIO-EDUCATIVAS.

Dissertação apresentada à Escola de
Engenharia de São Carlos da Universidade
de São Paulo, como parte dos requisitos para
a obtenção do Título de Mestre em Ciências
da Engenharia Ambiental.

Área de concentração: Ciências da Engenharia Ambiental
Orientadora Prof.^a Dr.^a Haydée Torres de Oliveira

São Carlos
2007

A todas(os) aquelas(es) que constroem o futuro com amor e esperança.

AGRADECIMENTOS

Agradeço especialmente à Prof.^a Dr.^a Haydée Torres de Oliveira pela orientação e companheirismo. Ao Prof. Dr. Luiz Gonçalves Junior e à Heloísa Chalmers Sista Cinquetti, que avaliaram o trabalho em sua fase inicial e contribuíram profundamente para o desenvolvimento do mesmo. Aos Profs. Drs. Pedro Roberto Jacobi e Antonio Álvaro Soares Zuin, que cuidadosamente avaliaram essa dissertação, contribuindo para uma reflexão crítica do trabalho e do percurso do mestrado, bem como, indicando aspectos a serem aprofundados em estudos futuros. Às amigas e aos amigos que diretamente me auxiliaram nas atividades de campo, Nicola M. N. da Costa, Márcia L. C. Pinto, Tatiana T. de Lima, Paola M. Lo Sardo, Gabriele N. Salgado e Natália Salan Marpica, e a todos(as) que de um modo ou de outro compartilharam e contribuíram para o crescimento e realização deste trabalho.

Sou grata ao CNPq pela bolsa de mestrado concedida.

À Universidade de São Paulo, à Universidade Federal de São Carlos e à Teia - Casa de Criação por colocarem à minha disposição sua estrutura. Aos funcionários e corpo técnico destas instituições que sempre que possível, se colocaram á inteira disposição para a realização do trabalho e para a produção dessa dissertação.

Por fim, agradeço a todos(as) os(as) participantes do Projeto Água Quente, com quem convivi e partilhei esta pesquisa.

*Ninguém ignora tudo.
Ninguém sabe tudo.
Todos nós sabemos alguma coisa.
Todos nós ignoramos alguma coisa.
Por isso aprendemos sempre.*
Paulo Freire

RESUMO

OLIVEIRA, S.M. (2007). *Educação ambiental e organizações da sociedade civil da Bacia Hidrográfica do Córrego Água Quente (São Carlos/SP): compreendendo a incorporação da temática ambiental em suas ações sócio-educativas*. Dissertação (Mestrado) - Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2007.

A importância em compreender e fortalecer espaços coletivos de construção de conhecimento e desenvolvimento de ações ambientais para a participação popular e exercício da cidadania, nos levou a escolher como tema de pesquisa as relações entre Educação Ambiental e organizações da sociedade civil no processo de discussão e ação no campo ambiental. O trabalho de investigação envolveu duas fases: uma *aberta* e uma *focalizada*. A fase aberta se deu durante minha inserção como pesquisadora-educadora em um projeto sócio-ambiental, o Água Quente. Este, desenvolve-se desde 2005, por duas associações civis junto a outras organizações da sociedade civil que atuam na Bacia Hidrográfica do Córrego Água Quente, região sul da cidade de São Carlos. Os objetivos foram: *fortalecimento de organizações comunitárias locais, formação e capacitação de agentes comunitários e recuperação ambiental*. Nesta fase, foi realizada a observação participante e a consulta a materiais produzidos pelo Projeto Água Quente, a fim de iniciar um processo de aproximação e compreensão do contexto da ação sócio-educativa, bem como formular perguntas de pesquisa. Consequentemente, a segunda fase buscou respostas para as seguintes indagações: *Que questões estão relacionadas à apropriação da temática ambiental por organizações da sociedade civil? Qual o papel da educação ambiental na construção e no fortalecimento da atuação de organizações da sociedade civil em relação ao ambiente local?* Os objetivos específicos da fase focalizada foram: conhecer e apresentar a atuação de diferentes organizações da sociedade civil da Bacia Hidrográfica do Córrego Água Quente, cujos representantes participaram do processo sócio-educativo realizado pelo Projeto Água Quente; levantar as atividades e discussões sobre meio ambiente já desenvolvidas ou vislumbradas por essas organizações e identificar que relações existem ou podem ser estabelecidas entre a atuação da organização e a temática ambiental; identificar aspectos das ações sócio-educativas realizadas pelas organizações que indiquem aproximações e distanciamentos do campo teórico da educação ambiental. Para isso realizamos com 5 organizações, 2 encontros com cada uma, num total de 10 grupos focais além de consultas a materiais produzidos pelas organizações e pela equipe do Projeto Água Quente. A análise dos dados foi feita com base em princípios da *análise da conversação*. Como resultado, destacamos que a temática ambiental está inserida nas ações sócio-educativas que as organizações desenvolvem. Contudo, a intencionalidade, no que tange às questões ambientais, se mostra pouco presente em algumas ações. A identificação com o campo da educação ambiental não é explicitada, porém há aproximações aos princípios envolvidos nas ações desenvolvidas pelas organizações nesse campo. Por outro lado, há também distanciamentos, especialmente com relação ao que vem sendo produzido, discutido e posto em ação no contexto da América Latina. Sendo assim, consideramos fundamental uma maior aproximação ao campo crítico da Educação Ambiental, para que a apropriação da temática ambiental pelas organizações da sociedade civil se dê de maneira crítica e reflexiva.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Organizações da Sociedade Civil. Meio Ambiente.

ABSTRACT

OLIVEIRA, S.M. (2007). *Environmental education and civil society organizations on the Água Quente Stream Bay (Sao Carlos/SP): understanding the incorporation of the environmental theme on social and educational acts*. M.Sc. Dissertation - Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2007.

The importance of understanding and empower collective spaces of knowledge creation and the development of environmental actions for popular participation and an active citizenship have led us to choose “the relations between environmental education and civil organizations in discussing process and environmental action” as a theme for this research. The investigation work involved two stages: a general one and another one more specific. The first stage was during my participation as an educator-researcher in a social and environmental project called “Água Quente”(which means “Hot Water”). Such project has been developed since 2005 by two civil associations and two civil society organizations which work on Água Quente stream bay, south of São Carlos city. Our goals were: enhancing the power of local communities organizations, focusing on communitarian agents formation and qualification and also on environment recovery. During this stage was done the observation in a participant way and the Água Quente Project’s produced material research, in order to start a process of approach and understanding the social-educational context, and also to formulate research questions. Consequently, the second stage tried to answer the following questions: “what are the points related to the use of the environmental theme by some civil organizations?” or “What is the environmental education role concerning the creation and strengthening of civil society organizations’ action related to local environment?”. Specific goals for the second stage were: recognizing and presenting the action of different civil society organizations at Água Quente stream bay and which participants took part in social and educational process developed by Água Quente Project; rising activities and discussions about the environment that had already been developed or thought by these organizations; identifying which relations were there or could be established between the organization action and the environmental subject; identifying the aspects of social and educational actions taken by organizations that reveal approaches or distances to environmental education theoretical field. It took us to have 2 meetings with each one of the 5 organizations, totalizing a work of 10 *focal groups*, besides some researches concerning the material developed by the organizations and the Project team. The data analysis was done based on the analysis of conversations according to some guiding principles. The result is our statement that the environmental theme is inserted in social and educational actions developed by organizations. However, the intentions related to the environmental issues are rarely present in some actions. The environmental field identification is not clear, but there are some approaches to the principles involved in the actions developed by the organizations in this field. On the other hand, there are also some distances from it, especially regarding to what has been produced, discussed and practiced in Latin American context. Therefore, we consider that a better approach to the critical field of Environmental Education is extremely important for the reflexive and critical appropriation of the environmental discussion by civil society organizations.

Key words: Environmental Education. Civil Society Organizations. Environment.

SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

APRESENTAÇÃO.....	10
CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	12
CAPÍTULO 1: VIVÊNCIAS E REFLEXÕES SOBRE AS VIVÊNCIAS EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL.....	19
1 Apresentação	19
2 Espaços da Educação Ambiental.....	20
3 Educação Ambiental Popular.....	24
4 A pesquisa em Educação Ambiental na ação educativa.....	26
5 O projeto Água Quente e alguns saberes importantes da vivência enquanto pesquisadora-educadora.....	28
O Projeto Água Quente e as vivências como momentos de aprendizagem.....	28
Desvelando a problemática ambiental da Bacia Hidrográfica do Córrego Água Quente.....	34
Identificando os tipos de associativismo civil envolvidos com o Projeto Água Quente.....	39
Identificando a especificidade da educação ambiental do Projeto Água Quente.....	46
Descobrimos as controvérsias e limitações do campo da pesquisa e da formação em educação ambiental.....	47
Buscando abordagens e modalidade de pesquisa adequadas.....	49
Buscando questões na prática educativa que alimentassem a prática de pesquisa: a construção das perguntas de pesquisa.....	51
CAPÍTULO 2: LIGANDO A TEORIA COM A PRÁTICA E VICE-VERSA.....	57
1 Apresentação.....	57
2 Introdução.....	57
3 Cidadania e a organização da sociedade civil.....	64
3.1 Quem é o(a) cidadão(ã) ?.....	64
3.2 A cidadania não é algo dado!.....	66
3.3 Redes de movimentos sociais: uma perspectiva contemporânea de organização da sociedade civil na luta pela cidadania.....	69
3.4 Movimentos sociais e a apropriação da temática ambiental.....	71
4 Objetivos.....	76
5 Procedimentos metodológicos.....	76

5.1	Instrumentos e procedimentos para construção do dados.....	76
5.2	Os sujeitos da pesquisa.....	79
5.3	O Processamento dos materiais para a análise dos dados.....	82
5.4	A sistematização e análise dos dados.....	85
6	Resultados e Discussão.....	87
6.1	Apresentação geral e caracterização da atuação das organizações.....	87
6.2	A atuação ambiental das organizações.....	97
6.3	Algumas questões relacionadas à apropriação da temática ambiental por organizações da sociedade civil.....	114
6.4	Aspectos da ação educativa-ambiental das organizações.....	116
6.5	Aproximações e distanciamentos ao campo da educação ambiental: por uma apropriação crítica da temática ambiental em ações sócio-educativas de organizações da sociedade civil.....	120
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	128
	REFERÊNCIAS.....	131
	ANEXOS.....	141
	APÊNDICES.....	150

APRESENTAÇÃO

Essa dissertação tem como tema a *educação ambiental e organizações da sociedade civil*. O interesse por esse tema foi construído ao longo de minha experiência como educadora estagiária em um projeto sócio-ambiental chamado Água Quente e como pesquisadora em formação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Engenharia Ambiental da Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo (PPG-SEA/EESC-USP).

Em minha experiência como educadora, me inseri em um contexto sócio-educativo, que chamou minha atenção para determinadas questões que poderiam ser estudadas em profundidade. Assim, meu olhar se voltou para a problemática ambiental urbana, especialmente nas regiões de periferia das cidades do interior paulista, para as pessoas que organizam-se para viver e atuar de acordo com essas realidades e para as atividades educativas realizadas com e por esses grupos sociais.

Como pesquisadora em formação pelo PPG-SEA, programa de pós-graduação que tem como atributo a multidisciplinariedade (ESPÍNDOLA; SILVA, 2005), busquei na literatura aportes para trabalhar neste contexto. Foi necessário então, o estudo de materiais sobre cidades, periferização, movimentos sociais, educação popular, educação ambiental, gestão ambiental, cidadania e sustentabilidade, e meu olhar focou-se na apropriação da temática ambiental por organizações da sociedade civil e suas relações com a Educação Ambiental.

Também, procurei problematizar a própria pesquisa em educação ambiental, trazendo para esse relato algumas inquietações e reflexões acerca da prática científica nesta área do conhecimento. Especialmente, no que diz respeito à produção de conhecimento pelo(a) pesquisador(a) que também educa, explorando um dos objetivos específicos do PPG-SEA que é :“formar recursos humanos qualificados no âmbito do Mestrado e do Doutorado, propiciando uma visão integrada entre a pesquisa básica e a

aplicação em Ciências Ambientais, por meio da produção de dissertações de mestrado e teses de doutorado” (ESPÍNDOLA; SILVA, 2005, p. 6). Nesse sentido, uma das características da própria trajetória desta pesquisa foi a constante busca pelo diálogo entre a prática educativa e o campo teórico, para construir uma prática de pesquisa que fosse alimentada tanto por questões da realidade concreta da ação educativa como da teoria em educação ambiental e campos afins.

Sendo essa uma pesquisa de abordagem qualitativa, foram contempladas duas fases distintas de investigação. Uma fase *aberta*, em que não havia um objetivo específico, e outra fase *focalizada*, com objetivos delimitados (ALVES, 1991). A fase de investigação aberta desenvolveu-se nos primeiros momentos de vivência junto ao Projeto Água Quente e teve o intuito de contribuir para melhor apreensão da realidade e para o detalhamento das questões de estudo. Após um ano de convivência nas atividades educativas, iniciou-se a segunda fase da pesquisa, que teve como foco apropriação da temática ambiental por organizações que participaram do Projeto Água Quente e as relações existentes entre tais organizações com a Educação Ambiental, no intuito de construir respostas às perguntas elaboradas na primeira fase, o que, muitas vezes, significou a elaboração de novos questionamentos.

O relato da pesquisa é composto de quatro partes: as considerações iniciais, o primeiro e o segundo capítulos e as considerações finais. “Considerações iniciais” é um texto que traz certas inquietações e reflexões sobre a escrita e produção de textos acadêmicos, e que justifica algumas escolhas e buscas em relação ao seu formato. O primeiro capítulo traz uma descrição reflexiva sobre a fase aberta da pesquisa, contextualizando a ação educativa e a pesquisa. Já o segundo capítulo, corresponde à fase focalizada, tendo com conteúdo o arcabouço teórico que norteia o trabalho, os objetivos específicos da pesquisa, os procedimentos metodológicos, os resultados e discussões. O texto final indica considerações sobre as discussões levantadas durante o desenvolvimento da pesquisa e aponta perspectivas de continuidade e aprofundamento no campo da pesquisa e da ação educativa em relação à temática ambiental.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Escrever é, como falar, uma atividade de interação, de intercâmbio verbal. Por isso é que não tem sentido escrever quando não se está procurando agir com o outro, trocar com alguém alguma informação, alguma idéia, dizer-lhe algo, sob algum pretexto.

Irândé Antunes

Este não é um item comum nas dissertações de mestrado ou teses de doutorado, no entanto considero que essa seja uma boa maneira de iniciar uma reflexão sobre princípios, procedimentos e resultados de uma pesquisa científica, com aquele que se dispõe a ler este trabalho. Digo “se *dispõe*”, porque ler uma dissertação requer um tempo cronológico (minutos, horas ou até dias) e um tempo de envolvimento, ou seja, aquele “gosto”, energia e cumplicidade dedicados a ouvir e a dialogar com a pessoa que escreveu o texto. Ler uma dissertação requer disposição, vontade de fazer de um objeto material (a dissertação ou tese), um objeto de significados (o texto lido e refletido).

Pretendo, através desta apresentação inicial, trazer para a leitora ou leitor algumas considerações sobre o que significa no âmbito da formação em pesquisa e da comunicação científica a produção deste texto. Julgo que essas considerações possam nos auxiliar na compreensão do conjunto do texto, seu formato, suas propostas, suas falhas, bem como o por quê de se escrever uma dissertação, para quem escrevê-la e finalmente como começar a escrevê-la.

Ouçó constantemente comentários de colegas sobre a dificuldade de se escrever uma dissertação. Muitas vezes, dizem que o texto final não retrata a complexidade da experiência vivida pelo(a) pesquisador(a) e pelos sujeitos da pesquisa e muitos acreditam que poderiam haver escrito um texto melhor. Ouçó também de professores(as) a respeito das condições necessárias para se escrever um bom texto:

tempo, esforço, disciplina, leitura; escrever e reescrever num processo persistente e criativo; e que os alunos deveriam escrever melhor, inclusive os universitários.

A dificuldade de escrever é uma questão muito séria para a construção coletiva do conhecimento no meio acadêmico, pois a forma escrita é a mais utilizada para a difusão do conhecimento produzido por algumas pessoas, que por sua vez, é reconstruído à medida que é lido por outras. Nesse sentido, a carência ou quase ausência de qualidade encontrada em textos acadêmicos, como relatam Freitas e Oliveira (2006) ao analisarem trabalhos do I e II Encontro de Pesquisa em Educação Ambiental, pode levar à não compreensão de seu conteúdo e à não aceitação em eventos científicos. Segundo as autoras, os textos negados não estavam estruturados de forma a tornar claras as perspectivas de investigação, característica fundamental para o texto acadêmico. Segundo as autoras, os textos negados não estavam estruturados de forma a tornar claras as perspectivas de investigação, característica fundamental para o texto acadêmico. Freitas e Oliveira (2006, p. 187), tendo como base André (2006), afirmam que:

Esse passo, da pesquisa empírica para seu relato, contendo a análise, a reflexão, a teorização sobre a realidade investigada, parece ser um *rito de passagem* que precisa ser empreendido com mais atenção e rigor pelo pesquisador, para que seu trabalho se desloque do campo da experiência propriamente dita, superando o ‘fascínio da ação’, para aportar no campo da produção acadêmica.

Sem dúvida, escrever não é uma tarefa fácil e aqueles que já se engajaram nessa atividade, sabem dessa dificuldade. Conversando com um ‘rapper’ participante dessa pesquisa, o Goda, atentei para uma questão importante do ato de escrever. Ele me disse: *"Escrever uma letra todo mundo escreve, mas escrever uma letra que queira dizer alguma coisa realmente, que a pessoa não apenas entenda o que está escrito, mas compreenda aquilo, isso é que é difícil"*.

Antunes (2005), em uma obra que busca auxiliar aqueles que pretendem desenvolver textos coerentes, coesos, socialmente relevantes e capazes de cumprir com sua função de comunicação, nos traz alguns indícios que nos permite compreender porque escrever é tão difícil. Partindo da constatação de que muitos alunos, inclusive universitários, demonstram dificuldades no uso formal da língua tanto para oralidade, como para a leitura e a escrita, a autora mostra que o estudo da língua realizado durante onze anos no âmbito escolar tem inúmeras falhas no desenvolvimento de habilidades necessárias à escrita socialmente significativa. Assim, o estudo da língua e o desenvolvimento de habilidades de escrita “se reduz a um exercício mecânico de por no

papel não importa o quê, faça ou não sentido, tenha ou não relevância o que se diz” (ANTUNES, 2005, p. 27).

Certamente a formação no uso da língua durante o período escolar de milhares de brasileiras e brasileiros segue os moldes comentados pela autora, o que faz com que estes, ainda que em processo de preparação para se tornar pesquisadores(as), sintam inúmeras inseguranças no momento de escrever. Esse *rito de passagem*, momento em que se expressam em um documento formal os processos e resultados de dois anos e meio de trabalho e esforço na produção de conhecimentos socialmente relevantes e comprometidos ética e politicamente, é, com certeza, um desafio para nossa formação.

O estímulo que visualizamos diante desse desafio é a certeza da capacidade que possuímos, enquanto seres humanos, de poder usar bem nossa língua materna na comunicação. Essa reflexão é proposta por Bagno (1999) na discussão sobre a mitologia do preconceito lingüístico, em que o autor afirma que achar que o Português é muito difícil constitui-se em um mito construído principalmente pelo ensino descontextualizado da língua, que a reduz à norma culta e à gramática normativa, não tratando dos temas que realmente são importantes para o desenvolvimento de habilidades de expressão.

Essa postura limitadora da competência textual, assumida por um modelo de escola regulador do conhecimento, se constitui em uma das formas de “*deixar de fora*” ou “*excluír pessoas*” (BAGNO, 1999; ANTUNES, 2005). Entendemos que essa postura seja coerente com o papel que a escola assumiu na modernidade, que segundo Arroyo (1987), não é o de formar cidadãos, mas sim, excluí-los da cidadania, ao proporcionar um ensino autoritário e tecnicista, reproduzindo-se assim, o sistema vigente no qual está inserida. Porém, inspirada nos ensinamentos de Paulo Freire sobre a educação e assumindo seu pressuposto de que, se esta mantém o sistema hegemônico é porque ela é capaz de transformar aquilo que o mantém (OLIVEIRA; DOMINICE, 1996), questiono: para quem escrevo essa dissertação?

Essa questão se tornou fundamental para mim, enquanto pesquisadora, em três momentos diferentes e complementares. Um deles foi em discussões com colegas de área, no Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Ambiental - GEPEA¹, sobre a quem

¹ Este é um grupo de estudos e pesquisa que se encontra regularmente, desde 1998, nas dependências da Universidade Federal de São Carlos e é vinculado ao Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq. Tem como coordenadoras as Prof^{as} Dr.^{as} Haydée Torres de Oliveira, Heloísa Chalmers Sísila Cinquetti, Denise de Freitas e o Prof. Dr. Amadeu Logarezzi. Nele são discutidas questões relativas à ação e à pesquisa em educação ambiental.

se endereçam nossas dissertações, teses, artigos e livros; o outro foi em minha prática de educadora, quando um educando ao ver uma dissertação que eu tinha em mãos sobre o bairro em que vive, pediu que eu deixasse o material com ele, enquanto estivesse emprestado para mim, pois estes materiais só são emprestados pelas bibliotecas a professores(as) e alunos(as) da universidade; o terceiro foi quando tentei diversas vezes começar a escrever sobre minha pesquisa e encontrei grande dificuldade, simplesmente por achar que o quê escrevia não fazia sentido. Foi então, que com base nos livros mencionados de Antunes e de Bagno, pude definir a quem endereço essa dissertação.

Escrevi essa dissertação para colegas pesquisadoras(es) e, portanto, procurei apontar as contribuições para o campo acadêmico. Sabendo da importância da pesquisa para o desenvolvimento da área, mantive um constante cuidado com o aspecto científico do trabalho, procurando encaminhar o texto para uma fundamentação consistente e coerente, estando sempre atenta à montagem da argumentação sobre o que quero defender com este trabalho, além de investir bastante tempo procurando dar transparência e coerência à definição dos princípios, metodologias e análises realizadas.

Lembrando dos(as) pesquisadores(as) que estão em processo de aproximação com o campo da Educação Ambiental (EA), como eu, procurei levantar reflexões que possam auxiliar na compreensão desse período de contato inicial com o universo diverso e complexo da pesquisa em EA, por isso trago também algumas experiências pessoais como pesquisadora em formação.

Do mesmo modo, escrevi também para educadores e educadoras ambientais que buscam dados, informações e conhecimentos na área de Educação Ambiental. Com isso, procurei destacar no texto quais as contribuições dessa pesquisa para o campo educativo e trazer reflexões do ponto de vista que tenho também como educadora.

Por fim, e com mais carinho talvez, escrevi esse texto para as pessoas que se educam nas ações cotidianas da vida, cuja leitura é uma prática pouco exercitada. Logicamente, uma dissertação possui características próprias que dificultam o acesso a pessoas com pouca prática de leitura e escrita, tais como, extensão prolongada, utilização de termos específicos da área, entre outras. No entanto, acredito que seja importante buscarmos formas de tornar o texto o mais acessível possível, com o intuito de criar momentos para sua discussão, ao menos entre as pessoas envolvidas na pesquisa.

Escrevo para essas pessoas mesmo sabendo que as dissertações geralmente não são escritas nem emprestadas pelas bibliotecas para elas, por reconhecer em atitudes de

educandos com quem convivi e ainda convivo, a possibilidade de trabalharmos nas *fendas* ou *brechas* que existem nos sistemas e instituições consolidados, dentro dos quais estamos inseridos. Não faltam na literatura reflexões sobre as incongruências entre o discurso e a prática e as incontáveis contradições geradas em função da natureza dúbia do fazer universitário. Sendo assim, segundo (OLIVEIRA, 2008b), é necessário encontrar brechas onde se possam brotar idéias para um trabalho reflexivo e crítico, num exercício permanente de criatividade, ousadia e autonomia, com vistas à construção de uma universidade, e creio também, do conhecimento acadêmico, comprometidos com a proteção à vida e com a *felicidade humana*.

As *brechas* ou *fendas* são espaços, momentos e situações dentro dos contextos rígidos e limitados, que podemos utilizar para aos poucos construir maneiras de superar a realidade paradoxal dos intentos transformadores da educação, em que se faz necessária uma *profunda mudança de mentalidade* (OLIVEIRA, 2008b, p.2). Segundo Morin² (2002 *apud* OLIVEIRA, 2008b) esse paradoxo consiste no fato de a mudança das mentalidades dependerem da mudança das estruturas da educação, que por sua vez, dependem da mudança das mentalidades.

Para Araújo³ (informação verbal) *percorrer as fendas* ou *brechas* é uma maneira de transformar a realidade e se transformar ao mesmo tempo. Para trabalhar com esta concepção em um texto ainda em preparação, a autora utiliza três conceitos-chave de Paulo Freire, a *leitura do mundo*, o *inédito viável* e o *historicamente possível*. A autora explica, sinteticamente, que, com a leitura do mundo, é possível identificar os espaços de não homogeneidade dentro dos sistemas ou instituições que estamos inseridos, as *fendas*. A partir daí, podemos avaliar o que hoje não é possível dado aos processos históricos, mas que por meio de mudanças possam vir a ser, e assim criamos o historicamente possível para realizar o inédito viável. Como exemplo, Araújo utiliza as ações afirmativas na universidade, que partiram de um reconhecimento do não acesso às universidades por parte das populações negras e indígenas, para chegar à formulação de políticas públicas que auxiliem a transformação dessa realidade.

O intuito em ampliar o público para o qual escrevo essa dissertação, para além do acadêmico, é, portanto, de contribuir para o rompimento de barreiras de acesso à

² MORIN, E. (2002). *Um novo pensamento*. Entrevista realizada por Marcelo Rezende para a *Revista Trimestral do SENAC*, São Paulo, out./nov.

³ Explicações cedidas por Stella S. Araújo em comunicação oral sobre o autor Paulo Freire ao Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Ambiental -GEPEA em 20/04/07 na UFSCar, com complementação em

informação. Este é uma primeira iniciativa para que futuramente possamos pensar em um outro momento, o pedagógico, o trabalho de refletir e discutir as informações e conhecimentos expresso neste trabalho não apenas com outros pesquisadores, mas também com educadores e educandos envolvidos com a pesquisa ou que se interessem pelos assuntos que ela trata, a fim de construir novos conhecimentos em uma ação transformadora da sociedade. Ressalto que, no desenrolar do texto, muitas intenções aqui expostas não foram alcançadas, pois realizar na prática (no ato de escrever) tudo o que afirmei ser uma tentativa, é sempre muito difícil, é sempre uma busca pela práxis.

Ilustração: Daniela A. R. Lopes

CAPÍTULO 1: VIVÊNCIAS E REFLEXÕES SOBRE AS VIVÊNCIAS EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL.

Ninguém pode aprender da experiência de outro, a menos que essa experiência seja de algum modo revivida e tornada própria.

Jorge Larrosa Bondía

1 Apresentação

Neste primeiro capítulo quero convidá-lo(a) a (re)viver e (re)pensar conosco, partindo de um testemunho sobre a construção do saber e a formação na área de pesquisa em educação ambiental, e alguns momentos marcantes da vivência educativa que suscitaram questionamentos sobre a prática educativa, que, por sua vez, levaram à construção das perguntas e objetivos desta pesquisa. Este texto relata a fase *não focalizada* da pesquisa, que durou pouco mais de um ano (março de 2005 a maio de 2006).

Para apresentar a vivência e algumas reflexões sobre ela, utilizei informações de arquivos de registro e de materiais produzidos pelo Projeto Água Quente. Todas as informações deste e de outros capítulos dessa dissertação, que foram cedidas pelo Projeto Água Quente, incluindo o material fotográfico, tiveram autorização para serem publicadas nesta dissertação.

Também fiz uso de recordações de minha atuação enquanto observadora participante no Projeto Água Quente. Bogdan e Biklen (1994) e Falkembach (1997) sugerem, para que seja garantida a confiabilidade dos dados, o registro sistemático e claro sobre as observações do(a) pesquisador(a) durante processos de observação participante. Entretanto, dada à minha pouca habilidade para a construção de diários de campo, não produzi registros nesse formato.

Por outro lado, em uma perspectiva mais coletiva de produção de registros sobre a prática, trago também informações e saberes provenientes de cadernos de registro e relatórios produzidos ao longo da prática educativa. Apesar de os mesmos não terem sido elaborados com o objetivo de serem utilizados para uma pesquisa, ou mesmo revisados e discutidos em profundidade por toda a equipe, a ponto de poder representar com fidelidade um acordo coletivo, considere fundamental recorrer às informações presentes nesses materiais.

Tanto as reuniões da equipe, quanto aquelas com os agentes comunitários, eram registradas em cadernos. Há um caderno de educadoras, elaborado coletivamente pelas mesmas, um caderno de coordenadores, elaborado pela coordenadora geral, que registram as reuniões de equipe. Os registros das atividades com os agentes estão em um terceiro caderno, elaborado pelas pessoas que conduziam as atividades educativas com esse grupo. Além destes, há também fotografias e vídeos produzidos pela equipe, que auxiliaram bastante na rememoração de momentos e na ilustração deste documento.

Durante o Projeto foi elaborado também um *diário de visitas*, uma forma de registro coletivo, no qual os agentes produziam textos sobre atividades de campo. Contudo, não utilizei este material ou quaisquer outras informações de anotações individuais feita por eles, o que considero uma desatenção de minha parte. Registros como esses, podem ser uma fonte importante de informações, sendo fundamentais para a construção de um olhar menos enviesado do(a) pesquisador(a) sobre o contexto que se pretende estudar.

Com a finalidade didática de expor de maneira organizada reflexões sobre a construção de perguntas de pesquisa, apresentaremos alguns aspectos da perspectiva de Educação Ambiental adotada nessa pesquisa, das práticas de pesquisa nesse campo, da prática educativa no qual emergiu essa investigação e do contexto sócio-ambiental no qual pesquisa e atividade educativa fizeram parte, relacionando-os com o processo de construção das perguntas de pesquisa. Para tanto, destacaremos momentos significativos desse processo e aspectos que consideramos relevantes para o desenvolvimento consciente e crítico da pesquisa no campo da Educação Ambiental.

2 Espaços da Educação Ambiental

A educação ambiental é uma prática educativa presente no sistema de ensino formal como tema transversal (Brasil. Ministério da Educação, 1998), não sendo restrita

ao ambiente escolar. Segundo a Política Nacional de Educação Ambiental a educação ambiental é um direito de todos, devendo estar presente em todos os níveis e modalidades do processo educativo escolar e não escolar, pois é um componente essencial e permanente da educação nacional (BRASIL, 1999).

Contudo, no estado de São Paulo é possível que o número de atividades de educação ambiental realizadas com comunidades, associações comunitárias ou Organizações Não Governamentais ainda seja, numericamente, um pouco menor do que o número de atividades realizadas em escolas. Em um diagnóstico feito pela Rede Paulista de Educação Ambiental (REPEA) com base em dados de pessoas cadastradas espontaneamente ou por terem participado do II Encontro Estadual de Educação Ambiental realizado em 2003, as atividades realizadas em ambiente escolar somam 48% das atividades e aquelas realizadas em espaço não escolar somam cerca de 32% (BORBA; OTERO; PINHEIRO, 2005).

Tendo em vista que o ser humano é um ser inacabado, em um movimento constante de aprendizagem, sendo capaz de construir sua própria história, não tendo, portanto, um destino pré-determinado (FREIRE, 1996), a educação ambiental para além dos espaços escolares é fundamental para que indivíduos e coletividades tenham a oportunidade de estarem sempre (re)construindo saberes, conhecimentos, valores, sentidos, significados, habilidades e afetividades em suas relações com o ambiente.

Neste sentido, as iniciativas de educação ambiental desenvolvidas em espaços que envolvam as comunidades, tais como unidades de conservação, igrejas, centros comunitários ou zoológicos, são importantes para que o processo educativo com relação ao ambiente não se resuma a uma fase da vida da pessoa, em que esta se encontra matriculada no sistema de ensino formal; não fique restrita somente ao contexto escolar; e por fim, que atinja também aqueles e aquelas que pouco ou nunca tiveram a possibilidade de frequentar uma escola, por inúmeras razões que bem sabemos em nosso país, como a pobreza, o trabalho infantil, o preconceito contra a mulher, a falta de incentivo às escolas rurais, e também para que estes(as) tenham suas ações de transformação destas realidades opressoras potencializadas.

Oliveira (2008a) também afirma que há diferenças importantes entre a educação ambiental desenvolvida em espaços escolares e não escolares no Brasil hoje, dado que, como nos lembra Loureiro (2004), a educação ambiental emergiu em nosso país em um contexto de ditadura militar com fortes repressões que procuravam evitar a politização de espaços educativos. Segundo esse mesmo autor, isto resultou em uma abordagem

governamental de educação ambiental que dissociava o ambiental do educativo/político, contribuindo para que no âmbito escolar predominassem discursos ingênuos e naturalistas, que, de acordo com o argumentado pela autora no trabalho mencionado, nutrem as vertentes chamadas por diversos autores de educação ambiental *convencional, disciplinatória, normativa, comportamentalista*.

No artigo mencionado, a autora discute aspectos da educação ambiental desenvolvida em espaços não escolares, principalmente na aproximação com a educação popular, que trouxeram um caráter crítico e reflexivo para a EA. Quero ressaltar também que, ao contrário do que geralmente se pensa, a origem da educação ambiental está muito mais relacionada aos movimentos ambientalistas e ao debate público sobre a temática ambiental, do que ao campo educativo e às discussões em teoria educacional (CARVALHO, 2001), principalmente, ao que parece, no contexto Iberoamericano.

Gómez (2000) afirma que no momento atual, essa região geográfica possui melhor experiência em Educação Ambiental em contextos não escolares, do que a Europa, por exemplo, onde a EA está mais fortalecida em espaços escolares. Segundo o autor, uma das razões possíveis é a grande importância das atividades sociais realizadas em comunidades relacionadas aos problemas que afetam o ambiente local, pelas quais a EA pode ter se difundido.

Neste mesmo sentido, González-Gaudiano (2001), afirma que a construção da Educação Ambiental na América Latina e Caribe se deram de maneira muito próxima com um conjunto de tradições educativas e políticas, que fez com que esta adquirisse um caráter singular, que não se encontra em nenhuma outra parte do mundo. O autor sugere que os projetos de EA nessa região tenham tido como objetivo principal a superação da indiferença pela desigualdade e desesperança, apatia, imobilismo, que se encontram instaurados em grandes setores da população. González-Gaudiano (2001, p. 395, tradução nossa), menciona as seguintes características que a diferenciam das perspectivas de EA de países desenvolvidos:

- a) tem se desenvolvido principalmente no terreno da educação não formal do que em contextos escolarizados;
- b) tem trabalhado mais com a população adulta do que com população infantil, além de inúmeros projetos que têm sido realizados com grupos indígenas;
- c) tem estado mais presente em áreas rurais do que urbanas, apesar de projetos e grupos que trabalham com estas últimas terem tido mais representatividade no meio, por seu acesso à imprensa;

- d) tem enfoques mais ligados ao desenvolvimento social e comunitário, do que às vertentes de cunho conservacionista e científico .

Como vimos, afirmar a importância do fortalecimento da EA em espaços não escolarizados, não significa, contudo, que no seu desenvolvimento essa não tenha ganhado importantes contribuições do campo da educação e vice-versa, principalmente com relação aos aspectos pedagógicos, didáticos, críticos e éticos do processo de ensino-aprendizagem referentes às relações entre indivíduo-sociedade-natureza. Carvalho (2001) afirma que a politização da educação ambiental e do debate público sobre o meio ambiente está fortemente relacionada à interação destes com os movimentos sociais, que são em si espaços educativos (GOHN, 1994, BRANDÃO, 2005b) fundamentais para a democratização de nossa sociedade (SCHERER-WARREN, 1996, LOUREIRO, 2006).

Brandão (2005b) também ressalta a construção de um sujeito solidário por meio da participação em movimentos sociais e do papel destes na reinvenção do próprio significado da vida. Aspectos estes, fundamentais para a construção de uma ética que envolva o ser humano na relação com a natureza de maneira respeitosa e no âmbito do cuidado para com o planeta, com as outras pessoas e com as gerações futuras (LEFF, 2000). Uma reflexão muito significativa, por exemplo, é feita por Sauv (1999) ao tratar a educao ambiental como uma dimenso da educao contempornea, mostrando que ambas compartilham as mesmas ideias na esfera da alteridade (paz, direitos humanos, relaes interculturais), da tica (responsabilidade, cuidado tico, solidariedade), enfoques pedaggicos, em um movimento de crtica da modernidade e suas formas de promoo de uma concepo de educao reguladora.

Dessa forma, segundo a autora, a educao ambiental reconhecida sendo muito mais do que uma ferramenta para se atingir um objetivo, resolver problemas, ou mudar comportamentos, como comum, por exemplo, nos discursos sobre desenvolvimento sustentvel. Ela tambm, parte fundamental dos processos educativos de uma concepo de educao que tem como objetivo no apenas contribuir para a resoluo dos principais problemas sociais e ambientais do nosso mundo, mas tambm, para a construo de projetos transformadores da sociedade e para o desenvolvimento humano integral.

Quero apresentar ento, uma perspectiva de educao ambiental bastante relacionada prtica em ambientes no escolares, a educao ambiental realizada no

âmbito comunitário, também chamada de Educação Ambiental Popular ou Educação Popular Ambiental (BADIOLA, 2005, VIEZZER; OVALLES, 1995).

3 Educação Ambiental Popular

De acordo com Oliveira (2008a), a Educação Ambiental Popular ou Comunitária reflete aproximações entre a Educação Ambiental e a Educação Popular (EP), dois movimentos nascidos no contexto de (re)organização dos movimentos sociais no Brasil, imbuídos de desejos por liberdades democráticas e justiça social. A Educação Ambiental (EA) e a Educação Popular (EP) têm em comum tanto o contexto de formação como também aspectos éticos, conceituais e metodológicos. Buscando explicitar algumas convergências entre estes dois campos, a autora destaca cinco aspectos comuns, que apresentarei sinteticamente.

O primeiro é a *busca por novos paradigmas ou a releitura de paradigmas esboçados em outras esferas, tempos e contextos*. Segundo Oliveira (2008a, p. 3)., há vários pressupostos coincidentes entre a EP (enunciados em 1978 por Frei Betto⁴) e aqueles que vem sendo inseridos na EA, que contribuem para a construção de um pensamento diferenciado e desafiador, o pensamento complexo. São eles:

- a) a dimensão holística da realidade, enfatizando a necessidade de ter presente a teia de relações que envolve tanto o educando quanto o educador, seres em totalidade, em relação, em contradição, dotados de razão e de emoção;
- b) a dimensão ecológica, que igualmente implica em ter em conta as relações que integram um sistema, seja social, seja ambiental;
- c) as relações de gênero, sexualidade, afetividade, que também aparecem, embora nem sempre interrelacionados, em muitas abordagens de EA.

Outro ponto de convergência são as concepções de *historidade, subjetividade, alteridade e afetividade*, presentes em ambas propostas. Neste sentido, a autora se refere à perspectiva interpretativa assumida pela EP e pela EA, na qual está presente a idéia do inacabamento humano e da constante possibilidade de aprendizagem, que faz do ser humano um ser capaz de produzir sua própria história. Nesta concepção se valoriza a diversidade, a cooperação e a afetividade entre indivíduos, sociedades e natureza e as memórias, histórias e visões de mundo produzidas na vinculação das pessoas como o seu entorno sócio-ambiental.

⁴ BETO, F. (1987). Desafios da Educação Popular: as esferas sociais e os novos paradigmas da educação popular. Disponível em <<http://www.mur.com.br/download/beto.doc>>

Um terceiro aspecto confluente é a tarefa emancipatória e de politização dos sujeitos, que no caso da educação ambiental vai além da agregação de conhecimentos sobre a problemática ambiental. Essa tarefa, de acordo com a autora, se expressa na conceituação e utilização de um termo bastante recorrente, *conscientização*.

Há também uma questão fundamental em confluência, a *educação contextualizada*, pressuposto da EP, que é também fundamento da EA e vem sendo afirmado desde a Conferência Intergovernamental de Tbilisi, realizada em 1977. Nesta concepção a ação educativa deve partir do contexto do educando ou da educanda, considerando, no caso da EA, seu aspecto interdisciplinar.

O quinto aspecto aproximador descrito é a proposta de mediação de conflitos presente mais explicitamente na EP, mas também na EA. Esta proposta tem por objetivo no caso da EA trazer para discussão os conflitos sócio-ambientais existentes, ressaltando as forças e poderes envolvidos, as causas e conseqüências destes conflitos, para que se responsabilize cada sujeito ou grupo social envolvido, de acordo com os diferentes benefícios e malefícios sofridos pelos mesmos, em busca de justiça ambiental. Na argumentação da autora, a Educação Ambiental que pretende a mediação de conflitos, implica em processos educativos que desenvolvam a capacidade de diálogo e negociação, para que sejam explicitadas as contradições nas relações ser humano-sociedade-natureza.

Nesse sentido, de acordo com autora, a perspectiva de cidadania também está presente tanto na EP como na EA, e, como veremos mais adiante, tanto os movimentos sociais, quanto a educação popular e a educação ambiental tem contribuído para a desconstrução de uma concepção de cidadania individualista, passiva e restrita aos limites de cada nação, em vista de uma concepção renovada de cidadania, solidária e coletiva, ativa e planetária (SANTOS, 2005; LOUREIRO, 2002, 2006). Essas aproximações também estão presentes em outras denominações para a educação ambiental, tais como EA crítica definida por Carvalho (2004) e Guimarães (2004), EA transformadora por Loureiro (2004), EA emancipatória por Quintas (2004) e EA libertária por Lima (2004).

A Educação Ambiental Popular desenvolvida no âmbito da sociedade como um todo, ultrapassando os limites do contexto escolar, ganhou espaço e importância no debate sobre as questões ambientais em nosso país. Revendo a inserção da educação ambiental no contexto governamental, percebe-se que há “um processo de fortalecimento institucional da EA, que acompanha a crescente valorização da questão

ambiental na sociedade” (CARVALHO, 2001, p.47). No entanto, a autora ressalta a existência de uma dificuldade de manutenção e dinamização dos espaços conquistados pela EA, seja no âmbito do Estado ou da sociedade civil, pelos próprios setores envolvidos em sua origem.

Sendo assim, pesquisas que têm como foco iniciativas de Educação Ambiental realizadas em ambientes não escolares, principalmente no âmbito comunitário, como é o caso do Projeto Água Quente do qual emergiu este estudo, são de fundamental importância para o fortalecimento dos espaços da educação ambiental na sociedade civil conquistados pelo movimento ambientalista em conjunto com outros movimentos sociais.

Compreender e incentivar iniciativas comprometidas com o desenvolvimento integral do ser humano, com a democratização da sociedade e com a transformação das relações predatórias entre pessoas, suas sociedades e a natureza, intensificadas durante o último século, são de extrema importância para se aprofundar o conhecimento sobre o *papel permanente da educação ambiental no desenvolvimento das pessoas enquanto seres da vida*. Estes, no entendimento de Brandão (2005b), são seres humanos amorosamente envolvidos consigo e com o outro, seja este outro, uma mulher, um negro, uma criança, um indígena, um idoso, um adulto, um executivo, comerciante ou mesmo um bicho, um planta, um rio ou o planeta como um todo.

4 A pesquisa em educação ambiental na ação educativa

É considerada como uma tendência da pesquisa em educação ambiental sua forte relação com a ação educativa propriamente dita (FREITAS; OLIVEIRA, 2006) e um dos principais desafios das(os) pesquisadoras(es) dessa área é o processo de reflexão que permite o enlace teórico com a realidade prática, dando o caráter científico ao conhecimento que é produzido. Neste sentido, o processo de construção do objeto de pesquisa é um momento bastante especial nas atividades de investigação, cujo esforço cognitivo é fundamental para a realização de um trabalho de qualidade. Segundo Gondim e Lima (2006), uma boa maneira de problematizar a realidade visando delimitar um “recorte” do tema do trabalho é através da formulação de perguntas de pesquisa.

A construção de perguntas de pesquisa foi identificada como uma limitação do campo da educação ambiental no Grupo de Trabalho “Pesquisa em Educação

Ambiental” durante o V Congresso Ibero-Americano de Educação Ambiental. Associada a essa limitação está a dificuldade que pesquisadores(as) sentem ao identificar o que pode ser um objeto de pesquisa em educação ambiental e saber como delimitá-lo (informação verbal) . Esta foi uma das constatações apresentadas na plenária final do evento, com a finalidade de indicar a educadores(as) e pesquisadores(as) do campo questões importantes para o desenvolvimento da pesquisa em Educação Ambiental.

Essa dificuldade também foi ressaltada por Freitas e Oliveira (2006) ao analisarem o processo de seleção de trabalhos do I Encontro de Pesquisa em Educação Ambiental - EPEA. As autoras mostram que 11% dos trabalhos selecionados não apresentavam todas as premissas para serem considerados relatos de pesquisa ou ensaio crítico. Dentre as razões apresentadas para a não qualificação dos mesmos, as autoras apontam a falta de explicitação de uma questão e/ou objetivo norteador da pesquisa. Não deixam, contudo, de problematizar a própria dificuldade de se avaliar o que é ou não uma boa pesquisa em Educação Ambiental, considerando a possibilidade de muitos trabalhos de boa qualidade não terem sido aprovados, em quanto que outros trabalhos, menos elaborados, foram aceitos, dada as diferenças de interpretações, vivências e linhas acadêmicas dos membros da comissão científica. Assim, consideram esse universo limitado, mas cujas expressões precisam ser debatidas.

André (2006), ao refletir sobre avaliações do que seja uma boa pesquisa em educação, afirma que há critérios gerais, mas também específicos segundo o tipo de pesquisa (etnográfica, pesquisa-ação, entre outras). Dentre os critérios gerais, a elaboração do objeto de pesquisa é ressaltada. “Temos cobrado das pesquisas que tenham um objeto bem definido, que os objetivos e questões sejam claramente formulados [...]” (ANDRÉ, 2006, p. 52). No entanto, construir o objeto da pesquisa se constitui numa tarefa complexa, que vem se tornando um desafio a pesquisadoras(es) iniciantes (CASTRO, 2004) ou com pouco contato em um campo específico do conhecimento acadêmico, como a Educação Ambiental.

A contribuição para o campo do conhecimento formal exige um diálogo entre a realidade social e o arcabouço teórico científico existente, que transforme um objeto real em um objeto científico, ou seja “[...] em um sistema de relações expressamente construído, com uma configuração teórica consistente, contendo um universo de significações construído por meio de instrumentos conceituais adequados [...]”

(CASTRO, 2004, p. 20). Apesar desse exercício representar um momento crítico, Freitas e Oliveira (2006, p.181) afirmam que “ [...] esse é, também, um momento de construção/formação do(a) próprio(a) pesquisador(a) [...]”. Utilizam para tanto, uma extensão para o campo da formação do(a) pesquisador(a), pressupostos de Galiuzzi (2004, p.53) “ [...] o tempo de construir o foco da pesquisa representa também o próprio processo de (re)construir o educador ambiental [...]”.

Demarca-se então, a importância desse momento da pesquisa tanto para o (a) pesquisador(a), como para o próprio campo da pesquisa e da ação educativa. Isto se dá especialmente no campo da pesquisa em Educação Ambiental, cujo cenário confuso e múltiplo torna esse processo mais delicado. Sendo assim, portanto, torna-se essencial refletir melhor sobre a formação do pesquisador(a), bem como sobre a construção de uma agenda comum para a pesquisa em educação ambiental (GUITIÉRREZ, 2003).

No campo da educação ambiental a questão da construção das perguntas de pesquisa também se agrava, pois muitos dos estudos possuem fortes vínculos entre a ação e a pesquisa, sendo por vezes difícil para o(a) pesquisador(a) ou ainda participante e/ou educador(a), compreender, delimitar e explicitar a diferença e complementaridade entre estes dois campos. Como mencionei na introdução desta dissertação, a ação e a pesquisa sempre estiveram muito próximas neste estudo e, portanto, esta questão desafiadora esteve sempre presente.

5 O projeto Água Quente e alguns saberes importantes da vivência enquanto pesquisadora-educadora.

5.1 O Projeto Água Quente e as vivências como momentos de aprendizagem

O Água Quente é um projeto sócio-educativo voltado para a questão ambiental urbana da Bacia Hidrográfica do Córrego Água Quente (São Carlos/São Paulo) que foi desenvolvido por duas associações civis da cidade de São Carlos, Teia - Casa de Criação e Acquavit. Contou com patrocínio da Petrobrás pelo Programa Petrobrás Ambiental para a realização de suas atividades de 2004-2006 e em julho de 2007 teve o aditamento de contrato por mais dois anos.

O Projeto Água Quente teve como principais objetivos, em seus dois primeiros anos de atuação, contribuir para: o fortalecimento de organizações locais; a formação e capacitação de agentes comunitários; e para a recuperação ambiental da região da Bacia Hidrográfica do Córrego Água Quente. Para atingir seus objetivos, utilizou como

principal eixo condutor a formação de um coletivo composto por representantes de organizações da sociedade civil local, o desenvolvimento de ações educativas pautadas na participação e o desenvolvimento de ações de recuperação que envolvesse a comunidade da Bacia (TEIA - CASA DE CRIAÇÃO; ACQUAVIT, 2006e).

Comecei a atuar no Projeto Água Quente como educadora estagiária em outubro de 2004. Fiz parte de uma equipe multidisciplinar, cuja estrutura envolveu coordenadores, educadores, técnicos e estagiários (Figura 1). Logo no início do Projeto, entre o fim de 2004 e início de 2005, tendo como horizonte a formação de uma *rede de organizações da sociedade civil* e de um grupo para o desenvolvimento das atividades educativas do Projeto, essa equipe fez um mapeamento das organizações existentes na região da Bacia Hidrográfica do Córrego Água Quente. Depois realizou reuniões com as mesmas com a finalidade de apresentar o Projeto Água Quente e selecionar até 30 grupos para participar como bolsistas das ações do Projeto (TEIA - CASA DE CRIAÇÃO; ACQUAVIT, 2005a).

Nome	Formação/Atuação	Função na equipe
Daniel Marostegan e Carneiro	Arquitetura e Urbanismo	Coordenador Financeiro
Renata Bovo Peres	Arquitetura e Urbanismo	Coordenadora Geral
Marcelo Montañó	Gestão Ambiental	Coordenador
Luciana Guida Hein	Pedagogia	Educadora
Camila da Cunha Michelin	Biologia	Educadora
Taísa Moretti	Biologia	Educadora
Daniela Arantes Rodrigues Lopes	Arquitetura	Educadora estagiária
Sara Monise de Oliveira	Biologia	Educadora estagiária
João Moura	Produção Audiovisual	Técnico
Gabriel Feltran*	Ciências Políticas	Consultor
Luis Salles**	Produção Audiovisual	Técnico estagiário

Figura 1. Equipe do Projeto Água Quente. * Deixou a equipe ainda no início do Projeto. ** Entrou na equipe ao final do Projeto (elaborado com base em registros do Projeto Água Quente).

Assim, iniciou-se a formação de um coletivo, composto por um representante e suplentes de organizações locais, que se reuniu semanalmente durante os anos de 2005 e 2006 para construir conhecimentos de forma participativa em torno de questões relacionadas ao ambiente local (TEIA - CASA DE CRIAÇÃO; ACQUAVIT, 2005a). Esse coletivo é chamado de *grupo de agentes comunitários* e dele participei ativamente, tanto na elaboração como no desenvolvimento das atividades educativas. Assim, pude acompanhar o cotidiano do grupo de agentes e também da equipe de educadoras do Projeto Água Quente.

No início do Projeto Água Quente, quando as funções de cada pessoa da equipe não estavam bem delimitadas e o projeto estava em processo intenso de reconstrução, os 10 membros da equipe desenvolviam atividades educativas. Com o tempo, essa função

foi sendo designada com maior responsabilidade para a equipe de educadoras, composta por 3 profissionais e 2 estagiárias, sem, contudo, se perder a identidade de educador ou educadora da maioria dos membros da equipe.

Minha participação no Projeto Água Quente como educadora e pesquisadora sempre foi explicitada às pessoas da equipe e do grupo de agentes comunitários. Em todos os momentos de apresentações de pessoas ou quando surgia algum assunto relativo à pesquisa, essas condições eram relacionadas, e, por vezes, tive a oportunidade de expor sucintamente o tema de minha pesquisa. Também os convidei à assistir minha qualificação e defesa, onde estiveram presentes no primeiro momento uma agente e duas educadoras, e no segundo momento dois coordenadores, uma educadora e uma agente.

Uma outra forma importante de tornar pública as informações sobre a pesquisa, foi a publicação de uma matéria no Boletim Água Quente que discorreu sobre o objetivo geral da pesquisa e o que se esperava com os resultados dela, com tiragem de 5 mil exemplares (ANEXO 1). Elaborei também um material informativo contendo as idéias principais deste projeto de pesquisa, que foi distribuído para os representantes e outros membros de suas organizações e para a equipe do Projeto Água Quente (APENDICE 1).

As atividades educativas desenvolvidas com esse coletivo buscaram sempre integrar ação e reflexão ao longo de todo o Projeto, com o (re)conhecimento e a pesquisa sobre o ambiente local (bairros e as áreas verdes da bacia) para a discussão dos processos históricos, sociais, políticos, econômicos, ecológicos que levaram à sua formação e à daqueles que podem levar à sua transformação. Na figura 2, podemos ver de uma forma resumida, alguns tópicos e atividades trabalhadas com o grupo de agentes comunitários.

Essa convivência junto à equipe e representantes das organizações (proponentes e participantes) fez com que eu adentrasse na realidade da periferia e visse “de perto” os diversos problemas, principalmente ambientais, existentes em locais segregados. Ao mesmo tempo, essa convivência me permitiu conhecer a população que ali vive e que busca, na ação coletiva, mecanismos de luta e sobrevivência, bem como experimentar e partilhar com educadoras(es) e educandas(os) a prática da construção do saber ambiental (Figuras 3, 4 e 5).

Tópicos trabalhados	Atividades desenvolvidas
Percepção individual e coletiva do ambiente.	Mapas metais, retratos dos bairros, visitas à vários pontos da bacia do Água Quente, etc.
Formação do grupo de agentes comunitários e fortalecimento de uma rede de organizações.	Dinâmicas de apresentação das organizações, oficina de teatro do oprimido, atividades da equipe com cada organização para conversas sobre o projeto, etc.
Discussões teóricas.	Discussões sobre conceitos relacionados à bacia hidrográfica, discussão sobre a concepções de participação e mobilização social, curso sobre técnicas de engenharia naturalística etc
Levantamento do histórico de ocupação da região e das demandas ambientais atuais da população.	Discussões sobre a história da região, dinâmica participativa para levantamento de demandas coletivas, mapeamento de áreas de risco ambiental da bacia, etc.
Desenvolvimento de ações coletivas.	Plantio e formação de uma agrofloresta, mutirão para recuperação de uma erosão, eventos para as organizações e para a comunidade da região, etc.
Avaliação sobre o andamento do projeto e redefinição de metas e propostas de atividades.	Avaliação das atividades, discussões sobre os objetivos e andamento do projeto, construção de cronogramas coletivos, etc.
Produção de materiais para comunicação comunitária.	Produção de boletins, produção de um documentário, realização de oficinas e atividades com as escolas da região, etc.

Figura 2. Síntese dos tópicos e atividades desenvolvidas no Projeto Água Quente. (Elaborado com base em TEIA-CASA DE CRIAÇÃO; ACQUAVIT 2005 a, b, c e 2006 a, b, c, d)

Figura 3. Atividade *Retratos do Bairro*, em que foram discutidas fotos tiradas pelos agentes comunitários em visitas aos bairros da Bacia Hidrográfica do Córrego Água Quente. Fotografia do Banco de dados de Teia - Casa de Criação; Acquavit/ Projeto Água Quente.

Figura 4. Participação de agentes e equipe em um evento realizado na Bacia chamado Ação Comunitária, que envolve grande parte da população da região em torno de questões de cidadania. Fotografia do Banco de dados de Teia - Casa de Criação; Acquavit/ Projeto Água Quente.

A)

B)

C)

D)

Figura 5. Alguns problemas ambientais encontrados na Bacia Hidrográfica do Córrego Água Quente: A) depósito de entulho em locais inadequados; B) Nascente erodida; C) Assoreamento dos corpos d'água; D) Bairros superpopulosos com localidades em áreas de risco para moradia. Fotografia do Banco de dados de Teia - Casa de Criação

Considero que nessa convivência formamos uma *comunidade aprendente*, um coletivo que a partir de trocas (de saberes, experiências, afetos) vive momentos de aprendizagem em que pessoas ensinam aprendendo e aprendem ensinando (BRANDÃO, 2005a); e também uma *comunidade interpretativa*, que procura nessas trocas, traduzir diferentes saberes para construir sentidos e significados comuns em busca de uma compreensão acerca da realidade (AVANZI; MALAGODI, 2005).

Assim, participando dessa *comunidade aprendente e interpretativa* pude me aproximar dessa realidade e me interessei em pesquisá-la. Pude melhor percebê-la e compreendê-la, em uma ampliação de minha *leitura do mundo* (FREIRE, 1996). Vasconcellos e Brito (2006, p.130) explicam que, para Paulo Freire (1996), exercitar a leitura do mundo “[...] possibilita a decifração e a interpretação crítica e analítica das situações-limites a partir da percepção do indivíduo e da maneira como este aprendeu a se relacionar *com e no mundo*[...]”. Dessa forma estamos de acordo com Freire (1996, p.81) quando afirma que

Como educador, preciso ir ‘lendo’ cada vez melhor a leitura do mundo que os grupos populares com quem trabalho fazem de seu contexto imediato e do maior de que o seu é parte [...] não posso de maneira alguma nas minhas relações político-pedagógicas com os grupos populares, desconsiderar seu saber de experiência feito. Sua explicação do mundo de que faz parte a compreensão de sua própria presença no mundo. [...] Se, de um lado, não posso me adaptar ou me converter ao saber ingênuo dos grupos populares, de outro, não posso, se realmente progressista, impor-lhes arrogantemente o meu saber como o *verdadeiro*.

Estendemos essa consideração sobre a atitude do educador feita por Freire, também para o que vamos chamar daqui a diante de pesquisador(a)-educador(a) que, na nossa opinião não deveria assumir dois papéis em momentos diferentes, um de pesquisador(a) e outro de educador(a), mas sim um papel único, porém com responsabilidades distintas (a de pesquisar e a de educar), integradas. Nessa perspectiva, no momento em que educa e se educa, a pessoa continua sendo uma pesquisadora acadêmica e no momento em que está realizando suas atividades de pesquisa científica, não deixa de ser uma educadora. Assim, um olhar não só complementa o outro, mas também pode contradizê-lo, em um movimento de maior compreensão da realidade complexa.

Temos como perspectiva uma pesquisa que seja solidária, que busque a construção do saber com o outro e não sobre ou para o outro (BRANDÃO, 2003); que a produção do conhecimento acadêmico seja feita de maneira engajada, com o(a)

pesquisador(a) sempre atento às questões éticas, relacionadas à produção científica com movimentos sociais (ou organizações da sociedade civil), especialmente se tratando dos aspectos de poder ligados ao acesso a esta produção (SILVA, 1995); e que a formação do pesquisador(a) tenha como pressuposto que “[...] tornar-se pesquisador é parte do tornar-se pessoa cada vez mais humanizada e cidadão sempre mais comprometido [...]” (SILVA; ARAÚJO-OLIVEIRA, 2004, p.6).

Buscar as comunidades para conviver com elas, quando se pretende desenvolver pesquisas acadêmicas que pretendem o diálogo com o outro, pode trazer ganhos e aprendizagens múltiplas. Segundo Oliveira e Stotz (2004, p.15) “[...] aprende-se pessoalmente e profissionalmente, com isto ganha a pessoa que convive e ganha o conhecimento que é produzido [...]”. Para as autoras a convivência é mais do que fazer visitas, requer um envolvimento pessoal, a observação e a conversa com as pessoas”.

Nesse sentido, a convivência com o Projeto Água Quente trouxe alguns questionamentos que auxiliaram na continuidade do processo de reflexão sobre o contexto educativo e de pesquisa, tais como: Quais as características do contexto local em que estamos inseridos?; Que tipo de associações civis estão envolvidas com o Projeto Água Quente?; Qual abordagem de educação ambiental se busca na prática do Projeto Água Quente?; Como fazer pesquisa em Educação Ambiental?; Que modalidade de pesquisa utilizar?

Sendo assim, sugerimos como um aspecto importante para a construção de perguntas de pesquisa em educação ambiental na ação educativa: o reconhecimento e o comprometimento com a integração desses papéis, tendo em vista a riqueza e a ampliação do olhar que a experiência educativa pode trazer para a elaboração da pesquisa e para a formação do pesquisador, bem como a reflexividade que a pesquisa pode trazer para o fazer educativo na busca da construção de conhecimentos relevantes, tanto do ponto de vista social como científico.

5.2 Desvelando a problemática ambiental da Bacia Hidrográfica do Córrego Água Quente

Durante as atividades educativas do Projeto Água Quente com os agentes comunitários, por exemplo, aquelas que visavam exercitar a percepção ou fazer um levantamento histórico e produzir materiais, e também em atividades de visita e discussão entre a equipe, percorremos os bairros e as áreas não urbanizadas da Bacia

Hidrográfica do Córrego Água Quente para conhecer melhor a região. Tiramos fotos e buscamos compreender as características geográficas, biológicas, sociais, políticas, econômicas, de infra-estrutura e culturais da Bacia.

Logo no início o que nos chamou a atenção foi a existência de um desnível que separa as terras da Bacia Hidrográfica do Córrego Água Quente em uma região com maior altitude (à margem direita do córrego Água Quente no sentido nascente-foz - indicado com seta laranja) e outra de menor altitude (à margem esquerda - indicado com seta amarela). Com isso, os bairros localizados na região de maior altitude são separados daqueles localizados na região de menor altitude por uma encosta com remanescentes de vegetação (Figura 6).

Figura 6. Visão aérea sobre a encosta que separa as terras de maior altitude e de menor altitude da Bacia Hidrográfica do Córrego Água Quente. Fotografia do Banco de dados de Teia - Casa de Criação

Em seu todo a Bacia do Córrego Água Quente abarca total ou parcialmente 18 bairros, estando localizados na região de menor altitude os bairros *Loteamento Social Presidente Collor, Cidade Aracy (I e II) e Antenor Garcia* e na região de maior altitude os bairros *Jardim das Torres, Jardim Medeiros, Jardim Boa Vista, Mirante da Bela Vista, Jardim Beatriz, Jardim Belvedere, Jardim Santa Tereza, Jardim Martinelli, Jardim Pacaembu, Jardim das Rosas, Jardim Cruzeiro do Sul, Jardim Gonzaga, Vila Monte Carlo, Vila Conceição e Vila Santa Madre Cabrine*. Há também cerca de 30 chácaras, totalizando uma população de aproximadamente 35 mil habitantes em toda a Bacia (TEIA - CASA DE CRIAÇÃO; ACQUAVIT, 2005d).

A região de maior altitude é continuidade do restante da cidade tendo sido urbanizada primeiro do que a região de menor altitude (TEIA - CASA DE CRIAÇÃO; ACQUAVIT, 2005a) e para transporte automotivo há somente duas vias de acesso para a região de menor altitude: uma estrada asfaltada conhecida como “Serrinha”, que conecta duas regiões urbanizadas da Bacia, e uma estrada de terra, que liga uma região urbanizada na porção de maior altitude com uma área rural da porção de menor altitude.

No entanto, há inúmeros “trios”, caminhos que cruzam a região da encosta ligando a região de maior altitude com a de menor altitude, que foram feitos pelos moradores e que continuam sendo muito utilizados com a finalidade de transpor essa separação geográfica e estrutural entre as duas regiões da Bacia.

O pouco acesso dificulta a relação entre a população das duas regiões da Bacia e também a relação da população da região de menor altitude com o restante da cidade. Este tema foi debatido em um documentário produzido pelo Projeto Água Quente chamado *Na Margem...* (2006) e uma das questões tratadas no vídeo é o isolamento e preconceito sofrido por estas populações, especialmente as da região de menor altitude, em que se encontram também os bairros mais pobres da região (SÃO CARLOS. Prefeitura Municipal de São Carlos, 2002).

Em visitas a áreas mais afastadas da parte de menor altitude da Bacia e também à regiões próximas da encosta, na parte de maior altitude, nos deparamos com moradias em condições de infra-estrutura bastante precária e/ou em áreas de risco. Há bairros mais populosos e em condições piores do que outros, não sendo toda a área urbanizada da bacia homogênea quanto às condições de infra-estrutura e moradia⁵. O que

⁵ Um aprofundamento sobre esta característica pode ser encontrado em Teia - Casa de Criação e Acquavit (2005a) e em *Na Margem...* (2006).

estávamos conhecendo era uma região de periferia, com porções mais estruturadas e outras menos.

Chamamos de periferia, localidades do espaço urbano que tem como principais características: infra-estrutura precária, adensamento populacional, abrigar populações de baixa renda e ser resultante de um rápido processo de urbanização e industrialização do município ao qual faz parte (MAUTNER, 1999). Periferia significa os pontos ou regiões mais distantes do centro, entendido nesse contexto, não tanto geograficamente, mas como centro de poder da cidade, em que estão localizados comércio, bancos, prédios públicos de governo e bairros de classes médias e ricas. Sendo assim, a periferia pode estar ou não localizada distante do centro geográfico da cidade. A região da Bacia do Córrego Água Quente em São Carlos é distante do centro geográfico da cidade, porque este é também parcialmente o centro de poder. Já na cidade de São Paulo, atualmente o centro geográfico não é mais o centro de poder e sim uma “periferia” (PALLONE, 2005).

Nomear a região do Córrego Água Quente como periferia é, contudo, problemático em dois sentidos. O primeiro é que a mesma não é homogênea, como já dissemos, e portanto, possui áreas mais semelhantes a regiões de classe média. O segundo é que muitos de seus moradores não consideram que o lugar onde vivam seja uma periferia ou favela, dado o aumento de infra-estrutura nos mesmos. Sendo assim muitos o reconhecem sendo um bairro como outros da cidade. Também afirmam que o termo é associado a um sentido negativo, de precariedade e violência, que os moradores acreditam não ser muito diferente de outras regiões da cidade, portanto, consideram que a utilização do termo é prejudicial para a imagem da região e seus moradores, já que o mesmo reforça o preconceito que sofrem de outros moradores da cidade devido ao fato de serem moradores dessa região (NA MARGEM..., 2006; ÁVILA, 2006).

No entanto, mesmo sabendo da não utilização deste termo por muitos moradores, continuaremos utilizando-o, pois a formação destas localidades no contexto urbano tem uma origem específica, que não pode ser ocultada se pretende-se um processo de transformação da mesma. Nesse sentido, consideramos que é importante explicitar os problemas e potencialidades ambientais das regiões de periferia, para que processos de educação ambiental sejam feitos de forma contextualizada e crítica.

Neste sentido, pudemos observar inúmeros problemas ambientais na região, tais como: queimadas, desmatamento, depósitos inapropriados de entulho e outros resíduos sólidos, pessoas em condições precárias utilizando estes depósitos para coletar

materiais, corpos d'água poluídos, caça de pássaros, falta de espaços adequados para o lazer, criação de gado e cavalos em áreas de remanescentes de vegetação, entre tantos outros.

Alguns destes são descritos em uma análise sobre as características ambientais dessa região e relacionados com o processo de urbanização mal planejado que ocorreu na mesma. São eles: a falta e/ou má conservação de equipamentos urbanos públicos, a disposição inadequada de resíduos sólidos; a contaminação dos corpos d'água pelo esgoto; o desmatamento e queimadas dos poucos remanescentes de vegetação nativa; o aumento da violência; a densidade populacional exacerbada; a baixa escolaridade da população; os altos níveis de desemprego; entre outros (ANÁLISE..., 2002; TONISSI, 2005; TEIA - CASA DE CRIAÇÃO; ACQUAVIT 2005d)

Um estudo partindo do histórico de vida de alguns dos primeiros moradores dessa região (TEIA - CASA DE CRIAÇÃO; ACQUAVIT, 2005a) e o documentário Na Margem... (2006) argumentam que extensas áreas da bacia, principalmente à margem esquerda do rio, situada na região de menor altitude, tiveram seu processo de urbanização atrelado a práticas de clientelismo político e à construção de loteamentos sem infra-estrutura adequada, extremamente impactantes para o ambiente local, bem como lucrativos para a empresa loteadora.

A questão política na região é muito delicada, o que ficou evidente logo no início do Projeto Água Quente, quando fazíamos contatos com as organizações e por vezes fomos questionados quanto à existência de relação do Projeto com partidos políticos ou representantes do poder público. Um estudo sobre representações sociais da política feito por Laisner (1999), com moradores que não participam de organizações comunitárias da região de menor altitude da Bacia e de outras regiões pobres da cidade, mostra que existe uma gama polissêmica de concepções sobre a política, em que cabem tanto posturas alinhadas com um modelo autoritário de sociedade, em que o poder fica centrado no governo, como posturas mais democráticas, em que a população, por meio da participação ativa, busca dissolver essa concentração de poder instalada na figura do Estado.

Pode-se dizer então, com base no que visualizamos nas visitas, discutimos nas atividades, produzimos no Projeto e que pude apreender da literatura já produzida sobre a região, que, predominou no desenvolvimento urbano local uma relação predatória entre indivíduo-sociedade-natureza, que não garantiu a qualidade de vida daquela região.

Ainda assim, existem remanescentes de vegetação formando uma grande área verde próximo à encosta, na margem direita do Córrego Água Quente, também conhecida como “buracão”. Nesta área, há bastante riqueza e diversidade biológica (TONISSI, 2005), muitas pessoas utilizavam e ainda utilizam a mesma para lazer e como fonte de plantas medicinais (NA MARGEM..., 2006 e registros de atividades). Nesta região também está prevista a construção de um Parque Florestal urbano (SÃO CARLOS. Prefeitura Municipal de São Carlos, 2005), bastante discutido pelo grupo de agentes comunitários.

Outro aspecto tão importante quanto os já mencionados, é a existência de inúmeras iniciativas de organização coletiva na região da Bacia do Córrego Água Quente. A equipe do Projeto Água Quente mapeou a existência de cerca de 76 organizações locais, incluindo grupos populares, centros comunitários, grupos religiosos, escolas, associações de bairro, entre outros (TEIA-CASA DE CRIAÇÃO; ACQUAVIT, 2006e, p.06). Contudo, isso não significa que todas essas organizações permaneçam ativas, pois é provável que a dinâmica de organização social seja bastante instável, o que também pode fazer com que outras organizações tenham sido criadas. A necessidade de organização coletiva para que a falta de infra-estrutura, postos de saúde, escolas, dentre outros, fossem sanadas (pelo menos parcialmente) é um fator importante no histórico desta região, como evidencia o vídeo-documentário Na Margem... (2006).

Estes são alguns dos problemas e potencialidades identificados pela equipe do Projeto Água Quente, por vezes em conjunto com os agentes, e que foram e continuam sendo trabalhados nas atividades educativas. A esse conjunto de características relacionadas ao processo de urbanização da região, podemos denominar: *problemática ambiental urbana*.

Com certeza há outras formas de pensar o ambiente da Bacia Hidrográfica do Córrego Água Quente, ou seja, há outras relações entre indivíduo-sociedade-natureza, que não aquelas intrínsecas ao processo de urbanização desta Bacia, que poderíamos ter como foco, por exemplo, as relações de produção agrícola. No entanto, no Projeto Água Quente, o foco das ações educativas está na *problemática ambiental urbana* e continuaremos refletindo sobre ela mais adiante.

5.3 Identificando os tipos de associativismo civil envolvidos com o Projeto Água Quente

Participaram do Projeto Água Quente 33 organizações, considerando as duas organizações proponentes. Contudo este número variou ao longo do tempo, iniciando com 21 organizações, chegando a número máximo de 29 no início do segundo ano de atividades e ao seu fim com 16 organizações, além das duas organizações proponentes (TEIA - CASA DE CRIAÇÃO; ACQUAVIT, 2006e).

As organizações que o Projeto reuniu são de diferentes bairros, englobando grande parte da Bacia Hidrográfica do Córrego Água Quente (Figura 7). Dado o desnível geográfico e estrutural existente na Bacia, as organizações de 1 a 13 têm sua atuação mais direcionada para os bairros da região de maior altitude e de 14 a 31 para aqueles da menor altitude. Por isso, muitos representantes de organizações situadas nas “terras altas” não conheciam os(as) representantes das organizações situadas nas “terras baixas” e vice-versa (TEIA - CASA DE CRIAÇÃO; ACQUAVIT, 2006e).

As formas de associação e a atuação das organizações são diversas, sendo algumas com proximidades maiores e outras com atuações e formas muito diferentes. Para compreender melhor essa diversidade busquei informações sobre as organizações nos boletins publicados pelo Projeto Água Quente (TEIA CASA DE CRIAÇÃO; ACQUAVIT, 2005e,f). Nestas publicações algumas das organizações são apresentadas em matérias escritas pelos agentes e outras pessoas de cada organização.

Também recorri aos representantes e suas organizações durante uma atividade que se chamou “Apresentação do Projeto Água Quente aos grupos”, realizada com cada organização separadamente, para que houvesse uma maior interação entre as pessoas da equipe e das organizações. Dada a não permanência de algumas e a entrada tardia de outras, nem todas participaram desta atividade. Mesmo assim, foi possível fazer um mapeamento da atuação e do tipo de associação de cada organização (Figura 8). Uma síntese mais detalhada com informações da maioria das organizações pode ser encontrada no Anexo 2.

LOCAL DE ENCONTROS / SEDE DAS ORGANIZAÇÕES PARTICIPANTES DO PROJETO

Figura 7. Localização das organizações na Bacia Hidrográfica do Córrego Água Quente (Arquivos do Projeto Água Quente).

Nº	Nome da organização	Atividade principal
1	Associação de Bairro Bela Vista e outros.	Busca por melhorias nos bairros
2	Dança de Rua	Dança
3	Resgate Social	RAP
4	Capoeira Renascer no Amanhã	Capoeira
5	Simples Mortais	RAP
6	D.D.R.- Diretoria da Rima	RAP
7	Protesto	RAP
8	Capoeira Iorubá	Capoeira
9	Projeto Meninos do Aracy - GREC - Acadêmicos do Aracy	Escola de Samba
10	Estrela do Oriente	Folia de Reis
11	Teatro Tepeyac	Teatro
12	Teatro da Paróquia N. S. de Guadalupe	Teatro
13	AACTR – Associação de Arte e Cultura Tempo Real	Teatro
14	Associação Lo Fu de Kung Fu	Kung Fu
15	Conferência Santo Agostinho/ Sociedade São Vicente de Paulo	Assistência e evangelização
16	Casa da Criança/Missão Evangélica para Assistência da Criança	Assistência
17	ONG Espaço Cidadão	Busca por direitos de cidadania
18	ONG Teia - Casa de Criação	Ações sociais, culturais, educativas, ambientais e urbanísticas.
19	ONG - Acquavit	Ações em defesa das questões.
20	Agindo Localmente e Pensando Globalmente	Palestras sobre meio ambiente
21	Sagrado Coração de Jesus/ Igreja São Francisco de Assis	Evangelização e Assistência
22	Coroinhas da Igreja São Francisco de Assis	Evangelização
23	Catequese da Igreja Madre Cabrine	Evangelização
24	Pastoral da Criança – Comunidade do Antenor Garcia	Assistência
25	Paróquia Nossa Senhora de Guadalupe	Evangelização e Assistência
26	Coral da Igreja N. S. da Rosa Mística	Animação de celebrações religiosas
27	Pastoral da Sobriedade - Paróquia N. S. de Guadalupe	Evangelização e Assistência
28	Sabão Caseiro	Produção de produtos de limpeza
29	Cooperlimp	Limpeza
30	Coopercook	Alimentação
31	Cooletiva	Coleta Seletiva
32	Grupo de Mães - Aprendiz	Artesanato
33	Professores da EMEI Otávio de Moura	Educação Infantil

Figura 8. Atividades das organizações participantes do Projeto Água Quente (elaborado com base em registros do Projeto Água Quente).

No intuito de melhor compreender as formas de associativismo dos grupos envolvidos com o Projeto Água Quente, consideraremos as principais formas de associativismo para o Brasil descritas por Scherer-Warren (2002, p.42). São elas:

- *Associações comunitárias*: é por meio delas que os moradores encaminham suas reivindicações para a melhoria da infra-estrutura do bairro ou da comunidade de referência; para a melhoria da qualidade de vida (na saúde, educação, lazer, meio ambiente, etc); para reconhecimento de suas tradições culturais (pela promoção de eventos, festas, festivais, etc). Pode-se incluir nessa categoria desde as antigas Sociedades de Amigos de Bairro, os Conselhos comunitários, as mais recentes associações de Bairro, de Moradores e de Favelados e grupos locais de defesa cultural.
- *Mútua-ajuda*: são geralmente grupos de ações de solidariedade para minimizar o sofrimento ou carências de segmentos sociais específicos (crianças de rua, idosos, aidéticos, alcoólatras, doentes pobres, atingidos por enchentes, etc). Frequentemente, situam-se na fronteira entre o associativismo assistencialista (a filantropia propriamente dita) e o associativismo de defesa da cidadania.
- *Associações de classe*: sindicatos e associações de profissionais que lutam pela defesa de uma categoria específica de trabalhadores.
- *Organizações Não Governamentais*: trabalham a serviço de outros grupos carentes, em prol da defesa ou conquistas em torno de problemas específicos (meio ambiente, mulher, negro, direitos humanos, etc), normalmente através de mediações de caráter educacional, político, assessoria técnica, apoio material ou logístico para o desenvolvimento socioeconômico, o bem-estar social ou a construção da cidadania de populações-alvo. Têm institucionalidades próprias, com registro civil como entidades sem fins lucrativos, públicas, porém não estatais.
- *Organizações de defesa da cidadania*: distinguindo-se das ONGs, são grupos sem institucionalidade, (registro em cartório), que se definem pela construção de identidades específicas ou de valores, lutando pelo seu reconhecimento na esfera pública, pela melhoria da qualidade de vida e pela defesa de direitos (de gênero, ecológicos, étnicos, juvenis, etc).
- *Associativismo de base religiosa*: a base organizacional do grupo realiza-se em conexão com uma religião institucionalizada, em que seus sujeitos identificam-se com os princípios normativos desta (Comunidades Eclesiásticas de Base, Pastorais, etc).

Utilizando essa tipificação, conseguimos identificar o tipo de associativismo da maioria das organizações (Figura 09). Contudo, aquelas com atividade voltada para geração de emprego renda e cultura, não parecem ser contempladas por este tipo de classificação, apesar de estarem subentendidas pela autora em associação de *mútua-ajuda* e *comunitárias* respectivamente. Isto porque possuem uma atuação muito diferenciada do restante das organizações que consideramos ser destes tipos.

Nº	Nome da organização	Atividade principal	Total de organizações
1	Associação de Bairro Bela Vista e outros.	Associações Comunitárias	1
2	Dança de Rua	Organizações culturais	13
3	Resgate Social		
4	Capoeira Renascer no Amanhã		
5	Simples Mortais		
6	D.D.R.- Diretoria da Rima		
7	Protesto		
8	Capoeira Iorubá		
9	Projeto Meninos do Aracy - GREC - Acadêmicos do Aracy		
10	Estrela do Oriente		
11	Teatro Tepeyac		
12	Teatro da Paróquia N. S. de Guadalupe		
13	AACTR – Associação de Arte e Cultura Tempo Real		
14	Associação Lo Fu de Kung Fu		
15	Conferência Santo Agostinho/ Sociedade São Vicente de Paulo	Organizações de Mútua-ajuda	2
16	Casa da Criança/Missão Evangélica para Assistência da Criança		
17	ONG Espaço Cidadão	Organizações Não Governamentais	3
18	ONG Teia - Casa de Criação		
19	ONG - Acquavit		
20	Agindo Localmente e Pensando Globalmente	Organizações de defesa da cidadania	1
21	Sagrado Coração de Jesus/ Igreja São Francisco de Assis	Associativismo de base religiosa	7
22	Coroinhas da Igreja São Francisco de Assis		
23	Catequese da Igreja Madre Cabrine		
24	Pastoral da Criança – Comunidade do Antenor Garcia		
25	Paróquia Nossa Senhora de Guadalupe		
26	Coral da Igreja N. S. da Rosa Mística		
27	Pastoral da Sobriedade - Paróquia N. S. de Guadalupe		
28	Sabão Caseiro	Organizações de geração de emprego e renda.	5
29	Cooperlimp		
30	Coopercook		
31	Cooletiva		
32	Grupo de Mães - Aprendiz		
33	Professores da EMEI Otávio de Moura	Associação de Classe	1

Figura 09. Formas de organização presentes no Projeto Água Quente (elaborado com base em registros do Projeto Água Quente)

Um aspecto que consideramos distintivo, no caso das organizações de geração de emprego e renda, é a profissionalização de seus membros, que nos parece criar uma identidade muito diferente daquela dos outros grupos de mútua-ajuda, em que o desenvolvimento dos membros é em nível espiritual e enquanto pessoa. Trataremos esses grupos em uma categoria separada, que denominamos *Organizações de geração de emprego e renda*, que inclui cooperativas formais, bem como grupos informais que buscam construir alternativas de inserção no mercado de trabalho.

Para a categoria *Associações Comunitárias*, acreditamos que a principal diferença entre os grupos que desenvolvem atividades culturais e aqueles, cujo formato se aproxima a Associações de Bairro, de Moradores ou de Favela, seja o nível simbólico da atuação das organizações culturais. Este também está presente nas organizações do segundo tipo, se pensarmos em termos de cultura política, mas focado em ações relacionadas à infra-estrutura dos bairros. Assim nesse trabalho, consideramos essa forma de associativismo em uma categoria distinta, *Organizações culturais*, que podem ser grupos formais ou informais que desenvolvem ações culturais, podendo envolver processos educativos e também trabalhos comunitários.

Quanto ao caso da escola poderíamos classificá-la como uma instituição governamental, não fazendo parte, portanto, do conjunto que nos interessa. Contudo, devemos ressaltar o fato de poder haver uma mobilização interna de seus membros, em especial de professores, para pensar a atuação da escola em um âmbito mais comunitário. Tal possibilidade nos faz então considerá-la como uma associação de classe, porém, com uma ressalva quanto à prática efetiva desse processo organizacional no caso da escola envolvida.

Lembramos que a classificação das organizações participantes do Projeto Água Quente e a sugestão dessas novas categorias para algumas associações, têm o intuito de nos auxiliar na compreensão das formas de organização social com quem estamos desenvolvendo o trabalho. Nesse sentido, representa apenas um exercício de ampliação do olhar, na tentativa de agrupar as organizações de acordo com características comuns e não uma proposta de reestruturação da tipificação proposta por Scherer-Warren (2002), pois o objetivo desta pesquisa não era realizar um estudo aprofundado das características de cada organização. Lembrando que, nesta fase da pesquisa ainda não havia um objetivo bem delimitado.

Realizamos esse exercício porque o associativismo civil e os movimentos sociais são formas de participação dos cidadãos na esfera pública. A vivência nesses espaços

possibilita a formação de identidades coletivas e ideários comuns, aspectos necessários para a demanda coletiva de direitos e para a criação de novos valores e normas para vida societária. Nesse sentido, essas formas de organização social interessam para o campo da Educação Ambiental, que pretende o desenvolvimento de práticas e mentalidades com responsabilidade sócio-ambiental (LOUREIRO, 2004; CARVALHO, 2004, GUIMARÃES, 2004; LIMA, 2004).

Consideramos, portanto, um aspecto fundamental para a pesquisa em Educação Ambiental construída junto à prática educativa, que o(a) pesquisador(a)-educador(a) busque minimamente conhecer a função social dos grupos envolvidos com o seu trabalho, para que compreenda melhor o contexto de sua atuação.

5.4 Identificando a especificidade da educação ambiental do Projeto Água Quente

Uma questão que emergiu da prática e nos fez pensar sobre o que a mesma significaria no campo da pesquisa em educação ambiental foi a compreensão da postura político-pedagógica do Projeto Água Quente, que foi se constituindo no decorrer do processo, apresentando como princípios a participação e a autonomia.

Em uma reunião entre membros da equipe do Projeto Água Quente, chamada Espaço Reflexão (realizada 08/04/05), esse assunto foi discutido em maior profundidade, tendo como tema Participação e Segregação: foco na abordagem educacional do Projeto. Os textos base para a reflexão foram “Justificativa da Pedagogia do Oprimido” de Paulo Freire (2005), “Uma aventura intelectual” de Jacques Rancière (2002) e “Notas sobre os Judeus como participantes de uma relação de estabelecidos-outsiders” de Norbert Elias (2001). Essas discussões, que versaram sobre emancipação, participação popular e as relações entre nós educadores(as)-equipe e eles(as) educandos(as)-agentes comunitários(as), permitiram compreender que a educação ambiental, que estava sendo adotada pelo grupo no qual eu estava inserida, era abordada numa perspectiva próxima à da educação popular, mesmo não havendo a utilização dos termos Educação Ambiental ou Educação Ambiental Popular pela equipe.

Até quase o final dos dois primeiros anos do Projeto Água Quente as ações dessa natureza eram descritas como sócio-educativas voltadas para questões ambientais e não como atividades de EA. Da mesma forma, as educadoras não se denominavam ou eram chamadas de educadoras ambientais. Mesmo não havendo a denominação de EA para as ações sócio-educativas do Projeto, consideramos que assim sejam, pois a equipe

buscava ações que contribuíssem com a conscientização e a emancipação da comunidade local perante seu ambiente de inserção, trabalhando as relações entre indivíduo-sociedade-natureza. Dessa forma, identificamos que sua perspectiva aproxima-se em princípios e fundamentos da Educação ambiental popular, descrita no item 3 desse capítulo.

Consideramos que esse tenha sido um momento fundamental para a construção das perguntas de pesquisa, pois acreditamos que a explicitação da perspectiva político-pedagógica que se assume na prática educativa e de pesquisa seja importante para a busca de caminhos coerentes entre o aporte teórico que o(a) pesquisador(a)-educador(a) possui e reconstrói em sua prática de pesquisa ou desenvolve em sua prática educativa.

5.5 Descobrindo as controvérsias e limitações do campo da pesquisa e da formação em educação ambiental

Sabendo que a educação ambiental popular busca “ [...] promover processos de transformação não só das condicionantes socioambientais, mas também dos sistemas de saberes e dos paradigmas do conhecimento[...]” (OIVEIRA, 2008a) busquei abordagens/tipos de pesquisa que fossem coerentes com a perspectiva que havia adotado, da educação ambiental popular. A primeira dificuldade que encontrei foi em compreender o que exatamente era a pesquisa em educação ambiental.

No campo da educação ambiental, segundo Gutiérrez (2003), essa tarefa é bastante complicada porque, em primeiro lugar, há uma diversidade e multiplicidade no campo das práticas de educação ambiental, orientadas por diferentes posicionamentos político-pedagógicos. Guimarães (2000) afirma que existe um embate, que reflete o conflito traçado no próprio campo ambiental. Também sugere Carvalho (2002), ao propor o sentido da palavra *ambiental* em EA não como adjetivo, mas como termo substantivo, referente às lutas e críticas ao modelo de desenvolvimento atual.

O segundo ponto destacado pelo autor é a multiplicidade e diversidade no próprio campo da pesquisa em educação ambiental, com profissionais de diversas formações de origem (Pedagogia, Biologia, Geografia, Psicologia, Sociologia, etc), que carregam consigo tradições na forma de produzir conhecimento de suas “tribos”. Baseado em González-Gaudiano⁶ (2000) e Hardy⁷, Gutiérrez (2003, p.88) afirma que

⁶ GONZÁLEZ-GAUDIANO, E. (2000) Complejidad en Educación Ambiental. *Tópicos en Educación Ambiental*, v.2, n.4, p. 21-32.

a complexidade intrínseca ao campo, somada à demanda de comunicação intrafronteiriça entre as tradições disciplinares e formativas das/os pesquisadoras/es, sob diversas escolas de pensamento, fazem do campo que ocupamos, um espaço privilegiado para o caos conceitual e a incerteza epistemológica.

Como bióloga, mestranda em Ciências da Engenharia Ambiental, na linha de Educação Ambiental, com ênfase na relação entre educação ambiental e movimentos sociais, me senti bastante insegura, pois não vislumbrava contribuições de minha área de formação inicial e suspeitei estar adentrando mais do que deveria no campo das Ciências Sociais, ao interessar-me pela atuação das organizações da sociedade civil. Sauv (2000), contudo, afirma que para definir o que pesquisa em Educao Ambiental imprescindvel definir antes o que se entende por EA.

Nesse sentido, concordamos com Sauv (1999); Sauv⁸ (1997 *apud* SAUV, 2000) ao afirmar que a EA uma prtica pedaggica que tem sua ao voltada para as relaes estabelecidas entre indivduo-sociedade-natureza. Nesta concepo, o ambiente reconhecido como “[...] um eco-scio-sistema caracterizado pela interao entre seus componentes biofsicos e sociais estando os dois tipos de componentes necessariamente presentes em uma questo chamada ambiental [...]” (GOFFIN⁹, 1993 *apud* SAUV, 2000, p. 52). Definida a concepo de educao ambiental, a autora faz um detalhamento sobre as possibilidades de enfoque na pesquisa em educao ambiental, que pode tanto ser na ao ou no processo educativo em si ou em aspectos relacionados, como no caso de estudos sobre representaes sociais de meio ambiente.

Compartilhando da definio para a Educao Ambiental de Sauv, contida nos trabalhos mencionados, e ciente da complexidade e interdisciplinaridade do campo (CARVALHO, 1998). Percebemos ento, que o foco desta pesquisa poderia ser direcionado para as relaes entre indivduos-sociedade-natureza relativas problemtica ambiental urbana, dando nfase aos aspectos educativos relacionados. Isso exigiu uma postura de pesquisa que partisse das cincias humanas (campo novo para mim) e o direcionamento de meu olhar para a relao entre as prticas educativas ambientais e as organizaes da sociedade civil.

⁷ HARDY, J. (1999). Chaos in Environmental Education. *Environmental Education Research*, v.5, n.2, p. 125-142.

⁸ SAUV, L. (1997). Pour une ducation relative l’environnement. 2.ed. Montral, Gurin.

⁹ GOFFIN, L. L’environnement comme co-socio-systme, en M. Lariaux (dir.) *Populations et dveloppement: approche globale et systmique. Lourvain-La-Neuve et Paris*. Academia Bruylant et l’Harmattan, p. 199-230, 1998.

Assim, pudemos buscar como fazer a pesquisa em educação ambiental popular dentro do próprio campo de produção da área e em áreas afins. Acreditamos que este tenha sido um processo de questionamento fundamental para que fosse possível compreender o campo da educação ambiental como um todo e dar continuidade na pesquisa com a escolha de uma abordagem adequada.

Sendo assim, gostaríamos de ressaltar a importância de se refletir sobre a formação do(a) pesquisador(a)-educador(a) ambiental para que este(a) consiga encontrar aportes em sua formação inicial que possam auxiliá-lo(a) no desenvolvimento de pesquisas e ações educativas nessa área, bem como identificar lacunas, que indiquem quais habilidades e conhecimentos o(a) profissional necessita desenvolver.

5.6 Buscando abordagens e a modalidades de pesquisa adequadas

Dada a característica dialógica e participativa da Educação Ambiental Popular, perceptíveis por exemplo nos enfoques e técnicas apontados por Viezzer e Ovalles (1995), uma das abordagens de pesquisa bastante utilizada tem sido a participativa. Isto, principalmente, nas modalidades ‘pesquisa-ação’ e ‘pesquisa participante’, não apenas com fim acadêmico, mas também para a produção de conhecimento mais amplamente (OLIVEIRA, 2005).

No âmbito acadêmico, Tozoni-Reis (2003) sugere a pesquisa-ação-participativa como uma das modalidades de pesquisa qualitativa mais apropriadas. Pois, esta é coerente com uma estratégia de Educação Ambiental que pretende uma interação democrática na organização social dos indivíduos para garantir uma relação responsável com o ambiente em que vivem. A autora ainda alerta que é fundamental conectar a coleta de dados de pesquisa com a ação educativa em que o pesquisador está inserido, problematizando-a. Sendo assim, procuramos na investigação-ação-participativa os caminhos para a prática de pesquisa. No entanto, algumas questões que emergiram da prática frearam a concretização dessa decisão.

O primeiro fator que nos fez repensar essa busca foi o resultado do segundo “Espaço Reflexão” do Projeto Água Quente, realizado em 24/06/05 (ainda no primeiro ano de trabalho) e cujo tema era “Pesquisa em Educação Ambiental/Temas de mestrado”. Em um primeiro encontro dessa discussão, eu e outra educadora do Projeto levantamos (junto ao resto da equipe) questões que poderiam ser melhoradas na prática

pessoal de cada educador(a) e que eram vistas como importantes para o desenvolvimento da ação sócio-educativa.

No segundo encontro expusemos nossas idéias de pesquisa com a intenção de relacioná-las às ações educativas desenvolvidas pelo Projeto Água Quente e discutirmos alguns aspectos da educação ambiental e da pesquisa participante, embasados pelas leituras de “Conflitos socioambientais e Cidadania: Qual é o tema da Educação Ambiental?” de Layrargues (1999), “O 'Ambiental' como valor substantivo: uma reflexão sobre a identidade da Educação Ambiental” de Carvalho (2002) e “Pesquisar-Participar” de Brandão (1999).

As questões levantadas foram de várias ordens, desde questionamentos sobre como promover o diálogo entre conhecimento científico e popular, passando por questões relativas ao processo de moderação e de ensino-aprendizagem no coletivo de agentes, até questões relacionadas à avaliação de possíveis transformações em decorrência do Projeto Água Quente, inclusive extrapolando o grupo de agentes comunitários, chegando até outros membros de suas organizações.

Quanto à relação entre a ação da pesquisa e a ação sócio-educativa do Projeto, apesar de a apresentação das pesquisas para os(as) agentes ter sido bastante incentivada pela equipe, esta teve dificuldade em visualizar formas de articular as práticas de pesquisas com o cotidiano do Projeto Água Quente, propondo um certo distanciamento entre as mesmas. “[...] Foi sugerido que os momentos de coleta de dados das investigações fossem diferentes dos realizados pelo Projeto, a fim de não confundir ou prejudicar os trabalhos em andamento” (TEIA -CASA DE CRIAÇÃO; ACQUAVIT, 2005b, p. 8).

Somando-se a isso, a realidade possuía também algumas características que dificultavam o exercício da pesquisa-ação ou pesquisa participante:

- 1) A demanda por pesquisa científica pertencia à mim e à outra educadora, mas não à equipe ou coletivo de agentes comunitários;
- 2) Apesar de sermos duas pesquisadoras no Projeto Água Quente interessadas em educação ambiental, não conseguimos desenvolver propostas conjuntas, pois tínhamos orientações de docentes diferentes e não formávamos uma equipe (dupla) de pesquisa.
- 3) O Projeto Água Quente tinha uma carga horária bastante exigente para os(as) agentes comunitários, o que restringia a possibilidade de desenvolver

atividades contínuas de discussão e ação em momentos além daqueles do Projeto.

Como poderia eu conduzir, então, um processo coletivo de construção de conhecimento, com uma proposta de ação social, compartilhando com educadoras e agentes comunitárias(os) o processo da pesquisa, se esta não era considerada uma demanda do grupo, não podendo, portanto, se inserir nas atividades cotidianas do mesmo? Tomamos por certo, então, que a modalidade da pesquisa-ação ou da pesquisa participante não era a que se encaixaria nesse contexto, dado o tempo restrito para a execução de uma pesquisa de mestrado. Optamos por fim, pela pesquisa do tipo colaborativa, que “[...] em todo ou em parte, recorre a um ou vários atores da situação estudada para chegar aos objetivos definidos pelo pesquisador (ou pela equipe de pesquisa)[...]” (SAUVÉ, 2000, p. 58, tradução nossa).

Portanto, entendemos que um outro aspecto importante para a pesquisa em EA envolvida com a prática educativa, é a busca por uma articulação teórico-metodológica coerente (FREITAS; OLIVERA, 2006) e também a verificação da viabilidade e aceitação da modalidade de pesquisa escolhida, para que a mesma atenda às necessidades do(a) pesquisador(a) e também dos sujeitos sociais com quem se realiza a pesquisa.

5.7 Buscando questões na prática educativa que alimentassem a prática de pesquisa: a construção das perguntas de pesquisa

Durante esse primeiro ano de convivência no Projeto Água desenvolvi grande interesse pelo trabalho com coletivos da sociedade civil, tanto pelas leituras em Educação Ambiental e em Educação Popular que havia feito, como pela convivência com as organizações da Bacia nas atividades do Projeto. Pensando esse Projeto do ponto de vista da educação ambiental popular, comecei a perceber então, que havia um ponto delicado na realização do mesmo, que já havia sido alvo de discussão em reuniões de educadores e reuniões gerais da equipe, com mais profundidade no II Seminário de Equipe, atividade de avaliação realizada em 20/08/05.

A atenção da equipe foi chamada, em um primeiro momento, pela participação pouco efetiva de parte dos(as) agentes e a pouca aproximação de outras pessoas das organizações nas atividades do Projeto. De acordo com a equipe isto poderia indicar que “[...] o Projeto estava trabalhando com ‘indivíduos’ por meio dos agentes e não com

‘grupos’ [...]” (TEIA -CASA DE CRIAÇÃO; ACQUAVIT, 2005c, p.9), não atingindo, portanto, o nível coletivo das organizações.

Ao final do primeiro ano de Projeto, esse aspecto era uma preocupação da equipe, pois pretendia-se a formação de uma rede de organizações e não apenas de um grupo de pessoas. Surgiam perguntas tais como: “Se temos um grupo de indivíduos, o que falta para atingirmos os grupos?” (anotações do caderno de coordenação). Essa pergunta passou então a nortear ações que direcionaram algumas atividades do Projeto Água Quente objetivando o fortalecimento das organizações, aspecto ainda pouco trabalhado, segundo a avaliação realizada.

A equipe do Projeto passou a direcionar esforços para conhecer melhor outras pessoas das organizações e suas atividades. Nesse movimento, passou-se a incentivar os representantes para que convidassem outros membros de suas organizações para atividades mais contínuas como, por exemplo, plantio e manutenção de uma agrofloresta para recuperação de uma área degradada. Também foi realizado um encontro com cada organização, chamado de *Apresentação do Projeto Água Quente às organizações participantes*, e ao final do segundo ano de Projeto um encontro com os membros das organizações em que foram realizadas discussões coletivas acerca de temas de interesse das mesmas.

Pessoalmente, acompanhei a atividade de *Apresentação do Projeto Água Quente às organizações participantes* para melhor conhecê-las e mapear a inserção da temática ambiental na atuação de cada uma. A atividade consistiu em um encontro da equipe com cada organização, em que o representante e uma educadora conversavam com os outros membros das organizações sobre os objetivos do Projeto e as atividades que vinham sendo realizadas (Figura 10). Durante essa atividade inseri uma pergunta aos participantes sobre o desenvolvimento de atividades relacionados ao meio ambiente pelas organizações. Após explicar minha inserção no Projeto Água Quente enquanto pesquisadora-educadora e os objetivos de minha pesquisa, verifiquei o interesse e disponibilidade dos membros das organizações em participar da pesquisa.

Esse processo demandou um longo tempo (de setembro de 2005 a junho de 2006) e ainda assim, não envolveu todas as 24 organizações que estavam participando do Projeto Água Quente no período, principalmente pela dificuldade de se agendar encontros com as mesmas. Em alguns casos, também não pude, por diversos motivos, acompanhar a atividade, o que reduziu para 14, o número total de organizações com as quais foi possível realizar o mapeamento.

Os resultados desse mapeamento (Figura 11) nos permitiram identificar a ausência ou pouca reflexão sobre esse aspecto no âmbito da maioria das organizações. Mesmo havendo muitos relatos de atividades relacionadas à temática ambiental, prevaleceu a explicitação de ações/reflexões no nível individual e particular, com apenas alguns exemplos no nível coletivo e/ou público. Somando-se a isso, nós da equipe nos perguntávamos qual o real interesse dessas organizações em participar de um projeto sócio-ambiental? Exceto a organização Pensando Globalmente Agindo Localmente, as organizações não têm como foco principal a questão ambiental em sua atuação, nem se definem como ambientalistas. São organizações que atuam com cultura, geração de emprego e renda, evangelização, assistência e cidadania.

Figura 10. Apresentações do Projeto Água Quente aos membros das organizações participantes do Projeto Água Quente. Fotografia Teia Casa de Criação e Acquavit, banco de dados do Projeto Água Quente.

Nº	Nome da organização	Atividades relacionadas ao meio ambiente	Participação na pesquisa
1	Resgate Social	Não perguntei, mas publicaram uma música no Boletim com esse tema.	Sim
2	Simples Mortais	Não	Pediram para ver Projeto escrito para decidirem.
3	D.D.R.- Diretoria da Rima	Não	Pediram para ver Projeto escrito para decidirem.
4	Protesto	Não houve atividade	Não houve atividade
5	Capoeira Iorubá	Sim	Sim
6	Capoeira Renascer no Amanhã	Sim	Sim
7	Projeto Meninos do Aracy - GREC - Acadêmicos do Aracy	Não participei da atividade	Não participei da atividade
8	Teatro da Paróquia N. S. de Guadalupe	Não houve atividade	Não houve atividade
9	AACTR – Associação de Arte e Cultura Tempo Real	Não participei da atividade	Não participei da atividade
10	Associação Lo Fu de Kung Fu	Sim	Sim
11	Estrela do Oriente	Não	Não
12	Conferência Santo Agostinho/ Sociedade São Vicente de Paulo	Sim	Sim
13	Casa da Criança/Missão Evangélica para Assistência da Criança	Sim	Sim
14	ONG Espaço Cidadão	Não houve atividade	Não houve atividade
15	Sagrado Coração de Jesus/ Igreja São Francisco de Assis	Informação perdida	Informação perdida
16	Coroinhas da Igreja São Francisco de Assis	Não	Sim
17	Catequese da Igreja Madre Cabrine	Sim	Sim
18	Pastoral da Criança – Comunidade do Antenor Garcia	Sim, mas não específicas.	Sim
19	Paróquia Nossa Senhora de Guadalupe	Não participei da atividade	Não participei da atividade
20	Coral da Igreja N. S. da Rosa Mística	Sim	Sim
21	Pastoral da Sobriedade - Paróquia N. S. Guadalupe	Não participei da atividade	Não participei da atividade
22	Sabão Caseiro	Sim	Sim
23	Cooperlimp	Não foi possível perguntar.	Não foi possível perguntar.
24	Coopercook	Não foi possível perguntar.	Não foi possível perguntar.
25	Cooletiva	Sim	Sim
26	Grupo de Mães - Aprendiz	Não Participei da atividade	Não Participei da atividade
27	Professores da EMEI Otávio de Moura	Sim	Não perguntei

Figura 11. Mapeamento da atuação ambiental das organizações locais e de sua disponibilidade para participar da pesquisa.

Em um primeiro momento poderíamos pensar que a falta de participação coletiva da população em relação às questões ambientais pode ser decorrente de uma crise na participação popular. Um certo grau de imobilismo quanto às questões relativas ao meio ambiente e a tendência em considerá-las como demandas a serem tratadas pelos governos vêm sendo identificados em trabalhos como os de Jacobi (2000) para a capital paulistana e de Tonissi (2005) para a região da Bacia Hidrográfica do Córrego Água Quente em São Carlos.

No entanto, segundo Gohn (1994), essa aparente crise de mobilização e participação social, iniciada nos anos 90, é uma crise parcial, pois as lutas dos movimentos sociais nos anos 70 e 80 deixaram muitos ganhos para a democratização brasileira e para o fortalecimento da organização civil. A autora toma como exemplo as pressões feitas pelos movimentos sociais na reformulação da constituição em 1988. Segundo sua compreensão, o que aconteceu nos anos 90, foi que algumas mudanças políticas e estruturais no país dificultaram a participação principalmente dos movimentos sociais populares, por exemplo, com a abertura de canais de participação burocratizados. Porém, ela afirma que muitos problemas relativos à organização popular têm suas causas relacionadas principalmente a questões internas a esses movimentos, como por exemplo, a dificuldade de construir projetos políticos próprios e a dependência de assessorias externas, como de ONGs e Universidades.

Sendo assim, Gohn (1994) indica a importância em compreender os movimentos sociais populares, já que esses, junto à Educação Popular, representam importantes espaços de amadurecimento da organização das camadas mais marginalizadas da sociedade. Ainda, os movimentos sociais são considerados por Arroyo (1987) um dos espaços educativos dos mais promissores para a construção da democracia, pois é na luta por seus direitos que uma pessoa que se identifica ‘não-cidadã’ (sem direito a moradia, saúde, ambiente saudável) ou se faz cidadã. À medida que luta por direitos coletivos, contribui para uma maior democratização da sociedade.

Scherer-Warren (1996) propõe não apenas o estudo dos movimentos populares (sindicais, trabalhadores rurais, dentre outros) ou dos novos movimentos sociais (feminista e ambientalista, por exemplo) isoladamente. Mas, propõe a compreensão das articulações existentes entre os movimentos sociais, buscando identificar tensões ainda existentes entre novas e velhas orientações políticas, dentro e entre os movimentos, bem como características emergentes que sejam importantes para o desenvolvimento da cultura política da sociedade. Carvalho (2001) também ressalta que o encontro entre

movimentos sociais populares e ambientalistas teve um importante papel na década de 90, resultando numa maior ambientalização dos movimentos populares e na maior politização do movimento ambientalista, levando a uma consolidação cada vez mais ampla de uma abordagem sócio-ambiental.

Frente ao desafio apontado pela literatura da construção da sustentabilidade democrática (ACSELRAD; LEROY, 2003), partindo de uma cidadania que se pretende ambiental (SANTOS, 2005), sabendo da importância dos movimentos sociais (GOHN, 1994) ou das redes de movimentos sociais (SCHERER-WARREN, 1996) para a democratização da sociedade e, identificando na vivência prática pontos delicados da ação educativa, foi possível construir as seguintes perguntas: *Que papel a educação ambiental pode ter na construção e no fortalecimento da atuação de organizações da sociedade civil em relação ao ambiente local? Que questões estão relacionadas à apropriação da temática ambiental por organizações da sociedade civil?*

Essas perguntas foram fundamentais para definir objetivos mais precisos e dar continuidade ao processo de pesquisa, cujo próprio desenrolar contribuiu para que a equipe do Projeto repensasse algumas limitações de suas ações sócio-educativas com as organizações locais em relação à temática ambiental.

Podemos dizer então, que a habilidade do(a) pesquisador(a) em relacionar questões que emergem da prática educativa com aquelas trazidas pelo campo teórico, é também um aspecto importante para a pesquisa em EA na ação educativa. Com isso pode-se contribuir para a superação *do fascínio da ação* em busca de *rigor* científico, no campo da pesquisa, como sugere André (2006), para o exercício da *curiosidade epistemológica*, como propõe Freire (1996) para uma análise crítica da prática pedagógica e também para a construção de reflexões sobre a relevância social da pesquisa e da ação educativa. Nesse sentido, a perspectiva da multirreferencialidade nos parece ser muito interessante para reflexões como esta que apresentamos nesse capítulo, pois tem como pressuposto a utilização de outros sistemas de referências, para além do campo acadêmico, na composição do arcabouço teórico que irá fundamentar o processo de construção do conhecimento (BURNHAM, 1998).

CAPÍTULO 2: LIGANDO A TEORIA COM A PRÁTICA E VICE-VERSA.

Ninguém lê nada impunemente. E bem sabemos que quando levada a sério, toda leitura é uma aventura. Porque o simples abrir as páginas de um livro é um convite a que o saber de uma outra pessoa seja também meu, ou venha a ser um modo de pensar contrário aos dos meus. É quando corro o risco de que perguntas que ele fez, sejam agora também as minhas dúvidas. Perguntas que aprendo a fazer com ele, em busca de respostas que pensei que conhecia até começar a descobrir que ainda não sabia. Perguntas cujas respostas poderão remeter, em pequena, média ou grande escala, a alguma alternativa de investigação científica, filosófica, espiritual, artística.

Carlos Rodrigues Brandão

1 Apresentação

Neste segundo capítulo apresentarei uma revisão da literatura, tendo como propósito dar subsídios para aprofundarmos nossa reflexão sobre a Educação Ambiental e as organizações da sociedade civil no contexto urbano, relacionando com mais profundidade as questões que surgiram da prática educativa e de pesquisa com a produção teórica sobre as cidades, a cidadania, os movimentos sociais e Educação Popular e Educação Ambiental. Este texto também relata a fase *focalizada* da pesquisa, que foi realizada entre junho de 2006 e julho de 2007. Sendo assim, este capítulo traz os objetivos da pesquisa, uma descrição sobre os procedimentos metodológicos e a discussão dos resultados encontrados.

2 Introdução

Devido aos grandes problemas ambientais recorrentes nas cidades, principalmente nas cidades grandes de países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento, a *problemática ambiental urbana* tem se tornado pauta para discussão em sociedades de todo o mundo na busca pela sustentabilidade. No entanto, iniciar uma discussão sobre esse assunto que se insere na atualidade exige primeiro demarcar em qual cenário político ideológico se fundamenta o sentido da palavra *ambiental*.

O campo ambiental, ao contrário do que muitos pensam, não é um espaço argumentativo que apresenta homogeneidade em seu discurso, ideologia e, conseqüentemente, ação. Nesse sentido, utilizando-se da acepção de campo social de Bourdieu¹⁰ (1998), Carvalho (2002, p.7) afirma que esse é “ [...] um espaço de disputa pelo poder simbólico de nomear e atribuir sentido ao que seria a conduta humana desejável e um meio ambiente ideal [...]” que envolve não somente o ideário do movimento ambientalista, mas também as esferas do Estado e do mercado.

Assim, partiremos para uma reflexão sobre a *problemática ambiental urbana* com base na perspectiva para sustentabilidade que vem sendo construída pelos países da América Latina e povos oprimidos. Ao invés de citar uma definição de sustentabilidade, pois há muitas e este termo é bastante polêmico, quero destacar três aspectos importantes desta perspectiva.

O primeiro, é que esta postura necessita, segundo Larraín; Leroy e Nansen (2002), de um posicionamento crítico frente aos modelos de desenvolvimento incentivados pelos governos e agências de desenvolvimento dos países do Norte. Tais modelos são reproduzidos internamente no país pelas classes detentoras do poder político e econômico, que são incapazes de resolver problemas relativos à pobreza, degradação ambiental e legitimação da democracia¹¹.

O segundo, requer um olhar ampliado para as relações existentes no espaço urbano, caracterizadas pela segregação e injustiça ambiental como alerta Acselrad, Herculano e Pádua (2004), buscando entender a distribuição desigual dos problemas e benefícios ambientais na sociedade através dos espaços físicos e dos grupos sociais, sejam esses de classe, etnia ou gênero.

Por fim, implica na atenção especial às forças que emanam dos grupos oprimidos na busca da transformação dessas realidades urbanas para conseguir maior

¹⁰ BOURDIEU, P. (1998). *O poder simbólico*. Lisboa: Editora Difel (coleção Memória e Sociedade).

¹¹ Discussões sobre esse tema em âmbito geral podem ser encontradas em Acselrad e Leroy (2003) e mais particularmente voltada para a relação com a educação ambiental em Viezzer e Ovalles (1995), Sauvé (1997) e Carvalho (2002).

qualidade de vida como sugere Brandão (2005b) e Oliveira (2004), bem como para maior ampliação e fortalecimento dos espaços democráticos como apontado por Arroyo (1987). Estamos nos referindo aqui à sociedade civil¹², à educação popular e à educação ambiental.

São essas forças sociais que estou propondo como foco para a nossa discussão no restante dessa dissertação. Porém, antes de nos aprofundarmos melhor nelas quero apresentar algumas questões relativas à formação do espaço urbano e suas resultantes sócio-ambientais. Isto, porque essas foram determinantes para a consolidação de um padrão de cidade que enfrenta nos dias de hoje inúmeros problemas ambientais e que não garante a qualidade de vida.

No século passado, o desenvolvimento das sociedades teve como característica marcante, a aceleração do crescimento urbano e a concentração da população nas cidades. O Brasil, por exemplo, destaca-se por ter sofrido um dos processos mais rápidos de urbanização do mundo, em que a população urbana passou de 46% em 1940 para 80% em 1996, devendo chegar a 88% em 2025 (JACOBI, 2005a). O sudeste, especialmente o estado de São Paulo, possivelmente a região de maior concentração populacional em ambiente urbano do país, de modo convergente, parece também ser a região de maior concentração industrial, o que indica a existência de uma forte correlação entre a urbanização e a industrialização.

Devescovi (1985) fazendo uma revisão sobre o processo de urbanização e divisão territorial do trabalho no estado de São Paulo confirma esta relação. A autora pontua dois momentos diferentes do crescimento urbano e industrial no estado, sendo o primeiro de concentração na capital paulista que vigorou até a década de 50 e foi responsável pelo grande “inchaço” da cidade de São Paulo. A partir de então inicia-se o processo de metropolização com o grande investimento na industrialização, que cresce aceleradamente e ultrapassa os limites da capital paulistana, atingindo cidades vizinhas.

O segundo momento deu-se com o fim da forte recessão que o país enfrentou entre os anos de 1964 e 1967 e o início do período conhecido como *milagre econômico brasileiro*. Nesse período a industrialização novamente se expandiu ultrapassando os limites de seu pólo metropolitano, atingindo cidades organizadas pelos eixos viários

¹² Scherer-Warren (2006) afirma que sociedade civil e terceiro setor são diferentes, mesmo sendo às vezes tratados como sinônimos. Segundo a autora esse uso é inadequado e comporta ambigüidades. A sociedade civil inclui o terceiro setor, quando esse é designado para se referir a organizações formais sem fins lucrativos ou organizações não governamentais com interesses públicos, porém se refere à participação cidadã em um sentido mais amplo.

(Sorocaba, Campinas, São José dos Campos, entre outras) e também com menor força cidades médias do centro-leste do estado. É neste segundo movimento de industrialização e urbanização que São Carlos, assim como outras cidades médias do interior, ganha destaque no cenário estadual, não tanto por sua produção industrial agregada, mas mais pela expansão de sua malha urbana.

Apoiando-se em teorias sobre a expansão do capital e o funcionamento do sistema capitalista, a autora explica que com a industrialização e a expansão da malha urbana, a cidade pôde conectar pólos industriais com pequenos núcleos e principalmente receber mão de obra de outros locais (expulsas do campo ou dos pólos metropolitanos), unificando o mercado e homogeneizando o espaço econômico, condições necessárias para a reprodução do capital. Dessa forma, São Carlos, que possui atualmente cerca de 200.000 habitantes pertencentes a um território de 1.140 Km², é considerado hoje um município tipicamente urbano, já que 94% de sua população reside na cidade, que ocupa apenas 5 % de todo o território (SÃO CARLOS. Prefeitura Municipal de São Carlos, 2002).

Esse modelo de crescimento urbano e a elevada concentração da população nas cidades, utilizado como pressuposto para a modernização e desenvolvimento da sociedade veio acompanhado pela deterioração da qualidade de vida, principalmente naquelas de países em desenvolvimento, como o Brasil (JACOBI, 2005a). Questões como moradia, saneamento básico, resíduos sólidos, poluição do ar, violência, desemprego, educação entre outros, tornaram-se grandes entraves para a qualidade de vida no ambiente urbano.

No município de São Carlos impactos ambientais decorrentes do uso e ocupação do solo causados na Bacia Hidrográfica do Rio Monjolinho, onde se insere a maior parte da área urbana, foram avaliados por Côrtes *et al.* (2000). Os autores destacam como principais problemas para a qualidade desse ecossistema, a canalização do rio na área urbana e a descarga de esgoto doméstico e industrial.

Outro aspecto importante desses processos de urbanização ocorridos no Brasil é a segregação sócio-espacial. Esse espaço urbano em expansão não se configurou de forma homogênea e a cidade moderna acabou possuindo áreas distintas que abrigam comunidades distintas. Isto porque “ [...] não tratamos de um espaço abstrato, mas da cidade que é fruto do processo de desenvolvimento capitalista que, em essência, é desigual e demonstra essa desigualdade na contraposição entre ilhas de riqueza, e áreas urbanas miseráveis, desprovidas de qualquer benefício [...]” (PEREIRA, 2001, p. 35).

A autora explica o fenômeno da segregação sócio-espacial, mostrando que, durante a urbanização, a transformação do espaço natural em construído produz não apenas espaços, mas diferentes localidades, com características próprias e valores diferentes. Esses valores não são determinados somente pelo valor dos elementos urbanos existentes, mas também pela maior ou menor acessibilidade aos bens e serviços existentes na cidade. Pereira (2001, p.40) conclui que:

As diversas localizações urbanas, resultantes do processo de produção da cidade, assumem diferentes preços, estabelecidos pelo mercado imobiliário. As áreas melhor localizadas são mais caras e serão ocupadas pela população que têm renda para arcar com esses custos. A população de menor poder aquisitivo tende a ocupar áreas desvalorizadas no mercado imobiliário, como a periferia urbana, precária de serviços, e regiões ambientalmente frágeis – fundos de vale, encostas, áreas sujeitas à inundações, áreas de proteção ambiental.

Voltando ao processo de industrialização e urbanização no estado de São Paulo, temos que as periferias são as áreas que abrigam o grande contingente de trabalhadores, em sua maioria migrantes de outros estados e/ou da zona rural, que foram atraídos para as cidades em processo de industrialização devido à grande oferta de empregos (DEVESCOVI, 1985). Assim, essas regiões funcionam como territórios de reprodução da mão de obra necessária para a industrialização, bem como do próprio capital, através da especulação imobiliária na urbanização feita seguindo modelos lucrativos e exploradores, sendo, portanto, não um resultado de um modelo de urbanização, mas uma condição necessária para que ele se dê (MAUTNER, 1999).

Pereira (2001, p. 38), fazendo referência a Santos¹³ (1994), também lembra que

com diferenças de grau e intensidade, todas as cidades brasileiras apresentam problemas parecidos: carência generalizada de habitação, saneamento, transportes e demais serviços urbanos. Quanto à estruturação, caracterizam-se pela ocupação de vastas superfícies, entremeadas de vazios, gerando um modelo de ocupação centro-periferia, onde as carências dessa última criam diferenciais no valor da terra central e alimentam a especulação imobiliária.

Sendo assim, São Carlos também possui uma segregação sócio-espacial, que se iniciou na década de 50 (DEVESCOVI, 1985) e foi se agravando, de modo que “[...] zonas de extrema riqueza e pobreza tornaram-se mais delimitadas e perdeu-se a mistura social que havia na malha urbana [...]” (SÃO CARLOS. Prefeitura Municipal de São Carlos, 2002, p.15). Se observarmos os mapas a seguir, que versam sobre as maiores concentrações de pobreza e de riqueza em São Carlos (Figura 12), poderemos verificar

¹³ SANTOS, M. (1994) A urbanização brasileira. São Paulo: Hucitec.

que a região sul da cidade, onde se localiza a Bacia Hidrográfica do Córrego Água Quente (circulada de laranja), possuía em 1991 a maior parte de sua área urbanizada. Era ocupada por uma população em que de 50% a 70% dos chefes de família tinham rendimento muito baixo, de até 3 salários mínimos (indicada pela cor amarela) e uma pequena área em que mais de 70% dos chefes de família tinham este rendimento (indicada pela cor vermelha).

Dados do ano 2000 indicam o agravamento desse quadro, mostrando o aumento da área ocupada por uma população cuja maioria (70%) dos chefes de família possuem rendimento de até 3 salários mínimos. Em comparação ao restante da cidade, vê-se que na região do Córrego Água Quente, especialmente nas terras de menor altitude, está a maior área urbanizada da cidade que concentra a população com maior porcentagem de chefes de família com rendimento mínimo (indicada pela cor vermelha).

Região da Bacia Hidrográfica do Córrego Água Quente.

Figura 12. Maiores Concentrações da População de Alta e Baixa Renda - 1991 e 2000 (modificado de SÃO CARLOS. Prefeitura Municipal de São Carlos. 2002, p.18)

Esta região está entre aquelas que mais se urbanizou e cresceu nos últimos 30 anos no município e, como vimos no capítulo anterior, a lógica de produção deste espaço parece assemelhar-se bastante ao descrito, no qual “[...] a ocupação do solo tem sido regulada pelo interesse do mercado imobiliário, não vinculada a condições de infraestrutura, gerando problemas de mobilidade, moradia e degradação ambiental [...]” (SÃO CARLOS, Prefeitura Municipal de São Carlos. 2002, p. 24).

Em Teia - Casa de Criação e Acquavit (2005a) e no documentário Na Margem... (2006), é possível ver mais detalhes do histórico de urbanização da região, mas podemos citar como exemplo dessa lógica de urbanização predatória a irregularidade do loteamento, em que muitas pessoas ainda não possuem a escritura de seus lotes; a doação de lotes em troca de favores políticos; e desmatamentos de importantes remanescentes de vegetação.

Não há um estudo amplo de caracterização ambiental da cidade de São Carlos para além das questões de uso e ocupação do solo, que nos permita comparar as diferentes localidades (bairros - ocupados pelas classes mais ricas e bairros - ocupados pelas classes mais pobres) e saber se as condições de degradação são distintas nestes diferentes espaços. Porém, no Plano Diretor do Município uma grande área em que está inserida a bacia do Água Quente e outra área mais ao nordeste da cidade (zonas 3A e 3B da macrozona urbana) são consideradas como Zona de Recuperação e Ocupação Controlada, pois são caracterizadas por fragilidades sociais e ambientais. No artigo 32 desta lei (SÃO CARLOS, 2005 p.2) são atribuídas as seguintes características para essa Zona.

- 1 I - encostas com alta declividade.
- 2 II - solo suscetível à erosões com córregos assoreados.
- 3 III - infra-estrutura precária.
- 4 IV - parcelamentos irregulares localizados nas proximidades das encostas de alta declividade.
- 5 V - parcelamentos irregulares localizados em áreas isoladas com precariedade de interligação viária com a malha urbana consolidada.
- 6 VI - concentração de população de baixa renda.

Comparando a um amplo estudo de caracterização e percepção ambiental realizado por Jacobi (2000, p.163) para a cidade de São Paulo, quero destacar o seguinte aspecto encontrado pelo autor:

Os resultados reforçam as já bem conhecidas diferenças e desigualdades entre as áreas centrais, intermediárias e periféricas da cidade, e neste complexo contexto urbano a realidade socioambiental de uma grande parte da população está caracterizada pelas dimensões da exclusão, dos problemas, do risco, da falta de informação e de canais de participação.

O que podemos perceber na vivência do Projeto Água Quente e buscando na literatura produzida sobre urbanização e problemas sócio-ambientais no âmbito local e de maneira geral, é que em áreas de periferia os problemas ambientais estão relacionados ao mal planejamento do processo de urbanização, que segue uma lógica predatória, como parte do modelo de desenvolvimento em que nossa sociedade está se

balizando. Desta forma, concordamos com Acseirad, Herculanu e Pádua (2004, p.10) ao afirmarem que

as gigantescas injustiças sociais brasileiras encobrem e naturalizam um conjunto de situações caracterizadas pela desigual distribuição de poder sobre a base material da vida social e do desenvolvimento. A injustiça e a discriminação, portanto, aparecem na apropriação elitista do território e dos recursos naturais, na concentração dos benefícios usufruídos do meio ambiente e na exposição desigual da população à poluição e aos custos ambientais do desenvolvimento.

Portanto, mais do que pensar a problemática ambiental urbana como um problema da cidade, temos que refletir sobre ela como um problema da nossa sociedade, em que os direitos de cidadania não são minimamente garantidos, incluindo o “[...] direito ao ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida [...]” (BRASIL, 1988). A partir disso, nos deparamos com realidades em que “o desprezo pelo espaço comum e pelo meio ambiente se confunde com o desprezo pelas pessoas e pelas comunidades” (ACSELRAD; HERCULANO; PÁDUA, 2004, p.10).

3 Cidadania e a organização da sociedade civil

3.1 Quem é o(a) cidadão(ã) ?

Na Grécia clássica, cerca de dois séculos antes de Cristo, o conceito de cidadão referia-se àquele que participava da formação do governo, ou seja, àquele que tinha inferência na esfera pública. Destes, eram excluídos escravos, mulheres e outros. Na atualidade há uma linha de pensamento que considera cidadão(ã) aqueles(as) que são consumidores(as) livres e racionais (LOUREIRO, 2002). Neste sentido, podemos pensar que há muitos(as) não-cidadãos(ãs) no mundo, que representam a imensa maioria da população que possui níveis de consumo baixíssimo em relação a uma minoria consumidora. Seriam então apenas os(as) ricos(as) ou de classe média os(as) cidadãos(ãs)?

Laisner (1999) ao entrevistar moradores de regiões periféricas de São Carlos, que não são participantes de organizações da sociedade civil, incluindo pessoas de alguns bairros da Bacia Hidrográfica do Córrego Água Quente, encontrou como um dos resultados sobre as representações de cidadania uma forte vinculação ao aspecto econômico, em que ser pobre significa não ser cidadão(ã). A autora explica que a dificuldade que algumas pessoas possuem de se conceberem como cidadãos(ãs) é

decorrente de uma substituição da auto-imagem de ser cidadã(ão) pelo ser pobre, dadas as condições de empobrecimento e a não garantia dos direitos de grande parte da população. Nos parece, portanto, ser concreta a idéia de que existem pessoas que consideram apenas os(as) ricos(as) como cidadãos(ãs).

Neste sentido, parte das representações de cidadania que a autora encontrou foram: 1) a incompatibilidade entre a cidadania e a pobreza, pelo fato de a última impossibilitar o acesso aos direitos da cidadania; 2) a desigualdade econômica como critério de distinção entre cidadãos e não cidadãos; 3) o respeito como base para a cidadania. “[...] Para vários entrevistados só é cidadão quem tem dinheiro no Brasil. Deste modo, não podem considerar-se cidadãos, pois só quem tem dinheiro é que consegue ter seus direitos respeitados[...]” (LAISNER, 1999, p. 83). Buffa (1987) analisando as condições de cidadania do Brasil em um contexto muito especial de véspera da nova Constituição da República Federativa de 1988, mostrou que a exclusão do acesso aos direitos para a imensa maioria dos cidadãos é fruto de um projeto societário burguês, no qual a classe popular não está inserida como sujeito de direitos, pois não é proprietária dos meios de produção, critério de civismo desse modelo.

Em contrapartida, outro resultado apontado pela autora expressa uma perspectiva diferente dessa. Alguns entrevistados se vêem como pobres e cidadãos, ressaltando uma outra dimensão da cidadania em que a idéia de garantia de condições dignas de vida e da pessoa respeitada é o eixo condutor para a representação de cidadão(ã). Neste sentido, o respeito passa pelo fato de poder “participar da sociedade”. Assim, em sua dissertação, Laisner enumera mais 3 representações da cidadania: 4) o direito de se expressar e ter a sua opinião considerada, como princípio básico para a cidadania; 5) direito de se expressar e ter a sua opinião considerada, atrelado a condições de vida digna; 6) condições de vida digna como patamar para a cidadania, enquanto fundamento para a sobrevivência material e moral.

Analisando essas duas perspectivas de cidadania, junto a diferentes representações de democracia, direitos e política que as pessoas de bairros periféricos de São Carlos possuem, a autora concluiu que algumas delas retratam o legado autoritário da sociedade brasileira, na sua trama social, político e cultural. Porém, outras apontam para novos horizontes, em que as noções de cidadania, direitos e da política sugerem significados importantes na construção da democracia, sem, contudo deixar de apresentar contradições e ambigüidades.

Portanto, há também pessoas que parecem não concordar com um “papel” subjugado e passivo de cidadão(ã), ou mesmo de não-cidadão(ã), e buscam a construção de caminhos democráticos para uma sociedade em que haja a possibilidade se tornar cidadão(ã) para além das questões econômicas. Este ponto, que reflete um posicionamento crítico perante a realidade, é fundamental para entendermos melhor a perspectiva de cidadania na atualidade, na qual, segundo Scherer-Warren (2002), ser cidadão(ã) implica necessariamente a participação na esfera pública.

3.2 A cidadania não é algo dado!

Segundo Scherer-Warren (2002, p.41) o exercício da cidadania está intimamente relacionado à participação dos sujeitos na esfera pública, que “[...] significa adquirir e garantir direitos, cumprir com os deveres sociais e, em condições consideradas adversas, buscar a conquista de novos direitos [...]”. Isto porque, como explica Santos (2005), o conceito de cidadania está em constante construção e é situado historicamente.

Retomando as transformações do conceito de cidadania e cidadão(ã) ao longo dos séculos Santos mostra que “[...] são as tradições associadas à natureza do sistema político e às circunstâncias históricas, que marcam a construção do conceito e as condições de sua transformação [...]” (SANTOS, 2005, p.42). Estas transformações refletem inclusive a dinâmica da sociedade, os conflitos, avanços e retrocessos nesse campo dos direitos (LOUREIRO, 2003, 2002). Como exemplo, o autor cita o caso do Brasil, em que segundo Carvalho¹⁴ (2001 *apud* LOUREIRO, 2003) os direitos sociais foram formalmente cedidos antes mesmo de alguns direitos políticos e civis, devido a uma política autocrática e assistencialista.

Isto nos permite compreender um pouco mais as conclusões de Laisner (1999) sobre a existência de concepções diferentes de cidadania, opostas e também ambíguas e contraditórias. Sabendo que “a cidadania é, portanto, algo que se constrói permanentemente e que se constitui ao dar significado ao pertencimento do indivíduo a uma sociedade” (LOUREIRO, 2003, p. 42), podemos compreender este fenômeno descrito por Laisner em sua dissertação, como sendo uma expressão de um campo social no conflito de ideais entre uma sociedade mais próxima ao autoritarismo e outra mais próxima da democracia. Sendo assim, como Scherer-Warren (2002, p.42), acreditamos que

¹⁴ CARVALHO, J.M. de. (2001) *Cidadania no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

a cidadania pressupõe observação de regulamentações sociais, a convivência societária e, em última instância, o reconhecimento do outro também como cidadão. Nesse sentido é que, para uma continuada construção da cidadania, pressupõe-se a participação do sujeito nas coisas públicas (na *res publica*), na busca de regulamentações que vão na direção da justiça social.

Portanto, a cidadania não é algo dado, mas algo que é constantemente transformado em um campo de tensão entre forças do Estado, do mercado e da sociedade civil. Nessa visão tripartite da realidade, é a sociedade civil, com sua multiplicidade e diversidade de segmentos da sociedade, que está preferencialmente relacionada à esfera da defesa da cidadania. Suas formas de organização em torno de interesses públicos e valores como o de gratuidade/altruísmo, a difere do Estado e do mercado, cuja orientação está relaciona à racionalidade do poder, da regulação e da economia. Sendo assim, “[...] a sociedade civil é a representação em vários níveis de como os interesses e valores da cidadania se organizam em cada sociedade para encaminhamento de suas ações em prol de políticas sociais e públicas, protestos sociais, manifestações simbólicas e pressões políticas[...]” (SCHERER-WARREN, 2006, p. 110). Neste sentido estamos de acordo com Loureiro (2002, p.74) ao fazer a seguinte afirmação.

Verificamos que o Estado, pela pressão dos movimentos sociais desde o fim do século XIX, ampliou-se com o aumento progressivo do direito à voto e à participação em organizações sociais [...]. Assim, a chamada sociedade civil abre espaço para diálogo e reivindicações e possibilita a satisfação de algumas necessidades básicas, em um processo conflituoso e desejoso de hegemonia.

Dessa forma, tem-nos animado alguns passos importantes para o controle social, dados a nível governamental com a Constituição de 1988, principalmente com a ampliação de canais de participação. Dallari¹⁵ (1999 *apud* FURRIELA, 2002) destaca os principais mecanismos de participação popular direta que podem favorecer a democratização da ordem social e política brasileira como o *projeto de lei de iniciativa popular, o referendo e o plebiscito*, além dos *conselhos comunitários* de diversas áreas como educação, saúde, ambiente etc, *audiências públicas e ações populares e civis*, que atingem os poderes legislativo, judiciário e executivo.

Especificamente com relação à educação ambiental, muito se tem avançado, por exemplo, com a elaboração de legislações e programas para o campo com a participação pública. A construção do ProMEA - Programa de Educação Ambiental do Município de São Carlos, elaborado entre 2004 e 2007 de forma coletiva e participativa por diferentes

setores da sociedade local, com a coordenação da Rede de Educação Ambiental de São Carlos (REA - São Carlos), representa uma iniciativa nesse sentido. A partir desse programa está sendo elaborada uma minuta de lei para instituir uma Política Municipal de Educação Ambiental.

No campo ambiental mais amplo, Dallari¹⁶ (1999 *apud* FURRIELA, 2002) destaca que os Orçamentos Participativos são mecanismos importantes de engajamento da sociedade na gestão das políticas públicas. “[...] Esses processos de gestão através do ingresso da cidadania organizada na máquina do Estado, possibilitam conhecer seu funcionamento e seus limites e estimula uma relação de co-responsabilização e de disputa, visando produzir consensos cada vez mais qualificados[...].” (JACOBI, 1997, p. 2). Em São Carlos, Almeida e Valêncio (2003) apontam a importância deste instrumento para discussões sobre a questão hídrica, bem como para a construção de um planejamento urbano sustentável.

Ferreira (2003) discute políticas municipais de meio ambiente como alternativas de sustentabilidade para novos padrões urbanos e Furriela (2002) traz contribuições importantes com a análise de conselhos federais e estaduais. Contudo, o fato destes espaços institucionalizados de participação existirem não significa necessariamente que eles funcionem plenamente, como afirma Furriela em seu livro, ou mesmo que sigam uma lógica para que realmente sejam efetuados processos participativos (RAHNEMA, 2000).

Quanto à participação nas políticas Scherer-Warren (2002, p. 50) ressalta que “[...] as possibilidades são múltiplas, porém devem ser constantemente avaliadas pelos representantes da sociedade civil para que sua participação não seja apenas usada como uma forma de legitimação dos desejos e interesses do poder instituído [...]”. Neste sentido, Jacobi (2005b, p.231) aponta que

a efetiva participação requer princípios para o desenvolvimento da legitimidade democrática: a igualdade e o pluralismo políticos, a deliberação e a solidariedade. Assim pode-se afirmar que, apesar de alguns avanços, a participação cidadã associada a um projeto de ampliação da esfera pública depende da capacidade de cada sociedade para ampliar a institucionalidade pública e para fortalecer a comunidade cívica.

¹⁵ DALLARI, D. A. (1999). *Direitos humanos e cidadania*. São Paulo: Moderna.

¹⁶ Idem nota 15.

Cabe aqui, uma reflexão sobre o que significa participar na esfera pública, ou mesmo, o que significa realizar processos participativos¹⁷, pois este é um ponto fundamental para o exercício democrático no contínuo processo de construção da cidadania. Obviamente, no espaço desta dissertação não será possível aprofundar muito mais este assunto, apenas iremos refletir um pouco sobre isso pensando em alguns atores destas práticas sociais.

3.3 Redes de movimentos sociais: uma perspectiva contemporânea de organização da sociedade civil na luta pela cidadania

As redes de movimentos sociais, que são uma forma de organização da sociedade civil característica em sociedades complexas, começaram a se formar no Brasil a partir da metade dos anos de 1980. Isto, quando se percebia frente à abertura política do país, as limitações da atuação política de organizações isoladas que haviam se formado durante a ditadura para construir demandas coletivas e instrumentos de luta em defesa de direitos de cidadania ou contestação do autoritarismo. Neste contexto, muitas destas organizações da sociedade civil se reorientam e passam a participar de redes mais amplas de pressão e resistência (SCHERER-WARREN, 1996).

Atualmente na sociedade civil brasileira pode-se dizer que há basicamente quatro níveis de organização para se atingir seus propósitos na esfera pública. O primeiro nível é o que a autora chama de *associativismo local*. Essas forças associativas são expressões locais e/ou comunitárias que podem ser: coletivos informais, sem nenhuma ou pouca institucionalidade, que lutam por modos de vida alternativos, por reconhecimento ou produtores de novas formas de expressão simbólica; ou coletivos formais, como as associações civis, os movimentos comunitários e sujeitos sociais envolvidos com causas sociais ou culturais do cotidiano, ou voltadas a essas bases (ONGs, núcleos de movimentos dos sem-terra, sem-teto, empreendimentos solidários), que vem também buscando se articular nacionalmente, participando de redes transnacionais de movimentos ou através articulações inter-organizacionais, este representa um segundo nível de organização (SCHERER-WARREN, 2006).

As formas de *articulação inter-organizacionais*, como os fóruns da sociedade civil, as associações nacionais de ONGs, as redes de redes “[...] se relacionam para o empoderamento da sociedade civil, representando organizações e movimentos do

¹⁷ Para uma excelente reflexão sobre a realização de processos participativos por consultorias custeadas

associativismo local [...]” (SCHERER-WARREN, 2006, p. 111). A autora afirma que a interlocução e as parcerias mais institucionalizadas entre Estado e sociedade civil se dão justamente através das formas de organização nesse nível.

O terceiro nível é o menos institucionalizado, pois apesar de ser organizado por atores dos movimentos sociais localizados, das ONGs, dos fóruns e redes de redes, expande sua abrangência para simpatizantes, por meio de grandes manifestações em praça pública. Essas são as *mobilizações na esfera pública*, que segundo a autora tem por finalidade “[...] produzir visibilidade na mídia e efeitos simbólicos para os próprios manifestantes (no sentido político-pedagógico) e para a sociedade em geral, como uma forma de pressão política das mais expressivas no espaço público contemporâneo [...]” (SCHERER-WARREN, 2006, p.111). Como exemplo a autora cita a *Marcha Nacional pela Reforma Agrária*, de Goiânia a Brasília em maio de 2005, a *Parada do Orgulho Gay*, que teve início em 1995 e ocorre todos os anos, a *Marcha da Reforma Urbana* ocorrida em Brasília em outubro de 2005, entre outras.

A *captação de recursos* materiais para a sustentação organizacional é o quarto nível, e diz respeito aos apoios financeiros que são fornecidos em especial por agências não governamentais (internacionais e nacionais) e governamentais, mas também por indivíduos, que são as contribuições advindas do campo da solidariedade cidadã.

O resultado de todo esse processo articulatório é o que é denominado, enquanto conceito teórico, de rede de movimento social. “Esta pressupõe a identificação de sujeitos coletivos em torno de valores, objetivos ou projetos em comum, os quais definem os atores ou situações sistêmicas antagônicas que devem ser combatidas e transformadas” (SCHERER-WARREN, 2006, p.113). Sendo assim, a autora defende que a rede de movimentos é também um tipo de movimento social, pois possui as características essenciais do mesmo. Estas vão sendo construídas em um processo contínuo de articulação nos níveis mencionados: a constituição em torno de uma identidade ou identificação coletiva; a definição de adversários ou opositores; e de um projeto de utopia.

Nesse sentido, sabendo que um dos horizontes do Projeto Água Quente é a formação de uma rede de associações locais e que esse nível nuclear faz parte de um processo de organização da sociedade civil maior, parto para a discussão da temática ambiental. Teremos como foco as organizações da sociedade civil, mas buscando

compreender suas relações com processos mais ampliados de organização da sociedade, como os movimentos sociais e as redes de movimentos sociais.

3.4 Movimentos sociais e a apropriação da temática ambiental

As redes de movimentos sociais promovem uma junção multiforme quando aproximam atores sociais diversificados e possibilitam o diálogo da diversidade de interesses e valores. “Ainda que esse diálogo não seja isento de conflitos o encontro e confronto das reivindicações e lutas referentes a diversos aspectos da cidadania vêm permitindo aos movimentos sociais passarem da defesa de um sujeito identitário único à defesa de um sujeito plural” (SCHERER-WARREN, 2006, p. 116). Este fenômeno propicia a construção de pautas multidimensionais, envolvendo questões econômicas, sociais, culturais, ambientais etc. A autora sugere que isto se reflete na luta pela cidadania de modo a criar uma noção de indivisibilidade dos direitos humanos, à medida que as articulações em rede de movimentos, como *O Fórum Social Mundial* (FSM) ou a *Marcha Mundial das Mulheres* (MMM), passam a debater temas transversais, relacionados a várias faces da exclusão social e a demanda de novos direitos.

As discussões sobre a questão ambiental tiveram grande importância para se repensar criticamente a cidadania, já que tem seu foco nas relações entre indivíduo-sociedade-natureza. Segundo Santos (2005), os questionamentos para uma cidadania renovada buscam repensar a soberania da política, o estilo de vida cotidiana, o sistema de valores que nos rege, os direitos humanos, a ciência, a tecnologia, o mercado, as formas de construir conhecimento, as relações entre culturas (dominantes/dominadas), as identidades associadas do neoliberalismo, as noções de tempo restritas ao tempo biológico, e por fim repensar a ética, assumindo a responsabilidade para com a natureza e as gerações vindouras.

Para essa reconstrução qualitativa e quantitativa dos direitos e do senso de responsabilidade, utiliza-se o termo cidadania ambiental (SANTOS, 2005), cidadania planetária ou ecocidadania (LOUREIRO, 2002, 2006). Baseado em trabalhos anteriores (LOUREIRO¹⁸, 2000a, 200b¹⁹) Loureiro (2002, p.76) explica que esse conceito é utilizado para

¹⁸ LOUREIRO, C.F.B. (2000a). Teoria social e a questão ambiental: pressupostos para uma práxis crítica em Educação Ambiental. In: LOUREIRO, C.F.B.; LAYRARGUES, P.P.; CASTRO, R.S. (Org). *Sociedade e meio ambiente: a educação ambiental em debate*. São Paulo: Cortez.

expressar a inserção da ética ecológica e seus desdobramentos no cotidiano, em um contexto que possibilita a tomada de consciência individual e coletiva das responsabilidades tanto locais e comunitárias quanto globais, tendo como eixo central o respeito à vida e a defesa do direito a esta em um mundo sem fronteiras geopolíticas.

Santos (2005) destaca a consagração do direito do/ao ambiente como um marco histórico fundamental para a cidadania, à medida que os cidadãos o reivindicam não como um luxo, mas como direito legítimo da vida em sociedade. No Brasil este direito foi incorporado legalmente na Constituição da República Federativa em 1988.

Em primeira instância a preocupação com as relações entre indivíduo-sociedade-natureza, foi o foco de atuação de um movimento específico, o Movimento Ambientalista. Contudo, apesar do foco desse movimento ser a questão ambiental, sua complexidade faz com que seja difícil defini-lo sinteticamente ou como um movimento único. Muitas são as formas de tratar essas relações, podendo por vezes inclusive suprimir desta concepção de ambiente com três bases que se relacionam, o indivíduo e/ou a sociedade, ou até mesmo por vezes não considerar as relações com a natureza. Um exemplo é o conjunto de movimentos que possuem o foco mais centrado na preservação de determinados ecossistemas ou espécies, no qual o ser humano é desconsiderado e o meio ambiente é retratado como sinônimo de natureza.

Estas variações na concepção do que seja a preocupação ambiental está relacionada ao tipo de ator social envolvido no movimento, seus objetivos e finalidades. Portanto, o movimento ambientalista tido pelo setor empresarial se diferencia do movimento ambientalista liderado por ONGs que, por sua vez, não é o mesmo que o movimento ambientalista composto por organizações estatais e que também não é igual ao movimento ambientalista de base religiosa.

Brandão (2005b) trabalha com as concepções de movimento elaboradas por Tourine²⁰ (1985) para perceber o movimento ambientalista em relação com os outros movimentos da sociedade, inclusive para tentar compreender no que este se aproxima a um movimento social, cultural ou histórico. Já em estudos como o de Scherer-Warren (2002) ou de Gohn (1994), o ambientalismo é identificado como um Novo Movimento, cuja idéia diretriz é “[...] estabelecer um novo equilíbrio de forças entre Estado e sociedade civil, bem como no interior da própria sociedade civil, nas relações de força

¹⁹ LOUREIRO, C.FB. (2000b) *A assembléia permanente de entidades em defesa do meio ambiente - RJ e o pensamento de esquerda: análise crítica do coletivo organizado a partir do depoimento de suas históricas lideranças estaduais*. Tese (Doutorado). Rio de Janeiro, Escola de Serviço Social, UFRJ, 2000.

²⁰ TOURAINE, A. (1985). An introduction to the study of social movements. *Social Research*, vol. 52, n.4.

entre dominantes e dominados, entre subordinantes e subordinados [...]” (SCHERER-WARREN 1996, p. 50).

No entanto, Leis e D’Amato (1995) em um artigo que busca refletir sobre a produção a respeito deste movimento, apontam a ausência do questionamento da dimensão ética e vivencial do ambientalismo, nos estudos feitos até hoje, que sendo hegemonicamente realizados pelas ciências sociais e políticas, trata-o como grupo de pressão, um novo movimento social ou um movimento histórico. Para Leis e D’Amato (1995, p.77-78)

de acordo com a primeira perspectiva, o ambientalismo seria um grupo interno ao sistema político, que se constitui a partir de uma demanda de proteção ambiental para problemas bem definidos, sem contestar ou desafiar aspectos mais normativos e gerais do funcionamento da sociedade. O ambientalismo entendido como novo movimento social significa que a questão ecológica é tratada de forma crítica e alternativa em relação à ordem existente [...]. A terceira perspectiva admite que o atual modelo de desenvolvimento é insustentável a médio e longo prazo e que as transformações necessárias supõem a existência de um movimento multisetorial e global, capaz de mudar os principais eixos civilizatórios da sociedade contemporânea.

Os autores propõem uma ampliação na forma de conceber o movimento tratando-o como um *movimento vital* em que todas as vertentes éticas e setores do ambientalismo são igualmente necessários, para a evolução do próprio movimento. Isto porque partem do pressuposto que, o sentido dos grandes acontecimentos não pode ser medido em termos de sua contribuição a um progresso social ou tecnológico, considerado independentemente do progresso moral da humanidade e da evolução da vida em geral.

No estudo supramencionado os autores apresentam as diferentes posturas éticas derivadas dos princípios que orientam os movimentos ambientalistas de diversos setores da sociedade, relacionando-as com tipos psicológicos descritos por Jung²¹ (1984) para mostrar as diferentes possibilidades de construção de identidades do ambientalismo e a complementaridade entre elas. Com este estudo torna-se mais claro a amplitude do movimento ambientalista, também enfatizada por Brandão (2005b).

O que nos interessa ao ampliar este olhar, é entender que o ambientalismo não é um movimento homogêneo, nem certamente pode ser classificado em apenas um tipo de movimento (histórico, cultural, social, vital) e por fim que ele não é um movimento do qual participam apenas sujeitos (individuais e/ou coletivos) que tem a questão ambiental

²¹ JUNG, C.G. (1984). *Tipos psicológicos*. Petrópolis: Vozes (Obras Completas, v.6).

como foco, mas também outros movimentos e organizações que se apropriam dos ideais do movimento e tratam a questão ambiental de forma transversal, como no caso de alguns movimentos populares e mais recentemente das redes de movimentos. Portanto, muitos são os atores sociais do ambientalismo, formando um conjunto mais polissêmico do que uniforme, (BRANDÃO, 2005b). Em Leis e Viola (1995, p. 135) podemos visualizar um pouco desta multiplicidade de atores sociais.

- Ambientalismo stricto sensu - organizações sociais e grupos comunitários ambientalistas de três tipos (profissionais, semiprofissionais e amadores).
- Ambientalismo governamental - agências estatais de meio ambiente nos níveis federal, estadual e municipal.
- Socioambientalismo - organizações não governamentais, sindicatos e movimentos sociais que têm objetivos sociais precípuos, mas incorporaram a dimensão ambiental em sua atuação e discurso.
- Ambientalismo científico - pessoas, grupos e instituições que realizam pesquisa científica sobre a questão ambiental.
- Ambientalismo empresarial - empresários que vinculam sua produção a certos critérios da sustentabilidade ambiental, destacadamente ao conceito de Qualidade Total e às normas ISO.
- Ambientalismo político-profissional - quadros partidários, que procuram estabelecer políticas específicas que vinculem a dimensão ambiental às políticas públicas.
- Ambientalismo religioso - representantes de religião e tradições espirituais que relacionam a dimensão ambiental à consciência do divino e do sagrado.
- Ambientalismo de educadores, profissionais de comunicação e arte - indivíduos, organizados coletivamente ou não, preocupados com o ambiente, que possuem grande capacidade de influir na consciência das massas.

Desta tipologia interessa destacar o *socioambientalismo* e o *ambientalismo religioso*, que representam a apropriação da temática ambiental por coletivos da sociedade civil, em especial os movimentos sociais comunitários. A exemplo de possibilidades de inserção da temática ambiental em lutas sociais, quero destacar os movimentos sociais no campo e indígenas, que vem buscando inserir em suas pautas e discursos questões relacionadas à apropriação desigual dos recursos naturais, à retomada de seus meios de produção e ao resgate cultural e à construção de uma ética ambiental para uma renovação de suas práticas de cultivo (LEFF, 2000).

Contudo, esta permeabilidade dos movimentos sociais populares e sindicais à preocupação ambiental apenas ganhou força a partir da década de 1990, tendo como personagem símbolo o seringueiro Chico Mendes e a luta pelas Reservas Extrativistas

no Acre. Até a década de 1980 a temática ambiental era considerada exógena e de classe média, havendo, portanto, bastante resistência de articulação entre movimentos populares e sindicais com organizações essencialmente ambientalistas (CARVALHO, 2001).

Loureiro (2006) afirma que de uma maneira geral há uma tensão interna aos movimentos sociais no que diz respeito à coalizão e aglutinação de forças em busca de objetivos comuns, que dificulta a articulação entre organizações, resultando cada vez mais em isolamentos e ações extremamente localizadas das organizações comunitárias, bem como, em pouco diálogo entre organizações e movimentos com concepções diferentes de mundo (feministas e grupos religiosos, ambientalistas e segmentos ortodoxos do movimento sindical e político de esquerda, dentre outros).

Contudo, Carvalho (2001, p.51) ressalta que o encontro entre movimentos sociais populares e ambientalistas teve um importante papel na década de 90, resultando na maior ambientalização dos movimentos populares e na maior politização do movimento ambientalista, representando um marco histórico, o surgimento da abordagem sócio-ambiental e afirma que

essas lutas/experiências sócio-ambientais evidenciam a dimensão do conflito de interesses em torno dos bens ambientais e, ao mesmo tempo, a diversidade cultural através da qual o universo popular tem construído suas próprias vias de produção de sentidos sobre o ‘ambiental’. E na medida em que o que está sendo reivindicado é o caráter público e o reconhecimento de formas culturais locais de acesso e uso aos bens ambientais, contribuem para a demarcação ambiental como uma esfera de luta por reconhecimento cultural e de direitos de cidadania.

Esta contribuição registrada pela autora pode ser um exemplo do que Leis e D’Amato (1995) chamam de complementaridade entre as vertentes do ambientalismo, que contribui para a “evolução” do movimento como um todo e da vida em si. Também ilustra uma forma de buscar a ampliação da noção de direitos humanos e cidadania de uma postura centrada no ser humano para outra, que nos integra com a natureza, como ‘seres da vida’ junto a seres não humanos. “[...] Esta é a direção em que os ‘direitos’ podem ser pensados em sua máxima extensão, para poderem ser exercidos em sua mais abrangente profundidade [...]” (BRANDÃO, 2005b, p. 198).

Neste sentido de ampliação e transformação de concepções éticas, estéticas, de valores, saberes e conhecimentos, a expressão pedagógica do ambientalismo é a educação ambiental, lembrando que a multiplicidade que vimos no ambientalismo se reflete na multiplicidade de concepções e ações de educação ambiental. Tomaremos

aqui a perspectiva crítica, pois sem ela o ambientalismo e a educação ambiental correm o risco de tornarem-se simples ativismos descontextualizados, sem reflexão sobre o contexto histórico, cultural, social, econômico e político, não contribuindo para a transformação de nossa sociedade com suas formas de expropriação e dominação do ser humano (individual ou em coletivos) e da natureza.

4 Objetivos

O objetivo geral desta etapa da pesquisa foi identificar questões relevantes no processo de apropriação da temática ambiental por organizações que atuam na Bacia Hidrográfica do Córrego Água Quente e discutir que papel a educação ambiental pode ter na construção e no fortalecimento da atuação de organizações da sociedade civil em relação ao ambiente local. Os objetivos específicos foram:

- a) Conhecer e apresentar a atuação de diferentes organizações da sociedade civil da Bacia Hidrográfica do Córrego Água Quente, cujos representantes participaram do processo sócio-educativo realizado pelo Projeto Água Quente;
- b) Levantar as atividades e discussões sobre meio ambiente já desenvolvidas ou vislumbradas por essas organizações e identificar quais relações entre a atuação da organização e a temática ambiental estão ou podem ser estabelecidas;
- c) Identificar aspectos das ações sócio-educativas realizadas pelas organizações que indiquem aproximações e distanciamentos com o campo teórico da educação ambiental.

5 Procedimentos metodológicos

5.1 Instrumentos e procedimentos para construção dos dados

Para realizar uma investigação tendo como foco as relações entre a atuação das organizações e a questão ambiental, considerei importante proporcionar momentos de reflexão coletiva sobre estes aspectos. Isto porque, durante o Projeto Água Quente este tema praticamente não foi discutido com as organizações. Sendo assim, optei por realizar momentos de pesquisa que também pudessem gerar espaços de reflexão e

discussão coletiva. Para isso, escolhi a entrevista qualitativa em profundidade e a técnica de grupo focal.

Gaskell (2003) afirma que a entrevista qualitativa em profundidade busca mapear e compreender o mundo da vida dos entrevistados, servindo para que o(a) pesquisador(a) construa um *corpus* de pesquisa, a partir do qual construirá esquemas interpretativos para compreender as narrativas dos atores em termos mais conceituais. Segundo o autor, a entrevista qualitativa fornece os dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais e seus contextos.

O grupo focal é uma modalidade de entrevista qualitativa em profundidade que é realizada com um grupo de pessoas e que permite que as mesmas interajam entre si para a construção dos dados de forma coletiva e dinâmica. O contexto de grupo propicia o surgimento de informações e “insights” que dificilmente estariam acessíveis se considerássemos cada sujeito separadamente (MORGAN²², 1991 *apud* JOVCHELOVITCH, 2000), pois um pode lembrar uma informação ou desenvolver um raciocínio partindo da fala do outro. Também permite que os participantes façam considerações e comentários acerca dos pontos de vista e das repostas dos outros participantes na formulação de suas respostas individuais (GASKELL, 2003).

Segundo este último autor, esta técnica pode ser realizada com um grupo formado por pessoas desconhecidas, porém com algo em comum, ou com pessoas conhecidas pertencentes a um mesmo grupo social. Podemos citar como exemplo professores de diferentes escolas públicas ou professores de um mesmo período e escola respectivamente. Nesta pesquisa realizamos entrevistas com grupos formados por pessoas que já se conheciam, os *grupos das organizações*. Cada coletivo a ser entrevistado possuía apenas pessoas da mesma organização, sendo uma ou duas possuidoras de um papel diferenciado de representante ou suplente no Projeto Água Quente.

Realizamos uma “rodada de entrevistas” com cada organização e após uma primeira sistematização dos dados, sentimos a necessidade de promover uma “segunda rodada” de grupos focais para repensar as interpretações construídas sobre as informações fornecidas. Sendo assim, essa segunda entrevista com cada organização configurou-se como uma discussão sobre a primeira. Para tal, propus a leitura coletiva da sistematização das informações e a discussão de pontos importantes de seu conteúdo,

²² MORGAN, D. (1991) *Focus groups as qualitative research*. London: Sage Publications.

alterando-o ou complementando-o quando necessário. A identificação de pontos importantes e a problematização dos mesmos foi feita tanto por mim, quanto pelos entrevistados.

Nos roteiros de entrevistas para grupos focais não se utilizam perguntas pré-determinadas, como se faz em levantamentos ou questionários, e sim um tópico guia ou roteiro que oriente a entrevista. “[...] Embora o conteúdo mais amplo seja estruturado pelas questões de pesquisa, na medida em que estas constituem o tópico guia, [...] as perguntas são quase que um convite ao entrevistado para falar longamente, com suas palavras e com tempo para refletir [...]” (GASKELL, 2003, p.73).

Sabido isso, elaborei um roteiro para guiar a realização dos grupos focais com as organizações com três temas gerais: 1) apresentação geral da pesquisadora, da(o) auxiliar, das idéias gerais da pesquisa e dos participantes; 2) apresentação e reflexão sobre a atuação da organização; 3) reflexões sobre as relações entre a atuação da organização e a temática ambiental (APENDICE 2).

Monitorando o uso do tempo, mas permitindo que os(as) participantes pudessem também expor suas dúvidas e questionamentos sobre os temas propostos e inserir implicitamente outros temas e sub-temas para discussão, busquei fazer com que as entrevistas durassem um período de no máximo uma hora e meia, pois após uma hora de conversa as pessoas já começavam a demonstrar sinais de cansaço, perdendo a atenção facilmente.

Todas as entrevistas foram gravadas em áudio, a maioria delas foi fotografada e registradas em um caderno de campo. Para tanto, os participantes foram informados previamente da necessidade do uso dos equipamentos e somente após o consentimento dos mesmos (APENDICE 3) é que foram iniciados os procedimentos de registro. Para isso, contei, na maioria das vezes, com o auxílio de colegas, que tinham como responsabilidade monitorar o tempo e fazer os registros fotográficos e escritos, enquanto eu conduzia a entrevista e monitorava o registro em áudio. Em quatro entrevistas utilizei também a filmagem, a título de teste.

Apesar do cuidado que deve ser tomado com o uso de equipamentos tecnológicos durante as entrevistas, para que estes não inibam os entrevistados, acreditei que estes não seriam problema, pois o uso dos mesmos foi bastante corriqueiro durante as atividades do Projeto Água Quente e, pelo menos, os representantes já estavam bastante familiarizados com eles, passando segurança ao restante dos membros das organizações. Com o intuito de criar um clima mais informal entre as pessoas e os

equipamentos, sugeri também fazermos algumas fotos das pessoas juntas para ficar como registro para as organizações. As fotos reveladas foram entregues às organizações no segundo encontro e também auxiliaram os(as) participantes a relembrem os assuntos tratados na primeira entrevista.

Considere fundamental o registro em áudio, para poder trabalhar os dados com mais precisão. Utilizei o registro fotográfico para ilustrar este material e principalmente para me auxiliar na identificação dos sujeitos entrevistados. Logicamente, em muitos trechos das entrevistas não foi possível identificar os sujeitos das falas, mas neste trabalho considere relevante diferenciar a fala de uma pessoa e de outra, independente de quem fossem, já que a técnica de grupo focal é utilizada quando se quer dar ênfase às características resultantes do processo coletivo entre os atores sociais entrevistados e não em características individuais específicas, buscando as identidades compartilhadas e conflituosas em um grupo.

Os testes de filmagem, de maneira geral, não acrescentaram qualitativamente ou quantitativamente o conteúdo das informações, com exceção de uma das entrevistas, cujo ambiente não era silencioso e o grupo ultrapassava o número máximo de pessoas (oito), que geralmente são reunidas para o trabalho com grupo focal (GASKELL, 2003). Somando-se a isso, o custo deste tipo de registro e o tempo demandado para processar o material a fim de utilizá-lo como complementação para as transcrições do áudio, me fez optar por evitar a realização de entrevistas em locais “barulhentos” e limitar a participação de no máximo 12 pessoas nas entrevistas.

O número de pessoas de cada organização que participou das entrevistas variou bastante entre uma e outra, sendo o mínimo de duas e máximo de 19. De maneira geral, na segunda rodada de grupos focais com cada organização houve um número menor de participantes, com exceção da menor organização, que, por ter apenas dois membros regulares, convidou para participar da entrevista jovens de outra organização de mesma atuação, que estão acompanhando as atividades da mesma.

5.2 Os sujeitos da pesquisa

Como o processo de realização e análise de grupos focais é trabalhoso e não necessariamente todas as organizações tinham interesse em participar da pesquisa, trabalhamos com cinco organizações participantes do Projeto Água Quente. A definição deste número e de quais seriam as organizações se deu a partir do interesse que as

mesmas demonstraram em participar da pesquisa; a diversidade de tipos de organizações, o fato de ter uma participação contínua, não apresentando indícios de que correria o risco de deixar de participar nos meses em que seria realizada a pesquisa; ter, preferencialmente, mencionado que sua atuação possui relações com a temática ambiental; e, preferencialmente, ter acompanhado o Projeto desde o início.

A análise desses aspectos foi feita com base nos resultados do mapeamento realizado na fase de vivência e reflexão sobre a vivência, apresentado no item 4.7. do capítulo 1 desta dissertação, e nas informações de acompanhamento dos grupos produzidas pela equipe do Projeto Água Quente apresentada no ANEXO 2. Cruzando as informações foi possível visualizar (Figura 13) quais seriam as organizações com maior potencial para participar da pesquisa (em **negrito**). Assim, foi feito o convite para o(a) representante de cada organização, sendo que as quatro primeiras organizações convidadas aceitaram participar da pesquisa, sendo elas: Coopercook, Resgate Social, Coral da Igreja Rosa Mística e Sociedade São Vicente de Paulo.

Na época em que iniciei os convites, não considerei interessante envolver a escola, pois a participação desta organização no Projeto Água Quente ainda apresentava-se dúbia quanto a sua representação, permanecendo a dúvida se esta pertencia ao coletivo de professores ou à instituição como um todo. Ao final da pesquisa, compreendi melhor a inserção dessa organização enquanto associação de classe, mas não foi possível realizar o grupo focal com a mesma por restrição de tempo.

Quero ressaltar uma questão que considero importante: o convite a uma das organizações proponentes. Durante o desenvolvimento desta fase, a ONG Espaço Cidadão deixou de participar, o que me levou a convidar uma das proponentes. Não havia feito o mapeamento com essas, pois conhecia mais de perto a atuação das mesmas e sabia que atuavam com a questão ambiental. Convidei então primeiramente, a Teia - Casa de Criação pelo fato de a equipe do Projeto ser constituída em sua maioria por membros desta organização e também pelo fato das atividades serem desenvolvidas nas dependências de sua sede, havendo um maior envolvimento desta, do que da ONG Acquavit com o Projeto Água Quente. O convite foi feito em assembléia geral da organização, abarcando não apenas os membros que participam do Projeto Água Quente.

Nº	Atuação	Nome da organização	Participação na Pesquisa	Atividades MA	Participação PAQ
1	Org. culturais	Resgate Social	Sim	NP (música publicada)	Contínua
2		Simples Mortais	Talvez	Não	Com dificuldade
3		D.D.R.- Diretoria da Rima	Talvez	Não	Contínua
4		Capoeira Iorubá	Sim	Sim	Com dificuldade
5		Projeto Meninos do Aracy - GREC - Acadêmicos do Aracy	Não Participei da atividade	Não Participei da atividade	Contínua, mas recente
6		AACTR – Associação de Arte e Cultura Tempo Real	Não Participei da atividade	Não Participei da atividade	Contínua, mas recente
7		Teatro da Paróquia N. S. de Guadalupe	Não houve a atividade	Não houve a atividade	Sem informação
8		Protesto	Não houve a atividade	Não houve a atividade	Contínua
9	Org. Mútua - ajuda	Conferência Santo Agostinho/ Sociedade São Vicente de Paulo	Sim	Sim	Contínua
10		Casa da Criança/Missão Evangélica para Assistência da Criança	Sim	Sim	Contínua
11	ONG	ONG Espaço Cidadão	Não houve a atividade	Não houve a atividade	Com dificuldade
12	Ass. de base religiosa	Catequese da Igreja Madre Cabrine	Sim	Sim	Contínua, mas recente
13		Coral da Igreja N. S. da Rosa Mística	Sim	Sim	Contínua, mas recente
14		Coroinhas da Igreja São Francisco de Assis	Sim	Não	Contínua
15		Pastoral da Criança – Comunidade do Antenor Garcia	Sim	Sim, mas não específicas	Com dificuldade
16		Sagrado Coração de Jesus/ Igreja São Francisco de Assis	Informação perdida	Informação perdida	Contínua
17		Paróquia Nossa Senhora de Guadalupe	Não Participei da atividade	Não Participei da atividade	Contínua
18		Pastoral da Sobriedade - Paróquia N. S. Guadalupe	Não Participei da atividade	Não Participei da atividade	Contínua
19	Org. de geração de emprego e renda	Coopercook	Sim	Sim	Contínua
20		Sabão Caseiro	Sim	Sim	Com dificuldade
21		Cooletiva	Sim	Sim	Com dificuldade
22		Cooperlimp	Não foi possível perguntar	Não foi possível perguntar	Contínua
23		Grupo de Mães - Aprendiz	Não Participei da atividade	Não Participei da atividade	Com dificuldade
24	Ass. de classe	Professores da EMEI Otávio de Moura	Sim	Sim	Contínua

Figura 13. Quadro indicativo das organizações com maior potencial de participar da pesquisa em cada categoria de atuação.

Consideramos importante convidar uma das organizações proponentes, pois se temos em mente a formação de uma rede de organizações que atuam na Bacia do

Córrego Água Quente, temos que considerar que estas são organizações. Apesar de não estarem situadas nessa bacia, possuem neste momento um papel de proponente com relação a uma idéia e a um trabalho coletivo nessa região. Esse papel é diferente do papel de convidado desempenhado até então pelas outras organizações no Projeto Água Quente, mas que não é, a meu ver, superior ao de convidado e nem externo a realidade local, podendo, inclusive, ser modificado ao longo do tempo, de um de papel de proponente para de convidado, por exemplo, em outros projetos ou ações futuras, ou mesmo para um papel mais partilhado de proposição de ações e idéias. Talvez se houvesse outra ONG participante na época, fosse interessante convidá-la também.

Embora todas as organizações tenham aceitado o convite para participarem da pesquisa, isso não significou que todos os encontros marcados para entrevistas foram concretizados. Por muitas vezes esses encontros tiveram que ser remarcados e o tempo necessário para o desenvolvimento das atividades de campo nessa fase focalizada passou dos três meses previstos para oito meses efetivos, o que modificou profundamente o andamento da pesquisa. No entanto, este prolongamento do tempo de campo da fase focalizada não foi somente devido a esse fato, mas também à necessidade de modificações no roteiro e à necessidade de complementar as entrevistas, pois inicialmente prevíamos apenas um grupo focal com cada instituição. Questões relativas ao processo de aprendizado necessário para a transcrição do material coletado também contribuíram para discrepância entre o tempo previsto e o tempo necessário para o trabalho de campo.

Não consideramos um “erro” ter prolongado o tempo de campo da fase focalizada, mas sim, uma adequação necessária, resultado da existência de uma diferença entre o que é o projeto pesquisa, objeto abstrato e ideal e o que é a sua execução, objeto concreto e real. Essa adequação faz parte do processo de aprendizado do(a) pesquisador(a), e pode ser maior ou menor de acordo com a habilidade que o(a) mesmo(a) já possui e consegue desenvolver para planejar um projeto de pesquisa para uma dada realidade e um dado tema.

5.3 O Processamento dos materiais para a análise dos dados

Para acessar as informações registradas nos grupos focais foi necessário primeiramente transcrever o material em áudio. As transcrições foram feitas por mim, com auxílio de uma amiga para a padronização e foi preciso aproximadamente 162 horas

de trabalho de transcrição para as cerca 13 horas registradas em áudio. O tempo necessário para transcrição varia de acordo com o detalhamento necessário para a análise. Potter e Wethrell²³ (1987 *apud* MYERS, 2003) sugerem para transcrições mais complexas até 20 horas de transcrição para cada hora de gravação e para aquelas mais simples apenas 4 horas de transcrição para cada hora de gravação.

No início dos trabalhos de transcrição necessitei de grandes quantidades de horas de trabalho para cada hora gravada e bastante estudo sobre processos de transcrição e codificação do material para que pudesse ter como resultado um texto escrito que mantivesse algumas características originais do texto falado. O máximo tempo necessário por hora gravada atingiu 14 horas, e depois de alguns testes e adequações essa relação de estabilizou em 8 por 1.

Rose (2002), ao discutir o processo de transcrição de materiais audiovisuais, afirma que todo processo de transcrição é um processo de redução e, portanto, é preciso fazer escolhas sobre o que será e o que não será transcrito e ter consciência de que é fundamental deixar claro o método, para que os resultados não sejam apresentados como “verdade”, mas sim como posições a serem debatidas. Nesse caso considere importante, como disse anteriormente, manter algumas características da língua falada, principalmente do processo de conversação, pois considere que os dados desta pesquisa foram sendo construídos no processo de conversação durante os grupos focais.

Dessa forma, o material que utilizaoms para analisar e discutir algumas questões relevantes sobre a apropriação da temática ambiental por organizações populares é o texto conversacional. “A conversação é um evento de fala especial: corresponde a uma interação verbal centrada, que se desenvolve durante o tempo em que dois ou mais interlocutores voltam sua atenção para uma tarefa comum, que é de trocar idéias sobre determinado assunto” (RODRIGUES, 2003, p. 21).

Ressaltar o aspecto de texto do material analisado é importante, pois isto implica reconhecer que as frases não são soltas e os conteúdos isolados, mas que existe uma relação entre eles, formando uma idéia maior que se pretende expressar. “[...] O texto é resultado de um trabalho cooperativo entre interlocutores, que o vão compondo à medida que a conversa se realiza [...]” (RODRIGUES, 2003, p. 23). Porém, segundo a autora, mesmo havendo uma relação entre as falas, o texto produzido na conversação possui algumas características próprias, que faz com que as frases se apresentem de

²³ POTTER, J.; WETHERELL, M. (1987). *Discourse and social psychology*. Beverly Hills, CA: Sage.

maneira mais independente umas com relação às outras, dificultando a identificação e classificação funcional das mesmas.

Duas características da língua “falada espontaneamente”, que quero chamar à atenção, é o planejamento passo a passo e a fragmentação. Baseada em Ochs²⁴ (1979) a autora sugere que em termos gerais a língua falada apresenta uma tendência para o não planejamento do que vai ser dito ou um planejamento local, isto é, constitui uma atividade planejada passo a passo. Na língua falada as idéias são “produzidas aos jatos”, formando conjuntos, que são as unidades de idéias, ou significativas, cujo contorno é dado pela entonação e os limites pelas pausas (CHAFE²⁵, 1979 *apud* RODRIGUES, 2003). A autora explica que no texto falado espontaneamente a passagem de uma unidade para outra é feita muito rapidamente, o que torna o processo de falar bem mais acelerado do que o de escrever.

Há outra questão que costuma se configurar como um dilema para quem transcreve materiais da fala, principalmente proferidos por grupos populares, os chamados “erros de português”. Frente a usos da língua, diferentes daqueles padronizados nas regras de concordância e plural da gramática portuguesa e também de expressões fonéticas particulares, muitos(as) pesquisadores(as) tem a dúvida sobre “corrigir” ou não “corrigir” o produto da fala de seus entrevistados no momento em que esse é transcrito. Segundo Bagno (1999), esses “erros” são variações do uso da língua, que é bem mais complexa e dinâmica do que as normas de gramática, cuja serventia deveria ser entendida como a de descrever o processo concreto do uso da língua e não para limitá-lo. Portanto segundo o autor, considerar essas variações como “erros” e as pessoas que os “cometem” como ignorantes, é possuir uma atitude preconceituosa baseada em uma crença de que existe apenas uma única língua portuguesa digna deste nome.

Contudo, algumas expressões fonéticas não correspondem ao usualmente escrito, como por exemplo, *nóis* para a palavra *nós* (sujeito da terceira pessoa do plural), o que dificultaria a identificação de algumas palavras, conseqüentemente o não reconhecimento do significante que se desejava expressar no material transcrito. Somando-se a isso, alguns fenômenos como a troca do *l* por *r*, por exemplo, de *público*

²⁴ OCHS, E. (1979). Planned and unplanned discourse. In: GIVÓN, T. (ed.). *Discourse and syntax*. New York: Academic.

²⁵ CHAFE, W.L. (1985). Linguistic differences produced by differences between speaking and writing. In: OLSON, D.R.; TORRANCE, N.; HILDYARD, A. (eds.). *Literacy, language and learning: the nature and consequences of reading and writing*. Cambridge: Cambridge University Press.

para *público*, infelizmente são vistos de maneira taxativa pelos usuários da norma culta (WHITAKER *et al.*, 2002), expondo os entrevistados a um julgamento inapropriado e desviando o foco de atenção do conteúdo das falas.

Como as questões lingüísticas não eram o conteúdo foco de meus objetivos de pesquisa, mas sim ferramentas que pudessem me auxiliar na compreensão da natureza do material de análise, transcrevi as palavras e alterei a concordância verbal de acordo com as normas da gramática, para facilitar a interpretação das mesmas, porém sem modificar a estrutura das frases, pois esta é uma característica importante da conversação que está relacionada ao não planejamento e à fragmentação da fala.

5.4 A sistematização e análise dos dados

Tendo em mãos os textos conversacionais transcritos e a clareza de algumas particularidades do mesmo, pude buscar uma forma de sistematizar e analisar o material. É claro que esse processo não foi linear e simples como parece; muito pelo contrário, envolveu construções e desconstruções de sistematizações, testes e reformulações de idéias acerca do que deveria ser analisado. Primeiramente fiz a leitura do material transcrito e sistematizei pontos centrais do conteúdo discutido para cada tópico de cada uma das entrevistas. A finalidade maior desta sistematização foi deixar explícito tópicos que não haviam sido discutidos na primeira entrevista, incompletos ou controversos.

Como o segundo grupo focal se configurou como uma complementação do primeiro, cujo interesse era por trechos da conversação e não seus conteúdos finais, a segunda sistematização envolveu a releitura dos materiais transcritos e a identificação de trechos da conversação com conteúdos interessantes de serem apresentados e discutidos. A seleção destes trechos foi feita de acordo com os objetivos do trabalho e das perguntas de pesquisa.

Primeiramente foram identificados os trechos que continham os tópicos discursivos de acordo com o roteiro utilizado, sendo os tópicos discursivos, os temas sobre os quais se está falando (BROWN; YULE²⁶, 1983 *apud* FÁVERO, 2003). Isto foi necessário porque, apesar de a conversação possuir relações de coerência entre temas gerais e subtemas, os tópicos podem ser interrompidos e depois retomados, o que é conhecido como digressão, ou pode gerar outros tópicos, o que é conhecido como

²⁶ BROWN, G.; YULE, G. (1983). *Discourse analysis*. Cambridge: Cambridge University Press.

fragmentação. Isso faz com que o texto conversacional não seja necessariamente contínuo ou se limite ao tema proposto inicialmente para a conversa (FÁVERO, 2003).

No caso de grupos focais ou entrevistas os tópicos e/ou supertópicos (temas mais gerais) são propostos pelo pesquisador para se atingir os objetivos da pesquisa e “[...] o equilíbrio entre o direcionamento do(a) pesquisador(a) e o direcionamento que o grupo dá para o desenvolvimento da discussão, varia de acordo com o objetivo da investigação [...]” (JOVCHELOVITCH, 2000, p. 224). Contudo, os(as) participantes podem também tentar decidir qual será o tema da discussão, direcionando a conversa para outros temas segundo seus próprios objetivos. Sendo assim, a direção a entrevista nunca está sob total controle do(a) pesquisador(a), mas em constantemente negociação com os participantes (MYERS, 2003). Neste sentido, sua análise deveria abarcar não só o resultado final do conteúdo, mas também seu processo de construção, que segundo esta última autora, pode revelar conexões normalmente não captadas apenas por uma análise do conteúdo final.

Para a educação ambiental este tipo de análise poderia auxiliar muito, pesquisas em que se deseja acompanhar um processo de aprendizado, por exemplo na (re)construção de concepções ou representações sociais sobre meio ambiente, natureza, ser humano, educação ambiental. A análise da conversação possui também um caráter mais reflexivo, que faz com que o(a) pesquisador(a) avalie profundamente o tipo de situação criada, a orientação dos participantes para com ela e seus próprios papéis nela como pesquisadores(as) (MYERS, 2003), o que pode trazer avanços importantes para o fortalecimento do campo da pesquisa em educação ambiental.

Contudo, dado o grande tempo necessário para uma análise aprofundada nesta modalidade, nos limitamos neste estudo apenas à identificação e discussão de trechos com a síntese ou acordo final da discussão de alguns tópicos no grupo focal. Para isso dentro de cada tópico discursivo identificado, busquei os trechos que continham as informações mais significativas, os *turnos nucleares* com valor de referência importante para a pesquisa. Na conversação os participantes revezam-se nos papéis de ouvinte e falante para atingirem um objetivo comum, a construção da conversa. Dessa forma, “pode-se caracterizar a conversação como uma série de turnos, entendendo-se por turno, qualquer intervenção dos interlocutores (participantes do diálogo), de qualquer extensão” (GALEMBECK, 2003, p.71).

Sendo assim, o autor explica que há dois tipos de turno: o *turno nuclear*, em que um(a) dos(as) interlocutores(as) faz uma intervenção para desenvolver o assunto tratado

em um fragmento do diálogo; e o *turno inserido*, em que a intervenção é breve e tem como finalidade apenas indicar que os(as) interlocutores(as) que no turno anterior desempenhavam papel de ouvintes, estavam atentas às palavras de quem estava desenvolvendo o papel de falante. Como exemplo, de *turno inserido* o autor cita as expressões *uhun*, *certo*, *exato*, *éh*, *correto*, e repetições de algumas palavras finais ou importantes proferidas no turno nuclear.

Na apresentação dos resultados do segundo objetivo desta pesquisa será possível visualizar com mais clareza o sequenciamento dos turnos nucleares e inseridos durante as conversas, nos trechos da transcrição utilizados para ilustrar a discussão.

6 Resultados e Discussão

6.1 Apresentação geral e caracterização da atuação das organizações

Como vimos anteriormente cada uma das cinco organizações que participaram da fase focalizada da pesquisa pode ser enquadrada em uma categoria diferente segundo sua estrutura e atuação. Gostaria então, de fazer uma breve apresentação de cada uma delas, com base na sistematização das informações cedidas nos grupos focais para os tópicos do roteiro relativos ao tema *apresentação e reflexão sobre a atuação da organização*. Para complementar esta apresentação, também utilizei alguns materiais produzidos pelas próprias organizações, como estatuto e textos de apresentação publicados nos Boletins do Projeto Água Quente (TEIA-CASA DE CRIAÇÃO; ACQUAVIT, 2005 e,f)

Coopercook

A Coopercook é uma cooperativa que presta serviços de culinária e tem como principal objetivo a geração de emprego e renda. É formada atualmente por 22 cooperadas, cozinheiras e auxiliares de cozinha e conta com a participação de 3 convidadas, que estão se aproximando das ações da organização (Figura 14). É uma organização formal e recebe apoio de funcionários da Prefeitura Municipal de São Carlos para captação de serviços e contabilidade.

A cooperativa atua aproximadamente desde 2002 e nesse período já prestou serviços para eventos, como coffe-break para encontros técnicos e acadêmicos, buffet para festas particulares, etc. Realizou projetos e parcerias com o governo municipal, como a Merenda Escolar do Projeto de Férias, que oferece alimentação durante o

período de atividades oferecidas nas escolas municipais para as crianças no recesso escolar. Participa também de ações de organização da Economia Solidária do município e do Projeto Água Quente.

Figura 14. Membros da Coopercook, que participaram do 1º Grupo Focal realizado com a organização.

A atuação da organização é pontual e descontínua, o que segundo as entrevistadas, dificulta o desenvolvimento da mesma e a garantia de uma renda fixa para seus membros. Outro fator que é considerado um problema é o fato de nem todos os serviços captados necessitarem do trabalho de todas cooperadas, o que faz com que nem sempre todas possam partilhar dos benefícios e que o trabalho coletivo fique fragilizado. Sendo assim, o grupo almeja conseguir trabalhar com continuidade e dispor de espaço e utensílios próprios para a prestação de serviços.

Para as entrevistadas participar da cooperativa significa uma oportunidade de se inserir no mercado de trabalho e de complementar a renda familiar por meio do trabalho coletivo. Também representa possibilidade e incentivo de maior capacitação e formação profissional, com aprendizados específicos de culinária, por meio de cursos, e também sobre organização e realização do trabalho em equipe, pela própria atuação de gerenciamento e prestação de serviços na cooperativa. Dessa forma, a participação na organização se configura como uma esperança de melhorar as condições de vida, ter um futuro melhor em termos financeiros e também sociais.

As entrevistadas afirmam que a cooperativa não possui uma interação com a comunidade em geral na qual está inserida e, portanto, acreditam que para além dos

círculos familiares e de amizade, a cooperativa é pouco conhecida pelo restante da população dos bairros em que moram as cooperadas.

Resgate Social

O Resgate Social é um grupo cultural informal, constituído hoje por 2 “rappers” que atuam cotidianamente e outros que participam de forma menos intensa (Figura 15). Atua com a composição e apresentação de rap e também com trabalhos comunitários na região em que moram, alertando as pessoas sobre os problemas sociais de nossa sociedade. Tem como principais objetivos trabalhar a auto-estima do ser humano, principalmente das pessoas discriminadas (mulheres, nordestinos, negros, brancos, homossexuais, pobres, moradores de periferia em geral); oferecer para as crianças a oportunidade de aprenderem uma cultura, afastando-as da possibilidade de se envolverem com drogas e com ações criminais; e trazer contribuições para o desenvolvimento social da comunidade da qual fazem parte.

Figura 15. Membros do Resgate Social (à direita) e do grupo em formação, Realidade de Rua, (à esquerda) que participaram do 2º Grupo Focal realizado com a organização.

O grupo começou a ser idealizado em 1997 por um dos membros, que a partir de 1998 conseguiu aglutinar outras pessoas para iniciar um trabalho concreto de rap e desenvolver ações sociais. Desde então, o grupo já compôs diversas rimas, duas relacionadas a questões ambientais, realizou alguns shows e vem buscando aprender e criar suas próprias bases²⁷ por meio de software livre. Também desenvolveu um projeto

²⁷ Base é a música que é tocada enquanto o rapper canta a sua letra. Muitos grupos ainda iniciantes compram CDs com essas bases prontas e cantam suas letras sobre elas. Segundo os entrevistados, isso gera um problema, pois em uma mesma apresentação, por exemplo, dois grupos podem utilizar a mesma

sobre Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) com um centro comunitário, acompanhou oficinas de break e realizou apresentações de seus trabalhos em escolas. Participa atualmente do Projeto Água Quente e do Projeto Ponto de Cultura, também realizado pela Teia - Casa de Criação.

Uma das questões que sempre acompanhou a reflexão que os membros do Resgate Social fazem de sua atuação é a inserção social na comunidade. Acreditam que para que o trabalho se fortaleça e para que consigam um dia ter no rap uma profissão é fundamental que o grupo não se limite apenas em realizar ensaios e shows, mas também desenvolva trabalhos com a população da qual fazem parte. Contudo, afirmam que esta é uma questão muito delicada entre os grupos de rap e que nem todos do movimento Hip Hop pensam dessa forma.

Neste sentido, se espelham em MV Bill e Rappin Hood, dois rappers que possuem uma atuação comunitária, por exemplo com projetos sociais nas escolas. Os entrevistados pretendem em um futuro próximo oferecer oficinas nas escolas para ensinar as crianças a escreverem rap. Desejam também continuar se formando e se capacitando para desenvolverem um bom trabalho de rap com enfoque social. Neste sentido gostariam de, por exemplo, aprender a regular, montar e desmontar a aparelhagem e aprender a fazer suas próprias bases.

Afirmam gostar muito do trabalho que realizam, pois se identificam com o rap e acreditam que estão contribuindo para manter a cultura Hip Hop. Evidenciam a responsabilidade social que possuem e consideram o rap essencial em suas vidas. Vêm-no como uma forma de expressão, de mostrar suas opiniões e também a de outras pessoas da comunidade sobre o mundo, sendo também uma forma de exercer política. Atuam contra os problemas sociais da periferia (crianças nas ruas envolvidas com drogas, com problemas na família, etc) e afirmam que o rap ajuda a se ter “outra visão de mundo”, uma visão de mundo que parte da perspectiva da periferia para criticar o preconceito existente nas classes média e alta com relação à classe baixa.

Buscam manter uma relação próxima com a comunidade, tanto por meio de suas músicas, como por meio de ações sociais. Um exemplo interessante citado pelos entrevistados foi uma mobilização e pressão feita por eles para que o Serviço Autônomo de Água e Saneamento da cidade resolvesse um problema de entupimento de uma via de

base para cantar suas músicas o que cria uma situação “ruim”, repetitiva e de dependência dos rappers com esse mercado.

esgoto da região. Para eles, esses são aspectos importantes não apenas para si mesmos, mas para a comunidade de maneira geral.

Além disso, valorizam o reconhecimento perante a comunidade que o trabalho com a organização vem lhes proporcionando e a oportunidade de “seguir um caminho certo em suas vidas, distante da criminalidade e das drogas”. Os entrevistados ainda explicitam que o Resgate Social significa para eles uma oportunidade de atuação profissional, pois argumentam que a escola, a faculdade e o diploma não garantem um bom emprego hoje em dia.

Coral Rosa Mística

Pertencente à Igreja Nossa Senhora da Rosa Mística, o Coral Rosa Mística é um grupo sem formalidade jurídica, tendo sido considerado recentemente como um Ministério pelo Padre responsável por esta Igreja. É composto aproximadamente por 9 membros, sendo que alguns desses também atuam em outras instâncias dessa Igreja, como em pastorais (Figura 16).

Figura 16. Membros do Coral Rosa Mística que participaram do 1º Grupo Focal realizado com a organização.

Dentre as atribuições da Igreja, a organização é responsável por preparar e realizar o canto litúrgico durante as celebrações, que necessita não só do trabalho de ensaio das músicas, mas também de estudo da liturgia. Segundo os(as) entrevistados(as), o público alvo de sua atuação é a comunidade religiosa e seu objetivo é animar as missas e outras celebrações dessa Igreja com cantos relacionados aos ensinamentos litúrgicos, trabalhando com a fé emotiva das pessoas e atraindo mais pessoas para

participarem e se comprometerem com a Igreja. De acordo com um participante, exercitar a fé emotiva significa trabalhar com as emoções, com o sentimento de adoração dos religiosos.

O grupo surgiu da demanda da própria Igreja de animar as missas e celebrações. Assim, logo que a mesma foi inaugurada no ano de 2000, um grupo de canto já foi formado. Contudo, este grupo se reestruturou e atualmente apenas alguns de seus membros são os mesmos que participaram da antiga formação. A maioria das atividades do grupo é voltada para as celebrações e missas da Igreja Nossa Senhora da Rosa Mística. Participam também das programações e eventos especiais dessa Igreja, desenvolvendo trabalhos conjuntos com outros grupos, como Grupo de Jovens, Pastoral da Criança etc. Além disso, quando o Padre é convidado para realizar uma missa em outros locais, ele convida algumas pessoas do grupo para acompanhá-lo.

Apesar de todos cantarem, muitas pessoas gostariam de fazer cursos para desenvolverem melhor esta habilidade e para aprenderem a tocar instrumentos, já que há apenas um instrumentista no grupo. Sonham também, que as pessoas do grupo não desanimem e que se mantenham unidas. Uma das entrevistadas mencionou também, o desejo de realizar mais intercâmbios com grupos de canto de outras Igrejas, para que pudessem participar mais de outras comunidades religiosas da cidade.

Para as pessoas do grupo, a atuação com o canto litúrgico está relacionada com o desenvolvimento da espiritualidade e religiosidade de cada um(a). Os(as) entrevistados(as) afirmam que para eles(as) cantar é rezar duas vezes, que através do canto podem aprender os ensinamentos passados na missa e mais do que isso, com o canto vão adquirindo um estilo de vida cristã, podendo oferecer a Deus seus dons e seu trabalho. Também relatam que o grupo é como uma família, em que um(a) dá forças para o(a) outro(a), e que com esse trabalho eles(as) têm aprendido muitas coisas, inclusive sobre a música e o canto litúrgico.

Acreditam que um aspecto importante para a comunidade da atuação do Coral Rosa Mística seja acolher as pessoas que chegam às missas. Também consideram que sejam um exemplo de união e companheirismo para a comunidade da Igreja e do bairro e por isso procuram auxiliar outros grupos da comunidade religiosa.

A Conferência Santo Agostinho é um grupo de mútua ajuda com 11 membros e não é registrado juridicamente (Figura 17). Porém, faz parte de uma organização mundial chamada Sociedade São Vicente de Paulo, que possui uma estrutura hierárquica bastante estruturada, englobando conselhos no âmbito nacional, regional, metropolitano e outros, até conferências locais. As conferências são reunidas em conselhos particulares, que geralmente estão vinculados a uma paróquia.

Figura 17. Membros da Conferência Santo Agostinho que participaram do 1º Grupo Focal realizado com a organização.

Segundo os(as) entrevistados(as), essa Conferência existe desde 1997 e atua com a promoção de pessoas ou famílias carentes para condições de vida melhores. Quando isso não é possível buscam, então, amenizar uma situação de sofrimento. Também atuam no próprio desenvolvimento espiritual de seus membros, em busca da santificação. Este é o objetivo mais amplo da organização, que envolve o objetivo mais específico de auxílio à pessoas em condições de carência material e espiritual, por meio da caridade e da evangelização.

Os(as) vicentinos(as) da Conferência Santo Agostinho acompanham famílias e pessoas com visitas semanais, em que conversam, fazem orações e auxiliam em problemas financeiros emergenciais, por exemplo, comprando um botijão de gás. Procuram também formas de fazer com que família ou pessoa consiga prosseguir seu desenvolvimento sozinha, dando apoio em algumas iniciativas, como a procura por um emprego ou iniciar a reforma da casa do(a) assistido(a).

Para avaliar e melhorar a atuação da organização há reuniões semanais, em que é discutido o trabalho realizado com cada pessoa ou família e feitas leituras que auxiliam no trabalho espiritual com os assistidos e no desenvolvimento pessoal de cada membro.

Os(as) vicentinos(as) dão assistência a famílias e pessoas em condições bem precárias, com problemas financeiros (desemprego), com problemas de saúde (doenças, vícios), com problemas de desestruturação familiar ou que moram na rua.

Para os confrades (homens) e as consócias (mulheres) entrevistados(as), ser um membro vicentino significa exercer uma vocação, ou seja, por em prática, para além das leituras e das missas, o desejo de ser útil para a sociedade. Consideram essa atuação bastante gratificante e um ganho para o desenvolvimento de cada um como pessoa, pois afirmam terem modificado suas formas de pensar e ser ao conviverem com a realidade de pessoas e famílias marginalizadas, o que fez com que dessem mais valor para os aspectos não materiais da vida.

Somando-se a isso, ressaltam o grande aprendizado que um(a) vicentino(a) passa, pois conhece outras pessoas e troca de experiências e com isso aprende a ser humilde, a olhar nos olhos, a se organizar e se expressar melhor, e a trabalhar com pessoas. Contudo, lembram que esta última é uma questão bastante delicada e uma dificuldade da atuação, pois nem sempre o que é proposto pela organização é aceito pelo assistido. Para a comunidade, acreditam que a Sociedade São Vicente de Paulo contribui oferecendo capacitação para aqueles(as) que desejam “fazer o bem” e não sabem como, ensinando como atuar com as pessoas, como ajudá-las e também como não ser enganado(a) por aqueles(as) que são mal intencionados.

Teia Casa de Criação

A Teia Casa de Criação é uma associação civil sem fins lucrativos, formada inicialmente por estudantes e recém formados, principalmente do curso de Arquitetura e Urbanismo da EESC-USP (Figura 18). Estes buscavam construir coletivamente formas de atuar profissionalmente na cidade de São Carlos, com vistas à transformação da sociedade. A sede da organização foi inaugurada em 2001 e o registro de pessoa jurídica foi realizado em 2002, mas o grupo fundador já se conhecia e vinha desenvolvendo alguns trabalhos coletivos desde 1998, ainda enquanto estudantes.

O objetivo geral da organização é a busca pelo desenvolvimento do ser humano, por meio da não expropriação e da diminuição da desigualdade social, contribuindo no exercício da cidadania e na qualidade de vida da sociedade. Segundo o estatuto da instituição (TEIA- CASA DE CRIAÇÃO, 2002, p.1), suas finalidades são:

- I - Desenvolver, fomentar, executar, dar apoio e assessoria a projetos e pesquisas nas áreas de arquitetura, urbanismo, tecnologia, educação, comunicação e artes, que visem:
 - a) o aprimoramento da arte e a valorização da cultura, utilizando diferentes linguagens e técnicas;
 - b) a atuação nas diversas escalas do ambiente habitado;
 - c) o desenvolvimento e autonomia das mesmas;
 - d) o fortalecimento da organização popular;
 - e) a transformação social e a deselitização destes campos de atuação;
- II - Contribuir, a partir dos trabalhos desenvolvidos, para a formação teórica da população, assim como dos diversos agentes envolvidos;
- III - Divulgar os resultados dos trabalhos e estimular o debate público entre todas as partes que compõem a sociedade civil;
- IV - Expandir as relações externas desenvolvendo trabalhos em com outros grupos e iniciativas que busquem princípios semelhantes.

Figura 18. Membros da Teia – Casa de Criação que participaram do 1º Grupo Focal realizado com a organização.

Apesar dos objetivos e finalidades da organização estarem delimitados e registrados formalmente, os entrevistados mencionaram que quando começaram a trabalhar a atuação do grupo era bastante abrangente e por vezes incorporou trabalhos que não se enquadravam plenamente nos objetivos da entidade como, por exemplo, a reforma de um banheiro de uma casa particular. Os(as) entrevistadas(as) afirmam que no início, principalmente trabalhos como este, eram necessários para manter financeiramente a entidade e que esta sempre foi uma questão muito delicada. Com o passar do tempo, foram encontrando meios de manter a instituição financeiramente, mantendo o foco de atuação delimitado. Hoje consideram que o trabalho está centrado

na sociedade e no âmbito do bem público, com enfoque no tema da *cidade e as questões sociais*, tendo como eixo o *aspecto urbano*, porém envolvendo também uma diversidade de temáticas relacionadas.

Dentro deste escopo de atuação, a Teia - Casa de Criação vem desenvolvendo projetos, atividades e eventos. Segundo os(as) entrevistados(as), os trabalhos a longo prazo ajudaram a fortalecer algumas das linhas de atuação como Cultura (Projeto Ponto de Cultura), Ambiente (Projeto Água Quente), Urbanismo (Plano Diretor de Santa Cruz do Rio Pardo) e Mobilização Social (Curso de Capacitação de Lideranças do Projeto Habitar Brasil BID).

Um outro projeto que não chegou a ser executado, mas que, segundo o grupo, gerou discussões importantes para o desenvolvimento de projetos futuros, incluindo o próprio Projeto Água Quente, foi o Projeto de Emancipação Popular (PEP). O mesmo surgiu da necessidade de inserir no escopo de atuação da organização de maneira mais clara o aspecto da educação, que emergiu durante o desenvolvimento Curso de Capacitação de Lideranças do Projeto Habitar Brasil, BID, em que os membros afirmam ter percebido a importância desse viés para o desenvolvimento de ações diretas com a comunidade.

Refletindo sobre a importância da atuação da organização para a comunidade o grupo sugere que um dos aspectos positivos de seu trabalho é a contribuição dada em espaços pouco discutidos no município, tanto no que diz respeito à área de atuação, por exemplo, educativa, social, cultural e urbanística, como em termos de território, no caso regiões periféricas da cidade, em que se busca levantar e discutir demandas ainda pouco atendidas. Outra questão mencionada pelo grupo, que pode ser considerada importante para a comunidade, é o espaço de atuação profissional, que a organização oferece para recém formados, gerando oportunidades, para que os mesmos permaneçam e atuem no município de São Carlos.

Para os(as) participantes do grupo focal, a organização tem uma importância bastante grande na formação profissional de cada um. Mencionaram que a mesma representa um espaço em que é possível construir uma atuação profissional de acordo com ideais e objetivos de vida; incorporar outras áreas do conhecimento afins no desenvolvimento profissional; e exercer um papel militante. Dessa forma, a organização se configura como uma referência de atuação para cada um(a) e também como um “lugar em que é possível se concretizar sonhos”. Contudo, ressaltam a dificuldade de manter uma iniciativa como a Teia - Casa de Criação, em que apesar dessas

considerações acerca da ampliação das possibilidades de atuação, há também limitações, principalmente quanto a recursos financeiros para a manutenção da organização e do corpo técnico.

6.2 A atuação ambiental das organizações

Para apresentar a atuação ambiental das organizações considerei fundamental principalmente o conteúdo resultante da discussão dos seguintes tópicos do tema *reflexões sobre as relações entre a atuação da organização e a temática ambiental* presente no roteiro para os grupos focais (APENDICE 1): *Relações do trabalho da organização com meio ambiente; Outras conversas e atividades sobre meio ambiente*.

Apenas com o conteúdo destes tópicos, pude identificar aspectos muito interessantes sobre o processo de apropriação da temática ambiental por organizações da sociedade civil. Algumas compartilharam de questões semelhantes, outras não. Cada uma possui sua especificidade, um foco de atuação, uma maneira de se relacionar com a comunidade etc. Dessa forma, apresentarei quais as relações da atuação de cada organização com o meio ambiente, registradas nos grupos focais e quais atividades e conversas sobre a temática ambiental foram realizadas ou são mencionadas pelos grupos cabendo a possibilidade de serem realizadas, para pensarmos em algumas questões interessantes desse processo.

Nos trechos utilizados para ilustrar os resultados, a primeira coluna à esquerda, em que são escritos números, se refere à linha em que o trecho apresentado se encontra nos arquivos de transcrição original (não publicados). A segunda coluna se refere à pessoa que proferiu a fala. Nessa coluna, a letra *P* é utilizada para identificar a pesquisadora; a letra *A* para o(a) auxiliar de pesquisa; a letra *S* para os sujeitos entrevistados, sendo que junto à letra *S* é colocado um número para diferenciar cada sujeito entrevistado ou a letra *C* quando mais de dois entrevistados falam ao mesmo tempo, em coletivo. Quando o sujeito não é identificado, não se adiciona nenhum complemento à letra *S*. A coluna seguinte é a que contém o conteúdo das falas. Dessa forma cada seguimento em que é indicando o falante, representa um turno conversacional. Nos turnos nucleares estão grifadas as informações mais significativas para a pesquisa. Para ler com clareza os trechos transcritos utilizados para discussão observe com atenção as normas de transcrição descritas na Figura 19.

Ocorrências	Sinais	Exemplificação
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	do nível de renda... () nível de renda nominal...
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	e comé/ e reinicia
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r)	:: podendo aumentar para ::: ou mais	ao emprestarem os... êh ::: ... o dinheiro
silabação	-	por motivo de tran-sa-ção
Interrogação	?	e o Banco... Central... certo?
Qualquer pausa	...	são três motivos... ou três razões... que fazem com que se retenha moeda... existe uma... retenção
Comentários descritivos do transcritor	((minúscula))	((tossiu))
Comentários que quebram a seqüência temática da exposição; desvio temático	-- --	...a demanda da moeda -- vamos dar essa notação -- demanda da moeda por motivo
Superposição, simultaneidade de vozes	ligando as [linhas	A. na casa de sua irmã [sexta-feira? A. fizeram lá... [B. cozinham lá
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início por exemplo.	(...)	(...) nós vimos que existem...
Citações literais ou leituras de textos, durante a gravação.	" "	Pedro Lima...ah escreve na ocasião... "O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma barreira entre nós"...

OBSERVAÇÕES:

1. Iniciais maiúsculas: só para nomes próprios ou para siglas (USP, etc.)
2. Fáticos: *ah, éh, ahn, ehn, uhn, tá*
3. Números: por extenso.
4. Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa).
5. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: *oh:::...* (alongamento e pausa)
6. Não se utilizam sinais de *pausa*, típicos da língua escrita, como ponto-e-vírgula, ponto final, dois-pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de *pausa*.
7. Faz-se algumas modificações, não se escrevendo exatamente como se ouve, passando para a norma padrão. Por exemplo ao invés de se escrever *cê viu?* escrevesse *você viu?*, pois não estamos com o foco de análise na linguagem.
8. Os nomes das pessoas entrevistadas são substituídos por uma identificação geral no grupo, sendo representante ou membro.

Figura 19. Normas de transcrição. Adaptado de Preti (2003, p.13).

Coopercook

As entrevistadas da Coopercook afirmaram nunca haver desenvolvido coletivamente nenhuma atividade específica sobre meio ambiente na cooperativa. Contudo, mencionaram que a representante já realizou algumas conversas e deu alguns informes sobre o Projeto Água Quente para os membros da cooperativa (Figura 20). Vejamos os seguintes trechos.

Trecho 1 (Grupo Focal 1)

- 425 P então né?...aí a representante está participando lá do projeto... vocês falaram que ela às vezes conversa alguma coisa com vocês... o quê que é um pouco... conta para mim um pouco sobre essas conversas... ou a representante pode contar ou alguém que:::.... o quê que vocês já conversaram sobre meio ambiente aqui no espaço da reunião?... algum dia vocês já pararam para conversar sobre isso ou não?...
- 430 S5 ela já trouxe o jornalzinho também que conta ((baixou a voz)) fala um pouquinho melhor representante...
- S1 ah eu mostrei aquele primeiro jornalzinho... já faz um tempinho... eu acho que às vezes elas vão se lembrando conforme eu for falando... aquele jornalzinho que saiu o pessoal fazendo o plantio... mostrei o pessoal
- 435 fazendo o plantio lá... falei sobre a obra... agora esse segundo jornalzinho eu tenho que pegar mais na Teia... porque eu distribuí em dois escolas e aí eu peguei uns cinquenta jornalzinho e aí foi... agora eu preciso trazer aqui... é::: que antes não estava tendo reunião da cooperativa... né?... aí quando começou a ter reunião o jornalzinho tinha acabado... então não deu tempo de
- 440 eu falar que eu preciso de mais Jornalzinho... mas eu trouxe o primeiro... porque eu também não sabia como é que era... aí eu dei uma lidinha no primeiro e conversei com as meninas sobre o que era... aí eu queria também sair no segundo jornalzinho né?... que eu ainda não estou... sobre a erosão lá... que aquela avenida tá perigosa... que vai ser feita a obra... que a Teia
- 445 está fazendo ali o projeto de obra para amenizar a caída da água para conter a erosão não continuar... daí eu falei sobre o plantio das árvores... que vai sair um horto florestal... nem todas pessoas... que é assim... às vezes a gente vem na reunião... aí outras pessoas não vêm... aí outras pessoas vêm e aquelas não vêm... aí dá aquela troca... mas conforme as pessoas estão assim na reunião eu falo sim... então que nem eu falei sobre a horta que a gente tem lá... né?... que vai continuar as plantas é isso...né?...
- 450

Trecho 2 (Grupo Focal 2)

- 1244 P ahn... e aí ent/ éh:::.... vocês falaram... é... não foi isso aí... falaram um pouquinho dessa relação... que vocês falaram que era uma relação indireta... ahn... daí eu queria saber né?... além dessas... da questão da:::.... representante representar a coopercook no projeto Água Quente... tem alguma outra atividade... outras conversas que vocês já fizeram sobre meio ambiente?... relacionado ao meio ambiente alguma coisa assim...
- 1250 S1 não que eu me lembre... como grupo... eu pessoalmente também... ah::: a não ser nas escolas... quando eu estudava né?... tem muito tempo assim... na escola sempre está falando né?... incentivo de plantio de árvore... mas além disso não...
- P aqui no grupo vocês nunca pararam para discutir isso a não ser quando a representante vinha conversar alguma coisa?...
- 1255 S1 é...

- S ahan...
 P alguma ação assim... vocês nunca fizeram alguma ação enquanto cooperativa?...
 S não... não...

Figura 20. Representante/agente comunitário do Projeto Água Quente (ao centro) e outras participantes da Coopercook.

Porém, afirmam haver relações entre a atuação da Coopercook e o meio ambiente, como podemos ver no seguinte trecho da transcrição do primeiro grupo focal realizado com a cooperativa.

Trecho 3 (Grupo Focal 1)

- P será que a atuação da coopercook tem alguma coisa haver com o meio ambiente ou não tem nada haver?...o quê que vocês acham?...
- S17 acho que sim...
- P por que que você acha que tem haver?...
- 460 S17 porque nós somos todas uma equipe de cozinheira... porque se lá na Água Quente precisar de alguém para tomar café... lanche... comida... aí nós vamos fazer...
- S5 não sei se é esse sentido que ela perguntou... eu acho assim... tem porque a gente trabalha com comida... com alimentos... legumes e tudo isso tem influência no meio ambiente... porque se a gente não cuidar... como é que a gente vai ter um alimento saudável para estar produzindo uma comida saudável... né?
- 465 S1 a gente tem esse curso de... essa orientação sobre...
- S3 higiene e manipulação dos alimentos...
- S1 higiene e manipulação dos alimentos... então quer dizer...a gente sabe lidar com verduras... a gente sabe manipular um alimento né?...isso a gente sabe...
- 470 que as pessoas que vão estar se alimentando podem pegar uma infecção... ser contaminado pelas próprias mãos da gente... pela falta de higienização...isso causa doenças...e com isso trazendo doenças pode contaminar também o meio ambiente...porque pode viver num ambiente contaminado...se a pessoa fica mexendo em água essas coisas... pode passar a doença para outras pessoas...então aí ...
- 475

- P é um problema para o trabalho de vocês?...
- 480 S1 acaba sendo um ambiente também... porque uma pessoa saudável faz alimentos saudáveis...eu acho mais nesse sentido... porque nós consumindo... pegando alimentos... vai ter outras pessoas plantando...tá entendendo...é aquele ciclo...né?... a gente vai consumindo... comprando... o pessoal vai plantando... tem bastante coisa não diretamente... mas indiretamente tem sim... a gente contribui eu acho...
- 485 S8 também a gente depende muito da terra... se a terra estiver contaminada... a terra é o meio ambiente.
- S7 a água ...
- S8 a água suja... toda contaminada... lixo... lençol d'água... a terra... então a alimentação não vai dar produção adequada para a gente... não vai ter produção... então tem que ser tudo mesmo bem cuidado...

Como podemos ver, a relação da atuação da Coopercook com o meio ambiente primeiramente mencionada por uma das cooperadas se dá na possibilidade de oferecer seus serviços para as pessoas que fazem parte do mesmo ambiente. Esse enfoque é interrompido por outra cooperada, que direciona a conversa para outro sentido. A relação que passa a ser trabalhada pelo grupo é referente à qualidade ambiental - produção de alimentos (matéria prima) - saúde - serviço prestado pela cooperativa, ou seja, na cadeia de produção e consumo de alimentos. Acreditam que essa relação com o ambiente seja, portanto, indireta, pois não atuam diretamente na qualidade ambiental, como mostra esse outro trecho da segunda entrevista com o grupo.

Trecho 4 (Grupo Focal 2)

- P do trabalho da cooperccok com o meio ambiente?...
- S1 porque a gente compra né?... na verdade a gente não produz... então a gente não sabe da onde vem o alimento... não é a gente que produz ali... eu acho que é nesse sentido né?... da onde a gente compra... da onde o am/ o alimento vem...
- 1240 P uhun...
- S1 eu acho que é nesse sentido que é indireto né?...
- P ()
- S uhun...

Resgate Social

Nos grupos focais realizados com a organização Resgate Social, os entrevistados mencionaram duas ações realizadas pelo grupo envolvendo a temática ambiental, além dos informes dados pelo representante sobre o andamento do Projeto Água Quente e da distribuição dos Boletins produzidos no Projeto. Em parceria com outras pessoas e grupos de rap criaram duas músicas, sendo que a primeira ainda não estava finalizada até o momento das entrevistas.

A primeira música trata de questões como poluição, lixo, queimadas e outros problemas ambientais relacionando-os com o crescimento urbano de maneira geral.

Uma parte dela foi publicada no Boletim Água Quente (Figura 21). A segunda música foi criada para ser parte da trilha sonora do documentário Na Margem... (2006), que estava sendo produzido no Projeto, e trata também um pouco estas questões, mas partindo e dando mais enfoque ao histórico específico do processo de urbanização da região da Bacia Hidrográfica do Córrego Água Quente, mais especificamente da região de menor altitude (bairros Cidade Aracy, Presidente Collor e Antenor Garcia) (Figura 22). Vejamos o trecho 5, relativo ao primeiro grupo focal com o Resgate Social que explica melhor idéia da segunda música.

ORGULHO SOCIAL
Goda e Alexandre (Resgate Social)

Que sufoco meu pulmão, pede socorro.
Por toda parte é cheiro de esgoto.
O ar que respiramos
Não é suficiente pra tanta gente,
Gente despreocupada com o meio-ambiente,
É fumaça de buzão, de caminhão, poluição.
Lixo o que é isto um ato inconseqüente,
Fogo nas matas, nossa flora ta carente,
Nossa fauna ta doente,
É triste saber que antigamente
Uma área que era preservada, cuidada,
Hoje se encontra em situação precária
O rápido e desordenado crescimento urbano
Fez com que os rios e mata sumissem do mapa,
É o Rap e o Projeto Água Quente
Com uma missão difícil mas não impossível:
Resgatar nosso ambiente,
Conscientização, todo mundo tem que ter,
Comprometimento ambiental é responsabilidade social,
Orgulho pessoal, benefício mundial.

Goda e Alexandre integrantes do grupo de rap Resgate Social e agentes comunitários do Projeto Água Quente

Figura 21. Nota publicada com a música criada pelo grupo Resgate Social em Teia-Casa de Criação e Acquavit (2006f, p.1)

Figura 22. Representante (em primeiro plano) e seu suplente mostrando a música que fizeram, em parceria com o grupo Diretoria da Rima para o documentário Na Margem... (2006) durante o 2º Grupo Focal realizado com a organização.

Trecho 5 (Grupo Focal 1)

- 664 S1 a do documentário é sobre a evolução aqui do Aracy em geral... Aracy... Antenor porque aqui é tudo um::: uma coisa só né?... () Aracy/ (...)
[
- S2 (...) (se tudo aquele lado)
chamasse só Aracy ou tudo Antenor ia sê normal... porque ia ser normal...
- S1 normal... aqui em geral aqui... porque o nêgo fala ah::: Antenor é pior do que a Aracy... para nós... a gente fala... não Aracy... Antenor... Presidente Collor de Melo... Aracy Dois é tudo uma bosta só...
- 671 S2 ((risos))
S1 as casa é construído tudo no ci/... em terra de areia
S2 no terraço...
- 674 S1 solo arenoso... no solo arenoso... aqui ninguém tem casa construída em solo de terra vermelha (melhor que ninguém não) uns é mais longe.. uns tem mais isso tem aquilo... mais é tudo (peixe) igual...
- P mas quando vocês falam na letra... na letra que aparece no documentário... que vocês falam né? do processo de urb/ de urbanização... vocês acabam falando também da questão ambiental que tá/ tá relacionada né?
- 680 S2 tá relacionada
P quando vocês falam das casas né?...
S2 exatamente...
P da condição...
S2 até que tem uma parte que o rapaz lá o::: o outro do grupo que também ia participar que nem o nosso...
- 686 S1 o rapaz né?...
S2 ele fala também uma parte de que no ar éh::: () e não a poluição... tá ligado também... tem... essa parceria já... nessa idéia do mei/ ambientalismo... da evolução do/ do bairro...

Como, na entrevista com esse grupo, foi explicitado por eles uma relação com outros grupos de mesma atuação e uma identificação com um movimento cultural, o movimento Hip Hop, perguntei se conheciam outros grupos de rap que já haviam

trabalhado com a questão ambiental em suas letras. Mencionaram que antigamente sim, dando como exemplo o grupo Sampa Crew. Segundo os entrevistados, esse grupo já tinha feito uma música envolvendo a questão ambiental há 12 ou 13 anos para alertar os DJs que compravam os discos de rap e jogavam fora as capas. Dessa música inclusive, utilizaram o refrão para escrever a primeira letra própria envolvendo questões ambientais. Porém, mais recentemente e referente a grupos não tão famosos, afirmam não conhecer nenhum que fale sobre questões ambientais em suas músicas.

Perguntei então, o que eles achavam de ter inserido a questão ambiental no rap. Responderam que não esperavam cantar a música para além das ações do Projeto Água Quente, mas depois de tê-las feito consideraram que estavam boas e se identificaram com elas. Em dois trechos da segunda entrevista, em que busquei aprofundar esta questão, podemos ver que a relação que a organização estabeleceu com a questão ambiental está diretamente condicionada a sua perspectiva de rap, como explicita os Trechos 6, 7 e 8.

Trecho 6 (Grupo Focal 2)

- P éh::: “a gente escreve mais no rap para nós... a gente achava que não era capaz de fazer um rap ligado ao meio ambiente... ao DST...” éh::: “provamos para nós mesmos que somos capazes de fazer”... e aí eu queria perguntar éh::: por que que vocês acham... éh::: que é difícil falar sobre essas coisas?... porque que é fácil falar sobre a violência... sobre crime... drogas... e é mais difícil falar sobre DST... meio ambiente?...
- 1745 S2 ah porque... às/ às vezes o público já tá esperando isso... o público mesmo... ele não tá:::.... ele não tem um:::....
- S1 normalmente vai num show de rap para ouvir um rap... o rap a maioria das vezes de cem por cento... noventa e nove por cento é violência... fala de violência... (...)
- P (...) mas vocês consideram que a música que vocês fizeram é um rap?...
- 1750 S1 é sim... é sim...
- S2 [
com certeza... :::porque na nossa visão o rap não é só violência... não é só crime... não é só drogas... e nunca foi é que tem uns agora que está querendo que seja entendeu?... e o público também quer ouvir isso... tem muito/ é o/ é o público quer ouvir então o cara vai lá escreve e põe na rádio... trinta por dia vai ligar pedindo aquela música entendeu?... então o público quer ouvir isso também...
- 1757 S1 [
(que é um rap mais:::)

Trecho 7 (Grupo Focal 2)

1770	P	(...) e sobre violência e drogas?...
	S1	<u>ãh violência a gente não precisa ler para saber... a gente já sofreu né?...</u>
	S2	[
	P	para escrever...
não precisa estudar para/?...

- 1775 S1 é só por/...
- S2 se eu pegar o caderno agora eu escrevo exatamente o quê aconteceu hoje... ou ontem... de ontem para hoje aconteceu muita coisa... se você der o caderno para mim agora eu faço uma rima do quê aconteceu de ontem para hoje... em menos de/ de 32 horas aconteceu muita coisa se eu quiser escrever eu escrevo...
- 1780 P uhun...
- S2 só que eu não quero escrever porque isso daí não vai me/ num:::/... já cansei de escrever isso aí...
- P uhun...
- 1784 S2 e eu/ eu não quero escrever:: coisas ()... a prática minha agora... eu quero escrever uma... quero escrever uma coisa que benefia/ beneficie à mim e às outras pessoas... não/ não::..... não é que ela quer ouvir aquilo... eu quero que ela quer ouvir o quê eu estou querendo dizer... passar para ela a minha opinião... não o/ não a opinião dela ela passa para mim e eu escrevo a opinião dela...
- P ahn?
- 1790 S2 ou o pensamento dela... ou o quê ela quer ouvir...
- S1 se pegar as rimas que nós tem do começo e pegar as que nós tem agora você vai ver uma diferença enorme... tipo se por no gráfico... quando nós começou e como nós tá agora vai ter uma diferença enorme...
- P uhun?...
- 1795 S1 se for ver pelos aspectos áh... no começo eles era violento... então era lá em cima... agora nós tá falando mais seja mais de boa... falando de Deus... de vitória... de conquista... então nós decaiu... mas sabe ()... nós já tá experiente mas se for ver no/ na visão das pessoas nós tá meio sumido meio ofuscado... mas para nós é bom isso daí... nós tá falando o quê a gente tá/... o quê a gente realmente a gente gosta que é a visão que o representante tá fazendo... canta um pedaço para elas ver da tá Vitória Vitória... essa rima quando nós terminar ela acho que vai ser uma das melhores...

Trecho 8 (Grupo Focal 2)

- S1 eu me identifico muito com o rap... é uma forma de expressão ali... É a nossa política... tudo o que a gente acha que é errado... pensa... imagina... (põe)... a gente escreve... põe ali... canta e é a nossa política... porque a gente tem que expressar... é a nossa opinião... é a nossa forma de:: impor para sociedade -- para várias pessoas ao mesmo tempo que está nos ouvindo ali... (o quê nós tem) para cantar...
- 347 P uhun

O grupo “deixa claro” que sua perspectiva de rap é uma perspectiva de crítica ampla sobre o mundo, no sentido de uma ação positiva com a realidade e com o seu público, tratando das questões da periferia, mas trabalhando mensagens de paz e de possibilidades novas para a comunidade, em contraposição a uma perspectiva negativa presente em outros grupos, que incentiva à violência e à criminalidade. Neste sentido, podemos interpretar que: as questões ambientais estão envolvidas com a realidade que falam em suas letras e que esta inserção na prática do grupo pode estar relacionada a uma característica do rap, mencionada pelos entrevistados, que é tratar sobre aspectos

da vida real e ao que parece, as práticas do Projeto Água Quente representam momentos de ter experiências com a temática ambiental.

Coral Rosa Mística

Ao perguntar aos membros do Coral Rosa Mística se a organização já havia realizado alguma ação ou conversa sobre meio ambiente nas atividades que fazem, por exemplo, na animação das missas, responderam que fizeram parte da Campanha da Fraternidade, que no ano de 2004 tinha como tema o meio ambiente. Dessa forma os cantos litúrgicos eram específicos para a temática e conversas e orações nas casas das pessoas, também eram neste foco. Podemos entender melhor como foi essa atuação lendo o trecho a seguir.

Trecho 9 (Grupo Focal 1)

- S3 essa campanha... e sempre vem um tema... esse ano foi o ano do meio ambiente assim... mas o ano anterior foi a plantação... as coisas assim...
- S4 á água...
- S1 á água...
- 615 S3 á água... a importância né?... da água... e tanta água poluída né?... essas coisas assim que agente pode estar evitando né?... então sempre vem... a igreja sempre vem também alertando nesse ponto... aí é onde que agente às vezes pára para estar conversando... faz alguma coisa em função disso dentro da igreja... as (encenações) a respeito... mostrando né?... a importância de estar mantendo um ambiente limpo...
- 620 daí olhando... estar cuidando do que tem né?... não desperdiçando tipo água assim... coisas tipo... besteirinhas... jogando lixo sabe?... várias coisinhas assim que agente pode estar evitando... né?... então a igreja da/... trabalha bastante em cima disso...
- P isso daí é trabalhado daí/ tanto na missa quanto nas pastorais?... como é que é
- 625 assim?...
- S3 isso:... é/ é/ é voltado assim para... a comunidade inteira assim...
- S1 aí tem assim... tem encontros nas casas... que é feito nas casas... na campanha da fraternidade... às vezes agente não faz... mesmo assim... dia-a-dia...
- P uhn...
- 630 S1 mesmo por:... por:... por falta de:....
- S3 de pessoas...
- S1 de pessoas... mas é... já vem o material já próprio para as estar fazendo os encontros nas casas... para fazer esse trabalho... junto com a oração... já o ah:... a conscientização...

A Campanha da Fraternidade faz parte de uma programação de toda a Igreja Católica no Brasil, da qual a organização faz parte, não sendo idealizada ou planejada pelo grupo ou pela igreja em si, mas por uma instância superior na hierarquia. O material utilizado sobre meio ambiente nesta campanha já veio pronto, não refletindo, necessariamente, um posicionamento do grupo frente às questões ambientais, mas sim

de uma instância posicionada em um nível superior na hierarquia da instituição religiosa à qual fazem parte. Sendo assim, procurei entender um pouco melhor quais as relações da atuação do Coral Rosa Mística com a temática ambiental visualizadas pelo próprio grupo. Vejamos o seguinte trecho do segundo grupo focal.

Trecho 10 (Grupo Focal 2)

- 945 S6 e a Igreja no seu dia-a-dia sem as pessoas perceberem falam sobre isso...
P uhum...
S6 Jesus dá o peixe... mas ele também ensina a pescar... ele não vai lá pegar e dá na sua mão...
P uhum...
949 S6 então eu acho que tem muito... a/ assim... eu acho que tem tudo a ver mesmo... na verdade... a Igreja em relação à liturgia... às vezes tem... que nem tem... (passagens na bíblia) que fala sobre a videira e várias outras coisas assim... e ela fala... a terra né?...
P uhum...
S6 eu acho que é a mesma coisa... você não vai plantar uma mandioca brava... sendo que você pode ter uma mandioca melhor para você comer...
955 P uhum...
S6 não é muito legal... e eu acho que é a mesma coisa assim... uma e a outra são bem ligadas...
P ligadas
S6 mesmo que às vezes parece falar de assuntos diferentes mas acabam (sendo tudo) a mesma coisa...
961 P uhum...
S6 mas (...)
S3 porque quem tem a consciência aqui do::: (do que) a palavra de Deus fala... ele vai ter consciência do que::: o problema que vai acontecer se ele não fizer o que o meio ambiente pede né?...
966 P uhum...
S3 as pessoas que tem consciência do que fazem aqui na Igreja tem consciência do que tem que fazer lá fora...
P uhum... certo..
970 S3 principalmente como são poucos que tem consciência da palavra então por isso que... acontece o que acontece né?...
P aham... mais alguma coisa?...
S não...

A entrevistada, que mantém o uso da fala durante esse trecho da conversa, afirma que existe uma relação entre a conscientização da palavra de Deus e a conscientização ambiental, pois a natureza é uma criação de Deus e o trabalho litúrgico da Igreja é voltado para o respeito das pessoas com Deus. Portanto, parece-me claro que a as possibilidades visualizadas pelos(as) entrevistados(as) de trabalhar a questão ambiental na organização Coral Rosa Mística está no âmbito dos ensinamentos litúrgicos contidos nos cantos que animam as missas e celebrações, num sentido espiritual de respeito à criação de Deus (Figura 23). Esta relação mencionada parece mais próxima ao âmbito de valores.

Figura 23. Agente comunitário (à direita) e outros membros do Coral Rosa Mística discutindo sobre a atuação ambiental da igreja católica, durante o 1º Grupo Focal realizado com a organização.

Conferência Santo Agostinho - Sociedade São Vicente de Paulo

Os(as) entrevistados(as) da Conferência Santo Agostinho mencionaram ter sido feita uma atividade e também algumas conversas sobre a questão ambiental. O representante elaborou e desenvolveu uma atividade com a comunidade vicentina em um momento que reúne pessoas de outros grupos pertencentes à Sociedade São Vicente de Paulo e assistidos(as) da instituição para a troca de experiências e idéias (Figura 24). Vejamos no trecho 11 a descrição sobre essa atividade.

Figura 24. Representante (ao centro), pesquisadora (à direita em segundo plano) e outros membros da Conferência Santo Agostinho discutindo sobre a atuação ambiental da organização, durante o 1º Grupo Focal.

Trecho 11 (Grupo Focal 1)

- S2 a gente tem muitas reuni/... porque a gente tem outras/ outras atividades... tanto que amanhã a gente vai ter... o::: o::: a (da família vicentina)... a (da família vicentina)... então as atividades reúnem... pode ser pessoas do::: do::: nosso conselho particular... conselho central... metropolitano... e tal... (é assim... são reuniões mais ou menos periódicas... para reunir... trocar idéias... trocar experiências... passar informações... essas coisas...
- 882 P ahan...
- S2 tipo... como foi o () como foi a apresentação aquele dia...
- P para que as pessoas se conversem...
- S2 para que as pessoas conversem... e vejam como::: assim::: tem um (monte de idéias para) melhorar o trabalho... daí isso é::: a::: manhã de formação... para os vicentinos e também::: do::: dia com a família... (também é o dia com a família)...
- 888 P ahn::: tá:::
- S2 o que foi/ a gente (aproveitou) fazer... como o trabalho do Projeto Água Quente não.. agen/... não foi divulgado... assim óh... de conferência em conferência... tem um membro participando... eh::: tal desse jeito e tal tal tal... algumas pessoas sabem... daí foi feito/ foi feita essa apresentação (para aproveitar o que estava acontecendo)... aonde foi falado um pouco do projeto... porque que nós estamos participando... o quê que é o Projeto... o quê que procurava fazer e... dentro do que foi éh::: do que eu aprendi... (como foi né?... desde o período que eu estou) participando... eu passei para as famílias... e () em todos os sentidos entendeu?... eu sei que... ninguém sabe tudo...
- 898 P uhun...
- S2 mesmo eu sabendo (das coisas que foram) passadas... pode ter algo que... num::: eu falei... foram passadas algumas noções de::: para::: que algum/... para que as pessoas consigam melhorar algo na vida... tipo áh... sobre queimadas... sobre impermeabilização do solo... sobre a higiene... sobre que::: poluição... o que ela pode... fazer... para... não contribuir com a poluição que vem aumentando cada vez mais... algumas coisas básicas... que muitas vezes passam despercebidas... mas se a pessoa tem () igual não tem ()... ()... assim um olhar... assim sobre o ambiente onde ela vive... sobre o lugar onde ela vive... foi mais ou menos o::: éh::: o::: isso que eu tentei passar...
- 908 P uma conversa...
- S2 uma conversa para que ela passe a olhar um pouco mais junto ao::: o local onde ela vive... onde ela mora... onde ela tem uma idéia... muitas vezes a pessoa passa... todo dia por ali... mas ela não olha do lado porque (lida) () para que ela... daí foi isso que eu tentei passar... () o que ela pode fazer... que ela pode procurar o poder público... o poder () alguma coisa... qual que é os seus direitos... quais são os seus deveres... assim... mais na parte ecológica mesmo... que eu/ eu...

Um entrevistado também mencionou a existência de momentos informais em que a questão ambiental foi levantada. O mesmo contou que por vezes vão a pé até a casa dos assistidos para observar mais a natureza e poder conversar. Um dia perceberam uma grande erosão na nascente e começaram a se preocupar com o problema que isto poderia gerar. Também deu um exemplo de uma conversa informal que teve com um assistido sobre o desperdício de água que observou na casa dele. Podemos perceber que

os entrevistados demonstram estar cientes da problemática ambiental envolvida no dia-a-dia do trabalho vicentino. Vejamos esses trechos.

Trecho 12 (Grupo Focal 1)

- 1190 S5 áh... eu (particularmente)... eu vejo... eu acho que:: não tem como você levar
ahn::... uma fa/... elevar uma família... né?... na::/ a gente diz promover
né?... agent/... melhorar a/ a/ a situação de vida da família... se você não
passar pela questão do meio ambiente... higiene e tudo mais... tem que
ensinar os princípios básicos né?... para a pessoa sobreviver né?... porque a
carência deles é grande... a gente vê... vê inúmeros casos... éh:: nós:: nós já
fomos numa casa que moravam sete pessoas dentro de um:: num
barraquinho... dois por dois... feito de tábuas...
- 1197 P uhun...
- S5 então quer dizer... isso daí:: eles tem o quê ali... de higiene?... nada... e::...
a onde que eles estavam?... eles... der/... ahn::... tiraram al/ algumas árvores
lá... o:: a:: a m/... a m/... a mata que tinha ali... limparam e fizeram... quer
dizer... então o princípio básico tem tudo a ver... você... primeiro ensinar... a
onde podemos... primeiro morar...

Trecho 13 (Grupo Focal 1)

- S4 e sim com o pensar de um coletivo né?... não o individual da pessoa...
- S2 éh::... mais ou menos parecido com esse lance dele... é ::porque:: mesmo
sendo assim:: uma pessoa... se tem uma casa... tem uma vida confortável...
assim... sua casa né?... tem ali... seu terreno... dentro de:: da sua
propriedade... dentro do muro... só que daí você sai do lado... você tem um
terreno que constantemente está:: com::... fogo... está te atrapalhando... daí
uma pouco mais para abaixo você tem um rio... que:: estão jogando lixo...
e:: o rio inunda... e vai encher a sua casa de::... água... vai trazer/... vai
trazer doenças... aí você tem um::... aí tem no::... no terreno do outro lado...
você tem um lixão... que eles jogam lixo ali... daí na frente da sua casa...
igual você tem uma erosão ali que vai abrindo cada vez mais... e logo
você::... abriu a porta você vai cair... provavelmente...
- 2042 SC ((risos))
- S2 você tem o que você precisa dentro da sua casa... mas e o ambiente onde
você está vivendo?... e o ar?... como é que está isso daí?... só::... por isso::...
aquela coisa... assim mudando/... procurando/... através de ambiental todas
essas coisas todas tal... procurar mudar a cabeças das pessoas... e abrir um
pouco os olhos delas... (para mim) dizer assim óh... não:: ::adianta:: ::eu::
::saber:: só que está mais caro que o () é bonito... coisa e tal... (mas eu
tenho que saber que...) por causa que eu consiga viver bem... para que:: ()
consiga viver bem... eu preciso que:: o (lugar) ali por perto de onde eu moro
também esteja bem... não adianta só... o quê que adianta?... eu tenho minha
casa... mas todos/... (os meus vizinhos) todos jogam o lixo ali do lado... no
bueiro em frente de casa... de repente entope tudo...

Os(as) entrevistados(as) afirmam que a relação da atuação da organização com a temática ambiental é fundamental para que o objetivo de promoção das famílias e pessoas se concretize, pois para que a pessoa viva bem ela tem que estar em um ambiente saudável.

Teia - Casa de Criação

Os(as) entrevistados(as) da organização Teia - Casa de Criação mencionaram alguns projetos já desenvolvidos que envolveram questões ambientais. Primeiramente foram realizados alguns pequenos projetos urbanísticos pontuais na região dos bairros Jardim Monte Carlo e Jardim Gonzaga, pertencentes à Bacia Hidrográfica do Córrego Água Quente e levantamentos fotográficos nas áreas de menor altitude da mesma bacia. Em seguida foi desenvolvido um Projeto de urbanização e de oficinas de mobilização popular em uma região também da Bacia do Água Quente, chamado informalmente por eles(elas) de Habitar Brasil BID ou apenas BID. Segundo os entrevistados no mesmo período em que estava sendo realizado esse último, iniciavam-se as discussões do Projeto de Emancipação Popular, que não chegou a ser realizado, mas cujas discussões fundamentaram outros projetos, como já dito.

Posteriormente foram realizados outros projetos: um de Análise Ambiental da Bacia Hidrográfica do Córrego Água Quente, um de recuperação ambiental da região do córrego Tijuco Preto, chamado Pró-Tijuco, outros dois projetos de urbanização de favelas e por fim o Projeto Água Quente. Uma questão interessante que surgiu da apresentação sucinta destes projetos é que a apropriação da questão ambiental começa a se dar com mais clareza para o grupo quando o mesmo sente a necessidade de refletir sobre as questões ambientais implicadas em um projeto urbanístico, como nos mostra os seguintes trechos.

Trecho 14 (Grupo Focal 1)

- 989 S1 no BID tem uma história que é::: é::: desentulhar uma nascente... revegetar a nascente... e () (...)
- S3 (...) tirar as pessoas habitando uma encosta entendeu?...
- S4 mas assim... na minha visão... o primeiro foi o BID por que?... a gente fez um exercício nesse/ nesse::: -- que foi um trabalho de/ que teve três meses... quatro meses... de duração...
- 995 S3 (foi um exercício bem grande)...
- S4 que a Teia desenvolveu... com uma equipe multidisciplinar e... a gente chamou várias pessoas para trabalhar... na região do Gonzaga... mas a gente fez/ (...)
- S2 (...) Monte Carlo...
- S4 (...) na região do Gonzaga e Monte Carlo... -- a gente fez um exercício de cenários... -- que assim... o poder público queria o mínimo -- e a gente fez um exercício que ao invés de falar assim... tá então já que você quer o mínimo a gente vai fazer um projeto para você desse jeito... a gente fez um exercício de óh... existe o máximo... os intermediários e o mínimo... respeitando a legislação ambiental e urbana... então o quê você quer é isso...
- 1001
- 1005 e isso gerou um/ uma::... porque a gente fez esse exercício de raciocínio do ambiental e do urbano... o quê/ o quê que é mais importante... tirar as pessoas ou preservar a AP/ o ambiente... sabe?... respeitar a lei... a/ o código florestal... ou as... então eu acho que essa reflexão/... (...)
- S3 (tencionou) né?...

Trecho 15 (Grupo Focal 1)

- 1020 S1 é porque éh::: eu acho que é interessante nesse momento porque a gente... ()... porque se você partir do projeto urbano só... aí você parece que você não está fazendo essa reflexão... porque depois que você faz a reflexão... é difícil você tomar atitude e dizer foda-se o ambiental... não... eu vou mandar o pau no urbanismo mesmo... então depois que o cara vê... né?... aí fica aquela coisa tencionada... tipo... eu sei que eu estou fazendo uma coisa estranha...
- 1026 S3 [éh:::....
éh:::....
- S4 éh:::.... e a gente não sabia como fazer... aí a gente falou... vamos e/... sobrepor a legislação urbana com as obrigações e vamos ver o quê é que dá... 1030 e aí não tinha uma resposta só... tinham várias respostas... e várias possibilidades...
- S1 trabalharam dois biólogos também com a gente...
- S4 éh:::.... e aí:::.... nessa/ nessa época e ainda chama né?... as pessoas específicas da área ambiental... porque a arquitetura como a outra sócia falou... é super limitado assim nessa área... para fazer/ para ajudar a gente a/ a:::.... construir 1035 esses argumentos né?...

Sendo assim, o grupo afirma que a temática ambiental nos trabalhos realizados pela organização é essencialmente relacionada às questões urbanísticas e que a formação em arquitetura e urbanismo da maioria dos sócios condicionou em certa medida esse viés (Figura 25). Outro aspecto interessante é a relevância dada por eles à região da Bacia do Córrego Água Quente, bem como a outras regiões de periferia para a inserção dessa temática no trabalho da instituição, como ilustram os trechos a seguir:

Trecho 16 (Grupo Focal 1)

- 895 S2 áh eu acho que toda essa relação ela tem a ver primeiro com o espaço... com o espaço que é um espaço... principalmente um espaço físico... construído da cidade de São Carlos... da região Sul... que tem a questão da encosta e tal... isso tudo lá nos primórdios do EREA e passou pelo Projeto do Habitar Brasil... passou pelo Projeto Água Quente porque ahn::: essa particularidade da cidade de São Carlos de ter essa relação muito forte da::: da situação urbana com a::: com a questão ambiental naquela região... com a parte da encosta... do aquífero... da parte florestal... então... eu acho que essa relação de trabalho com o meio ambiente assim... a gente chegou nessa::: nessas/ nessas afirmações de que a relação da cidade... ((corte na gravação fim de um lado da fita))
- 900 [construído...
- 905 P construído...
- S2 ((gravação retomada)) não tem como separar a questão ambiental da questão urbana foi sacando:::.... essa/... assim... observando esse espaço que a gente estava atuando e () essa relação... ali foi muito... assim... por essa particularidade foi muito mais fácil... sacar essa relação... porque lá é::: escancarado essa/ esse conflito então... aí disso que foi... foi passando...
- 911 [
- P você acha então que se vocês estivessem trabalhando em outras regiões essa questão ela surgiria... ?

- S2 não... talvez/ talvez demorasse mais para surgir... talvez surgisse de uma outra maneira...
- 916 P aham...
- S2 mas é que ali não tinha como não/ não aparecer essa... essa relação de urbanização e ambiente...
- 919 S3 eu acho que principalmente... eu acho que uma coisa que influenciou muito foi a nossa formação né?... como a maioria dos integrantes da Teia no início eram arquitetos... o arquiteto ele trabalha muito com a da cidade assim... o arquiteto não trabalha muito em áreas rurais... em áreas de unidades conservação essas coisas... principalmente aqui no curso de arquitetura que não/ não/... a questão ambiental não é tão... tão focada...

Trecho 17 (Grupo Focal 2)

- 942 S2 foi/ era sempre isso assim... a questão ambiental aplicada ao urbanismo... à cidade... ao crescimento urbano... e não o contrário... não a questão ambiental pela questão ambiental e::: assim... sempre tinha essa... esse vínculo assim... que a gente veio do/... do urbanismo... e a hora que começar a tomar contato com/ com a periferia com questões que tem a ver com enchente e desabamento está intimamente ligado essa questão ambiental... enchente e desabamento assim... se você tem uma cidade bem construída éh:::... assim... aonde não tem questões sociais graves de pobreza e tal essas coisas somem... o rio vira galeria... o morro vira muro de arrimo... na hora assim que::: que a::: que o poder econômico não consegue se sobrepor à questão ambiental surgem os problemas e aí nisso que a gente começou a:::... a atuar dessa maneira... sempre/ sempre levando em conta essas duas questões... urbanismo e meio ambiente...
- 950 S3 eu acho que essa discussão ela se configura no desenvolvimento acho que de todos os trabalhos na verdade...

Figura 25. Coordenadora do Projeto Água Quente e outro integrante da Teia – Casa de Criação discutindo as informações sobre a atuação ambiental da organização, sintetizadas do 1º Grupo Focal.

Parece-nos claro que os conflitos socioambientais com que tiveram que trabalhar nos projetos desenvolvidos pela instituição em periferias contribuiu significativamente

para a percepção da dimensão ambiental presente nas questões urbanas. Reconhecida a atuação ambiental da organização, a mesma também foi convidada para participar do Conselho Municipal de Defesa do Meio Ambiente de São Carlos (COMDEMA) e do Coletivo Educador de São Carlos Araraquara Jaboticabal e Região (CESCAR), em que é uma das instituições parceiras.

6.3 Algumas questões relacionadas à apropriação da temática ambiental por organizações da sociedade civil

Neste momento, estabelecida uma aproximação mínima às organizações, o que fazem e suas reflexões sobre o que fazem no campo ambiental, apresentaremos algumas questões que identificamos discutindo a atuação ambiental de cada organização.

Um primeiro aspecto das conversas a respeito de trabalhos ou discussões sobre meio ambiente, já realizadas pelas organizações e que nos chamou bastante a atenção, foi o nível pessoal e particular das repostas. Por exemplo, ações relacionadas ao meio ambiente que uma pessoa já havia realizado em sua vida, algumas em momentos antes mesmo desta pessoa fazer parte da sua organização, ou mesmo fazendo parte da organização, ações que dizem respeito ao seu universo particular. Também pode-se citar os processos de formação ambiental que já tinham feito ou gostariam de fazer, a relação ambiental existente em seu trabalho profissional (casos em que a organização não é de atuação profissional).

Como já mencionamos, um dos atributos do trabalho sócio-educativo realizado por organizações da sociedade civil é a construção coletiva de valores, concepções e ações (BRANDÃO, 2005b; LOUREIRO, 2002; SCHERER-WARREN, 1996; GOHN, 1994). Somando-se a isso, enfatizamos também a importância da Educação Ambiental para a ampliação da concepção de cidadania. Também é de comum acordo no campo da Educação Ambiental que esta, deve atuar nos níveis individual e coletivo, não devendo um excluir o outro (TRATADO, 1995; BRASIL, 1999). Sendo assim, nos questionamos sobre o que pode significar o fato de em poucos momentos terem sido citados exemplos em nível coletivo.

Olhando esse conjunto tão diverso de organizações, nos questionamos também se há espaço para os diferentes interesses e objetivos de cada uma delas, tendo em vista que o recorte ambiental trabalhado pelo Projeto Água Quente é o da organização proponente. Podemos perceber que há a demanda de outros focos sobre o ambiental pelas organizações participantes do processo educativo em questão. Para a Coopercook,

isto se aproxima bastante das relações de produção e consumo de alimentos (trecho 3, linhas de 470 à 490); no caso do Resgate Social esse recorte envolve a crítica à sociedade atual, que leva a formação das periferias (trecho 5, linhas de 678 à 689); para o Coral Rosa Mística está estreitamente vinculado aos ensinamentos religiosos sobre palavra de Deus (trecho 10, linhas de 962 à 973); já para a Conferência Santo Agostinho diz respeito às condições necessárias para se melhorar a qualidade de vida (trecho 12, linhas de 1190 à 1197); e no olhar da Teia - Casa de Criação engloba as relações entre as pessoas e as cidades (trecho 17, linhas de 942 à 952).

Nesse sentido, concordamos com Brandão (2005b, p.161), quando diz que

o que quero lembrar é que, de uma maneira vivida e co-participada, sempre que estou ‘às voltas’ com pessoas ou grupos sociais ‘participantes da questão ambiental’, eu me vejo também às voltas muito mais com uma polissemia de vocações do que com um padrão único ou de algum modo dominante

Portanto, tendo em vista o crescente desenvolvimento da EA com grupos populares diversos, consideramos ser relevante para o campo da pesquisa aprofundar as seguintes indagações: quais as possibilidades e limitações na criação de coletivos diversos em projetos que visam a ação educativa sobre a questão ambiental? Quais as estratégias necessárias para se trabalhar com a realidade complexa e diversa que se apresenta para as ações em educação ambiental com organizações da sociedade civil? Quais as formas de se criar espaços efetivos de discussão sobre objetivos e interesses entre assessorias e organizações populares ou movimentos sociais, no tocante à temática ambiental?

Ainda no sentido da diversidade, é fundamental refletir sobre que implicações a apropriação da temática ambiental pode ter para o grupo, com relação a sua identidade com o movimento ou organização maior da qual faz parte e também ao público alvo das organizações. O que esses outros coletivos pensam sobre a incorporação da temática ambiental em uma organização que compartilha de sua identidade? A identidade do coletivo pode se alterar? Qual a aceitação do público com o qual as organizações ou movimentos trabalham nesta temática? Como trabalhar com esta temática? Em que medida os grupos se aproximam e se utilizam dos conhecimentos produzidos no campo da EA?

Estas ou outras questões que não pude perceber ou explicitar são pertinentes e interessantes para serem discutidas. No entanto, proponho seguirmos em nossa reflexão,

tendo como foco o caráter educativo das práticas relacionadas ao tema ambiental desenvolvidas pelas organizações participantes.

6.4 Aspectos da ação educativa-ambiental das organizações

Aprofundando o olhar sobre o material transcrito, podemos perceber que o aspecto educativo está presente em todas as organizações, seja em ações direcionadas ao público alvo ou aos próprios membros, no trabalho cotidiano do grupo. Sendo assim, a temática ambiental é apropriada pelos grupos nas ações pedagógicas como uma dimensão da educação, ou seja, ela se insere nas práticas educativas que o grupo já realizava. Alguns trechos ilustram essa interpretação.

Resgate Social

Trecho 18 (Grupo Focal 1)

- S1 os Racionais... vamos supor... compõe uma música sobre::: meio ambiente... o público dele...-- eu adoro Racionais...é um acho que dos primeiros... adoro mesmo... se não fosse ele o rap não teria essa força que tem hoje... não só ele como outros grupos fabulosos que tão há mili anos... mas de tanto... vamos supor... ele compõe a música... grava no CD... vai lança o CD... -- muita gente vai falá... isso não tem nada a ver com Racionais... é uma porcaria... mas de tanto as pessoas ouvirem vão acabar gostando...
- P ahan
- 800 S1 vai acabar querendo cantar... a música... vai acabar gostando... vai começar... entendeu?... daí...
- S2 e se aprofundar mais no assunto né?... se a pessoa se interessar mesmo... ela querer saber o porque... como que surgiu a idéia... vai querer saber de você... como muitos já perguntaram para mim... nossa... mas por que você tá (indo fazer) isso daí?... por que você teve essa idéia?... não... porque eu trabalho no projeto Água Quente tal... e eu acho que é interessante nós tentarmos éh::... prevalecer essa área de::: -- como nós vivemos nessa área que é muito degradada... muito destruída a mata né?... -- nós tentar trabalhar ess/ essa área também de recuperação de muitas áreas aqui que é né?... muito... que o pessoal já qué só construí... só construir... não deixar que isso aconteça né?... agora... tentar passar uma mensagem de preservação e né?... para aquela área eh::: plantio... e éh::: reflorestamento... eu ach/ achei importante só – quando eu escrevi... não não preocupei se:::... se o meu público ía gostar ou se::: ou se não ía gosta... eu me preocupei se o:::.... quem quem tivesse a importância no ambiente... no projeto iria gostar né?... no momento... mais a/ agora eu vejo que tá... tem uma... teve um... uma divulgação maior né meu?... aí agora eu tô preocupado também se os outr/ () (...)

Coral Rosa Mística

Trecho 19 (Grupo Focal 2)

- 925 S6 porque o nosso trabalho aqui agente lida com pessoas né?... e tenta ensinar aquilo que agente está aprendendo também... (porque Deus) além de ele ser bondoso... ele julga também... sabe?... e (é a mesma coisa a) natureza...
- P uhum...

- 929 S6 né?... ele faz... natureza mas assim... (literal) mesmo... ela é tão bondosa... a terra é tão boa... tão fértil... mas se continuar agredindo fazendo algumas coisas... ela também (sofre) com isso...
- P uhum...
- S6 ela também tem como se defender... por isso... então eu acho que a Igreja e qualquer outro Projeto que lida com o ser humano... com o meio ambiente... acho que/ acho que assim em geral... tem tudo a ver... se agente está aqui dentro da Igreja pode parecer... áh:: está fechadinho... mas também () lidando com pessoas que tem problemas... que tem dificuldade...

Conferência Santo Agostinho

Trecho 20 (Grupo Focal 1)

- S3 não... não... não... éh::... eu concordo com eles eu acho que... tem que consc/... tem que... áh sei lá... (conscientizar sabe?...) (nossas) família lá só que/... também não é?... eles estão no meio... (eles estão ainda) na pior parte da da cidade... se eles continuar a deixar () coisas... vai só piorar... a gente (tentou) dentro do trabalho que está sendo desenvolvido...
- 2067 P mais alguma coisa?... para complementar?... ((momento de silêncio, risos e murmúrios))
- S2 (eu acho assim) a base de tudo é o conhecimento...
- P ahn...
- 2071 S2 ah... a partir do momento que você adquiri o conhecimento... pelo menos:: você tem:: assim:: duas opções... fazer ou não fazer... por isso que::... esse projeto... esse trabalho... igual que está sendo feito pelo Água Quente... (torna-se uma grande ajuda)... igual a gente tem o conhecimento sendo passado para outros membros... igual a gente tem a opção de implantar ou não implantar... já é um grande ajuda porque se você/... aquilo que você não conhece... você não mexe... porque se você mexer os outros podem acabar ()...
- 2078 P uhun...
- S2 pelo menos conhecendo... adquirindo isso daí... a gente tem a opção de estar fazendo algo de bom para as nossas famílias... né?...

Teia - Casa de Criação

Trecho 20 (Grupo Focal 1)

- P e quando que a Teia começou a:::/ a não só tratar as questões ambientais... éh::: técnicas... né?... no processo de urb/ de urbanização... mas inserindo o caráter da educação?... qual... qual é o marco disso?... qual o projeto que/?...
- 1115 S3 no Projeto Água Quente ((fala bem baixinho))
- S4 éh.... ((fala bem baixinho))
- P é o Projeto Água Quente que traz esse viés então da::: educação/?...
- 1119 S1 [então... eu :::acho... cara... por exemplo... quando a gente discutia o PEP... eu lembro na minha cabeça que várias vezes a gente falava... Projeto de Educa/ de Emancipação Popular... e aí vinha discussão de:: p/ porra... p/ por onde a gente começa?... e aí vinha do Retratos do Bairro... através do olhar dos caras sobre como eles estão... no lugar que eles habitam... a relação que eles têm com aquele ambiente entendeu?...]
- 1125 que está dado... então para mim ali tá:::/ tá:::/ essa discussão começa ali... e aí a gente () discutir...
- S3 [éh:::... tinha um eixo assim tal.... (é a cultura cotidiana e ambiente...)]

Trecho 21 (Grupo Focal 1)

- 1140 S3 (...) e nas próprias oficinas do BID... que são também... eu acho que iss/ é um crescente... desse projeto que não chegou con/ a ser concretizado... depois teve as oficinas do BID... depois o Projeto Água Quente... que eu acho que::... por exemplo... nas oficinas do BID era uma questão... como no PEP era uma questão... mas não era o centro da questão...
- 1145 P uhun...
- S4 éh::...

A Coopercook, apesar de não ter realizado atividades relacionadas à temática ambiental, deixa explícito que percebe a dimensão ambiental existente em assuntos como higienização e manipulação de alimentos, tratados em cursos realizados com as cooperadas, como pudemos ver entre as linhas 467 e 476 do Trecho 3.

Sabendo do caráter educativo inerente aos movimentos sociais e dos ganhos qualitativos em termos político e crítico que a EA teve se aproximando dos mesmos, Loureiro (2007), ao propor uma reflexão sobre a pesquisa em Educação Ambiental e Movimentos Sociais no Grupo de Discussão de Pesquisa (GDP) do IV Encontro de Pesquisa em Educação Ambiental, nos mostra lacunas importantes a serem refletidas e nos instiga a pensar sobre. São questões, por exemplo: como os movimentos sociais promovem a educação, particularmente a EA ?; ou se esta aparece em suas finalidades; e quais os movimentos sociais mais permeáveis ao tratamento da EA.

Observando com mais profundidade no material transcrito os aspectos do fazer educativo-ambiental das organizações, percebemos que discutir a aproximação dessas ações com a EA é fundamental, pois a intencionalidade das mesmas e/ou a aproximação e identificação desses coletivos com o campo já constituído da EA são bastante incipientes, como também afirma Loureiro (2007, p.1):

Sem dúvida a luta pela educação, enquanto direito inalienável do ser humano, sempre esteve associada às reivindicações mais clássicas dos movimentos sociais, no entanto, a incorporação da temática ambiental como uma ‘bandeira de luta’ é bem mais recente, e mesmo quando ocorre, isto não significa um envolvimento direto com a EA.

Apesar do enfoque educativo das ações ambientalizadas das organizações estar presente na fala dos entrevistados, apenas a organização proponente do Projeto Água Quente nomeou duas de suas atividades como ações de educação ambiental, as outras organizações utilizaram principalmente os termos educação e conscientização. Mesmo pessoas da organização proponente, se referiram às ações do Projeto Água Quente, mais no sentido de educação e participação, do que de Educação Ambiental. Da mesma maneira, este termo também não foi utilizado nenhuma vez pelos(as) entrevistados(as) das outras organizações para se referir ao Projeto Água Quente. Os trechos a seguir

explicitam esta questão, mostrando inclusive o caráter informal das ações educativas, que vão sendo aos poucos incorporadas nas práticas sociais desenvolvidas pelas organizações, à medida que estas reconhecem o aspecto educativo de suas relações com as pessoas com as quais trabalham.

Teia Casa de Criação

Trecho 22 (Grupo Focal 1)

- S3 que no Projeto Água Quente... tem esse foco... né?... o foco ambiental é um foco claro... as outras questões... são questões que chegam junto com a questão ambiental mas eu acho que é... a/ é o primeiro projeto nesse sentido que a gente vai implementar... né?... () que a gente vai implementar efetivamente essa questão...
- 1151 S4 mesmo essa coisa da Educação... a gente nunca... no começo assim...
S1 nem tinha no estatuto... (tá ligado?...) nem tinha...
[
- S4 nem tinha no estatuto... e aí a gente começou a ser tão a gente começou a ser tão chamado para fazer curso... para fazer não
- 1155 sei o quê... para dar palestra e isso:::.... que a gente assim... meu muita coisa era:::.... estava tudo muito relacionado com a educação... então assim... né?... sempre a gente fez sem perceber e sem assumir... não... a Teia realmente... trabalha com formação em/ em todos os projetos... e aí educação ambiental está dentro disso... então sei lá...
- 1160 educação acho que está:::.... está sempre...
[
- S3 que é essa coisa da formação...

Conferência Santo Agostinho

Trecho 23 (Grupo Focal 2)

- S1 é... é porque é assim... o trabalho que a gente faz não é um trabalho assim imediato que:::/... a gente não espera assim... hoje pegar a fam/ uma família e amanhã ela já estar... porque é um trabalho lento... que você está :::mexendo::: com o::: com a educação dela... com o que ela aprendeu... com o que ela acredita... tudo porque... é difícil você chegar em uma família... onde o pai tem uma educação... daí que vem (avô) isso aquilo... aquilo e outro... do:::.... que eles fazem tudo errado... daí você chegar nele e fazer com que eles vão modificando... (para fazer tudo certo)... é um processo lento... as dificuldades são muito grandes...
- 665
- 970 P uhum...
- S1 né?... é difícil...
- P é mais o processo de::: que...

Coopercook

Trecho 24 (Grupo Focal 1)

- 350 S6 o Projeto Água Quente é para ajudar o meio ambiente...
S3 para ajudar o meio ambiente só?...
S6 conscientizar as pessoas... que tem coisas que fazem sem saber o quê estão fazendo...
- S3 ah:::....
- 355 S5 colocar fogo!
S3 conscientizar as pessoas... essa é a palavra chave...

Mesmo não havendo a utilização do termo Educação Ambiental pelas pessoas entrevistadas, podemos considerar que as ações citadas nos grupos focais envolvem tanto o caráter educativo, quanto o ambiental. Segundo Brandão (2005b), isto é comum tanto nos movimentos sociais, incluindo o ambientalista, como em instituições de estudo e de ações sociais motivadas pela questão ambiental, que em algum momento de suas agendas estão sempre formando, treinando ou educando pessoas. Sendo assim, concordamos com o Brandão (2005b, p.180) na seguinte afirmação.

No interior do amplo circuito de atividades, através das quais conhecimentos, valores, identidades e práticas de atuação estão sendo negociadas e transmitidas, segundo alternativas pedagógicas muito variadas, o que há em comum é que se está trabalhando o “ambiental” por meio de alguma forma de interlocução entre pessoas, e pelo emprego de alguma metodologia de ensino-aprendizagem

Para finalizar, apresentarei então, alguns elementos da ação educativa sobre a temática ambiental desenvolvida pelas organizações que indicam aproximações e distanciamentos com campo da Educação Ambiental. Não se trata de dizer *o que é* ou *não é* EA, mas sim de explicitar aspectos importantes para a reflexão sobre o trabalho educativo com essa temática, a fim de contribuir para que a mesma seja apropriada de maneira crítica na atuação das organizações. Acredito que a discussão teórica sobre os dados que indicam possíveis respostas a essa pergunta nos aproximará também de algumas respostas à pergunta de pesquisa levantada ainda no capítulo 1. *Que papel a educação ambiental pode ter na construção e no fortalecimento da atuação de organizações da sociedade civil em relação ao ambiente local?*

6.5 Aproximações e distanciamentos ao campo da educação ambiental: por uma apropriação crítica da temática ambiental em ações sócio-educativas de organizações da sociedade civil

No grupo focal com o Coral Rosa Mística surgiu uma questão muito interessante com relação à falta de continuidade dos processos educativos relativos a ao tema ambiental. Vejamos a avaliação que o grupo fez sobre uma campanha da qual participaram.

Trecho 25 (Grupo Focal 1)

P e assim éh::... éh:: e o quê que a á/... éh... nessa campanha mais especificamente que foi o ano passado... que foi da água né?... como é que vocês/?... o quê que vocês acharam desse trabalho assim... o quê que a

- comunidade achou?... o quê que vocês sentiram um pouco falar sobre isso para a comunidade?...
- 665 S1 é que quando está comemorando o... o tema... as pessoas ficam mais voltadas para aquilo né?... então é como se tivesse uma conscientização mesmo... fica voltado... aí refletem mais sobre o problema da... da/... desmatamento... do... da loucura humana mesmo em relação a natureza né?...
- P uhun...
- 670 S1 então todo mundo fica voltado para isso... para esse problema assim... para o meio ambiente... para a reciclagem né?... não estar jogando/... catar lixo... catar né?... quando eu trabalhava na unidade São Dias agente fazia isso... saia uma multidão catando...
- P catando... fazendo um arrastão?...
- 675 S1 isso... fazendo um arrastão...
- P mas aí você falou que quando vocês estão fazendo a campanha todo mundo... fica mais atento a esse tema... e hoje... uma ano depois que já foi essa campanha... alguém comenta alguma coisa?... como é que vocês/?...
- S1 áh... daí já morre viu...
- 680 S3 aí relaxa...
- S1 aí relaxa...
- S4 agente trabalha o ano inteiro... () mas o quê ficou dentro de cada um...
[()
- SC
- 685 P uhn?...
- S4 acho que cada um já foi conscientizado do quê não pode... a gente sabe que (muitos não fazem)... mas eu creio que cada um deveria continuar seguindo... eu mesmo... meu lixo é tudo separado... eu não jogo lixo que é reciclável fora... separo tudo... economizo saco de lixo... e/ e/ e ainda ganho dinheiro...
- 690 P uhun...
- SC ((risos))
- S ()
- S é/ é eu também...

Trecho 26 (Grupo Focal 1)

- S8 então é:: uma consciência que a gente teve...
- P em um período...
- S8 e não perdeu... eu creio que muita gente não perdeu essa consciência...
- S6 principalmente os idosos e as crianças...
- 705 S8 ahn?... são os que mais...
[
- S7 é::... el/ ele/ eles não coment/ el/ ele/ eles não comentam né?...
- S4 é mas com certeza sabem né?...
- S ()
- 710 S4 mas eu acho que sim... está gravado... toda campanha é bem válida né?... qualquer...

Parece-me claro que o grupo percebe as limitações de uma ação pontual, como é a de uma campanha, e apontam que findada as ações da mesma, muitas pessoas tornam a apresentar comportamentos que “não deveriam ter”. De modo complementar, no grupo focal da Teia - Casa de Criação, uma avaliação positiva sobre a realização de processos mais contínuos foi feita quando um dos entrevistados falava sobre o Projeto

Água Quente. É consenso no campo da Educação Ambiental que os processos educativos neste âmbito devem ser permanentes (TRATADO..., 1995). Neste sentido, assumir a deficiência de ações pontuais e buscar processos continuados de ensino-aprendizagem são passos importantes para a configuração de uma postura que busca a transformação das relações entre indivíduo-sociedade-natureza.

Quando se buscam transformações deste tipo, o foco da ação educativa não é o comportamento que as pessoas desenvolvem, mas sim os valores e representações sociais de mundo que dão suporte a estas expressões. De acordo com Carvalho (1995, p.61),

todos os processos de formulação e reformulação de representações e práticas sobre o meio ambiente, constituem um campo educativo por excelência. Aí é que são construídos valores e mentalidades que vão informar muitos dos comportamentos individuais e coletivos. Nesse contexto, a educação ambiental pode ser uma prática de ação política que interpele a sociedade, problematizando a degradação das condições ambientais e das condições de vida como processos intrinsecamente articulados.

Obviamente, sendo o comportamento uma forma de expressão dos valores e atitudes que as pessoas possuem, muitas vezes a preocupação acaba se voltando para que estes sejam alterados, em função de uma convenção sobre o que se entende por “correto”. No entanto, é interessante notar que apesar disto, essa mudança muitas vezes é relacionada ao processo de conscientização, como ilustra o trecho anterior e o seguinte.

Coopercook

Trecho 27 (Grupo Focal 2)

	S1	<u>hoje em dia a gente tem mais consciência... se for... jogar um papelzinho de bala no chão a sua consciência vai doer eu acho... eu creio viu...</u>
1096	S3	(outro dia mesmo) <u>eu joguei um papel no chão eu falei... aí meu Deus do céu... eu me arrependi...</u> queria que meu marido voltasse ele não quis voltar... uma garrafa de água... <u>a gente sabe quanto demora uma garrafa de água para/... para/... quantos anos e anos para diluir né?... a gente vai morrer e a garrafa vai estar lá né?... então né?... hoje em dia...</u>
1101	S9	() dez anos que a minha () ... dura cinquenta anos
		[
	S1	na questão de reciclagem também... eu creio né?...
1105	S3	será?...
	S1	quanto tempo é?... vocês têm noção?...
	P	nossa... eu não sei... você sabe auxiliar?...
	A	não... são sei...
	S1	a garraf/... o plástico...
1110	P	o plástico...

- SC ((conversas sobre as possibilidades de anos, muito baixo não é possível entender)) quinhentos anos...
- S1 eu sei que é bem eterno além da nossa vida ((risos))

Falar sobre consciência ou conscientização é um tanto quanto delicado e um tema que exige reflexão permanente por parte de educadores(as) e educandas(as). Segundo Oliveira (no prelo b) a utilização do termo no campo da educação e da educação ambiental muitas vezes se dá de forma superficial e ingênua, como se fosse possível ao(a) educador(a) conscientizar, numa via de mão única, seus(suas) educandos(as). Sem condições de, neste documento, seguir com profundidade neste sentido, quero apenas ressaltar uma característica das concepções de consciência que percebi nos trechos acima, que me parece pertinente para este momento da discussão, o *aparente estado final que se alcança de consciência*.

Para FIORI (1986), em um texto bastante esclarecedor sobre essa questão, a consciência é um processo próprio da natureza humana, dada a possibilidade de dar significado às coisas e aos fatos, mas é também um processo histórico, determinado pela organização social e cultural dos grupos humanos, afirmando que *consciência crítica é consciência histórica*. Nessa mesma linha, para Freire (2005) o processo conscientização está diretamente relacionado ao caráter histórico e inconcluso do ser humano. É por considerar o inacabamento do mundo e do próprio ser humano e da consciência acerca dessa limitação, e ao mesmo tempo, a abertura para a construção do novo, pois a educação é um processo permanente, sendo, portanto, um processo de conscientização contínuo e também intrínseco a cada ser humano.

Na discussão com membros da Conferência Santo Agostinho me foi feita uma questão que considerei muitíssimo delicada, também envolvendo o tema da conscientização.

Trecho 28 (Grupo focal 1)

- 944 S5 tá muita.... tá muita... a erosão... muita sujeira... e estão acabando com a natureza né?... e acabando com a natureza a gente sabe que a gente está prejudicando a nós mesmos né?... então o que eu vejo do projeto é isso daí... agora o quê eu/ eu/ eu queria... até:... não sei... eu acho que é a maior dificuldade de vocês também... é como chegar ao principal né?... ao (quem) (quem)... junto com as pessoas envolvidas nisso... que é povo mora realmente naquela região... que a gente vê...
- 950 P uhun
- S5 que (não) é (indo) de porta em porta... teria que estar tocando do lado deles...
- P ahan...
- 953 S5 então eu não sei... ahn...como/... -- agora até é um nível de pergunta né?... -- como vocês pretendem atingir aí esse (lado)... que eu falo... como o representante falou... pela minha profissão... eu mexo... já tenho muito essa

- 958 S4 preocupação com o meio ambiente... e ali é um::: da cidade... é um dos piores lugares para se trabalhar... que o pessoal não tem conscientização...
 uhn::... mal (chegou) o saneamento básico lá né?... então::... acho que a questão higiene pessoal deles já não é das melhores...
- 960 [
- S5 ()
- P uhun...
- S4 ainda mais você falar em::: conservação do meio ambiente... onde eles não conservam nem o próprio lar...
- 965 S5 não eles não conservam nem o próprio corpo muitas vezes... imagina a/ a/ questão do meio ambiente...
- [
- S4 é... então éh... é eu acho uma discus/ ía ser uma questão muito compli/... porque se você falasse para uma pessoa... que tem rede de esgoto... que ela abre a torneira a água vai direitinho lá para o esgoto... (se quiser) vamos colocar assim... toma banho assim todos dias né?... igual/...

Trecho 29 (Grupo focal 1)

- S4 então éh::: éh::: fica mais fácil de você assimilar aí de repente... uma pessoa que tem estudo... uma orientação ao alguma coisa assim... então aí fica mais fácil de falar olha... em questão de meio ambiente... agora as pessoas que n/ n/... não:::...
- 978 S5 não tem acesso à informação...
- S4 não tem escolaridade nenhuma... éh::: (...)

No momento junto ao grupo focal não foi possível responder a esta importante pergunta e pelo tom em que foi feita, não se espera uma resposta pronta, indicava-se um questionamento de solução complexa. Apenas acompanhei o raciocínio e busquei compreender o que fundamentava tal inquietação. Entendendo que o foco do problema se inscreve na concepção de conscientização, nas relações desta com a questão ambiental, e como realizar processos educativos capazes de desenvolver esta característica humana. O caminho para possíveis respostas, certamente se inscreve nas interlocuções entre a Educação Popular e a Educação Ambiental. Portanto, a aproximação a estes campos é imprescindível, dado o potencial gerado para o desenvolvimento crítico desse coletivo, à medida que este reconhece uma situação difícil de ser transposta, no entendimento de Freire (2005), uma situação limite, em que se inscreve uma condição de opressão.

Nesse sentido, segundo Jacobi (2005c, p.244) “[...] a educação ambiental precisa prover um instrumental que promova uma atitude crítica, uma compreensão complexa e a politização da problemática ambiental [...]”. Um aspecto que nos chamou a atenção na entrevista realizada com o Resgate Social é a preocupação que o grupo possui em produzir letras que proporcionem a reflexão sobre a questão ambiental naqueles que ouvem o rap que fazem.

Trecho 30 (Grupo focal 2)

- 1687 S2 áh... baseado na/ no projeto/ na música do projeto... que nem nós falou... nós não fez preocupado em :::agradar::: geral... não é isso?... tentamos fazer essa parte de agradar o nosso/.... o pessoal do Projeto... das outras.... os outros con/... os outros conhecimentos do/ do ambiente né?... e já que nós sabia que ia::: para o jornal... que todo mundo ia conhecer... foi onde que nós começamos a se preocupar né?... vamos fazer... mas vai para o jornal então nós tem que saber escrever tal... vai para outros lugar... vai para uma entrevista... vai aparecer na rádio... o/:: a nossa preocupação é assim... será que eles vão compreender?... entender eles vão... será que eles vão compreender o quê nós estava querendo dizer mesmo?... que... lá no sentido da preservação do::: reflorestamento?... é isso a nossa preocupação... com/ entender eles vão... mas vão compreender o que nós estava querendo dizer tal?... será que nós vai estar passando corretamente a mensagem?... éh:: é essa nossa preocupação... mesma coisa é a do projeto do/ do documentário né?... tá lá... vão/ todo mundo vai tá:::/... a partir da semana que vem vai todo mundo ter o acesso à/...
- 1702 [
- S1 (para gente que nem da equipe)... da Teia né?... principalmente agradar a Teia tal...
- 1705 S1 a partir de amanhã já...
- P é...
- S1 a galera vai tá ouvindo... começa nós cantando... termina nós cantando... nós entrevistando... nós sendo entrevistado...

Esse aspecto também foi observado no conteúdo das transcrições da Teia - Casa de Criação, mais especificamente no Trecho 15 (linhas 1020 à 1026), apresentado no item 6.2 desta dissertação. O processo compreensivo e reflexivo é que permite o desenvolvimento crítico das *mentalidades* e ações com relação ao ambiente, cerne do projeto de Educação Ambiental na perspectiva Latino Americana. Contudo, como nos chama à atenção Sauv (2005, p. 321),

em vista de sua amplitude e por exigir mudanas em profundidade o projeto educativo da educao ambiental certamente de difcil realizao. Ele requer o envolvimento de toda a sociedade educativa: escolas, museus, parques, municipalidades, organismos comunitrios, empresas etc. cabe a cada ator definir seu nicho educacional na educao ambiental, em funo do contexto particular de sua interveno, do grupo a que se dirige e dos recursos que dispo: trata-se de escolher objetivos e estratgias de modo oportuno e realista, sem esquecer, contudo, do conjunto de outros objetivos e estratgias possveis. importante encarar cada interveno especfica como complementar e de preferncia integrada ao conjunto do sistema de atores da educao ambiental.

A percepo sobre a existncia de elos estabelecidos entre os diferentes atores sociais envolvidos nesse projeto educativo se faz presente no seguinte trecho do grupo focal realizado com o Coral Rosa Mstica.

Trecho 31 (Grupo Focal 1)

- S7 apesar que todo mundo que tem... filhos na escola... eu acho que praticamente todo dia eles estão consciente do:::
 S é...
 715 S7 do quê está se passando porque a criança já tem normalmente... freqüentemente já tem esse alerta sobre o meio ambiente tal... mas sempre chega em casa...
 [na escola... sobre queimadas... traz...
 S3 né?...
 S queimada...
 720 S7 é... a minha/ a minha filha chega em casa fala... ah pai o professor falou que não pode jogar o lixo no mato... não pode:::... éh:::... gastar muita água... não sei o quê... então é?...
 P uhun...
 S7 normalmente... todo dia chega em casa ele sempre tem alguma coisinha para falar... a respeito do ambiente né?...
 725 [eles aprendem... chegam em casa... falam para agente...
 S e tanto na escola como na catequese também né?... porque a catequese também ela é voltada né?... porque éh::: é assim... a igreja ela procura a:::... a educar o povo... para respeitar mesmo a natureza...
 730 S1 uh... e tanto na escola como na catequese também né?... porque a catequese também ela é voltada né?... porque éh::: é assim... a igreja ela procura a:::... a educar o povo... para respeitar mesmo a natureza...
 P uhn...
 S1 né?... respeitando a natureza consequentemente você está respeitando a Deus que é o criador...
 P da natureza...

Como vimos anteriormente, as possibilidades de recorte ambiental visualizadas pelas organizações para suas atuações são diversas. Dentro de cada uma destas perspectivas cabe uma visão, concepção ou representação do que seja o meio ambiente, pois segundo Sauv (2005, p.322) “[...] a relao com o meio ambiente eminentemente contextual e culturalmente determinada[...]”. Nesse artigo, a autora traz algumas representaes de meio ambiente que mostram implicitamente diferentes recortes e projetos educativos possveis.

Frente a inmeras possibilidades a autora alerta que limitar as aes educativas a uma ou outra dessas dimenses resulta em uma educao ambiental incompleta, que alimenta uma viso enviesada do que seja “estar no mundo”. Neste mesmo sentido Brando (1995, p.222-223), dez anos antes, j alertava que a educao ambiental muito mais do que uma educao para os cuidados do ambiente, ao afirmar que

no devemos lidar conscientemente com as questes que na escola poderiam ser reunidas em uma educao ambiental apenas porque o mundo vai mal [...]. Devemos retornar a estas questes com os olhos da virada do milnio, porque urgente recuperar os elos [...]. porque somos parte da cadeia, do fluxo e dos elos da vida, que sempre existiu para ns, uma ‘questo ambiental’.

Portanto, tratando de coletivos, cabe a cada organizao buscar seu nicho de atuao e refletir sobre os elos entre ser humano-sociedade-natureza presentes na

mesma, em um movimento contínuo de aprendizagem e compreensão acerca do *mundo da vida*. As possibilidades de tratar a questão ambiental são muitas e diversas, o que garante a riqueza e crescimento do campo, à medida estas ações são imbricadas por uma postura crítica sobre o mundo e sobre si mesma. Neste sentido, a aproximação ao campo da Educação Ambiental em sua perspectiva crítica, transformadora, emancipatória é de suma importância para dar suporte a um processo reflexivo e compreensivo de apropriação da temática ambiental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, buscamos levantar questões no campo da pesquisa em Educação Ambiental partindo de uma ação sócio-educativa junto a organizações da sociedade civil. Acreditamos que esse processo tenha sido bastante enriquecedor e tenha contribuído para a percepção da importância da reflexão sobre a relação entre ação e pesquisa em educação ambiental. Para o(a) pesquisador(a) que é também educador(a), há muitas desafios a serem transpostos, tanto no campo da pesquisa, como da ação educativa. Por outro lado, há ganhos importantes do contato direto com a ação, do trabalho reflexivo do(a) pesquisador(a)-educador(a) sobre o contexto no qual (se)pesquisa e (se)educa e os sujeitos envolvidos nessas práticas, como vimos no primeiro capítulo dessa dissertação.

Sendo assim, consideramos que a consciência da integração desses dois papéis favorece o desenvolvimento de pesquisas e ações educativas comprometidas com os sujeitos e contextos envolvidos e com o desenvolvimento da criticidade e reflexividade do(a) pesquisador(a)-educador(a) na formulação de perguntas de pesquisa, bem como no processo de construção de respostas a estas perguntas.

No tocante à apropriação da temática ambiental por organizações da sociedade civil, foco de uma das questões de pesquisa, consideramos essencial para o campo da pesquisa em Educação Ambiental e organizações da sociedade civil compreender de que maneira as experiências pessoais e coletivas se articulam no processo de inserção dessa temática na atuação da organização ou no ideário de um movimento. Isto porque, como tratado no item 6.3 do segundo capítulo, as experiências pessoais e no nível particular estiveram bastante presentes nas discussões dos grupos focais, indicando a importância de se dar a devida atenção a relatos dessa natureza. No caso de projetos sócio-ambientais, como o Projeto Água Quente, em que se pretende a formação de agentes comunitários que representam uma organização, reflexões neste nível são fundamentais para se compreender em profundidade qual o papel que o mesmo pode

desempenhar em um processo crítico e reflexivo de apropriação da temática ambiental pelo grupo ou movimento.

Outro aspecto que gostaríamos de retomar nessa “conversa de despedida” é as diferentes possibilidades de apropriação da temática ambiental pelas organizações, de acordo com sua atuação. Cada uma ao relacionar essa temática com as ações que desenvolve, delimita um recorte, escolhe um enfoque do “ambiental”. Dessa forma, consideramos importante que nos processos educativos realizados com organizações da sociedade civil se busque construir formas de criar espaços de diálogos entre as diferentes perspectivas de atuação com a temática ambiental. Acreditamos que isto estimule a apropriação no nível coletivo, como pudemos observar com mais propriedade no caso do Resgate Social.

No que diz respeito ao fazer educativo-ambiental, observamos que a presença do caráter educativo nas ações das organizações da sociedade civil potencializa a possibilidade dessas realizarem trabalhos educativos relacionados à temática ambiental. Com isso, buscamos identificar alguns distanciamentos e aproximações das práticas realizadas pelas organizações com o campo da Educação Ambiental e concluímos que apesar de muitas organizações não denominarem suas ações como EA, há características dessas que as aproximam do campo da EA.

Nessa pesquisa, tivemos como foco as organizações locais, o passo seguinte seria compreender o ideário maior que estas organizações podem ter e compartilhar, ultrapassando a atuação específica de cada uma em direção ao que representa um movimento social. Acreditamos ser fundamental a realização de reflexões neste nível com as organizações locais, buscando uma compreensão sobre a identificação destas como parte de movimentos sociais, pois a literatura aponta ganhos importantes da apropriação da temática ambiental por outros movimentos sociais, como, a politização do Ambientalismo e conseqüentemente da EA, e também a ampliação da concepção de cidadania.

No diálogo com o campo teórico, percebemos o potencial do desenvolvimento de novos estudos sobre as relações entre a educação ambiental e as organizações da sociedade civil e a importância que os conhecimentos dessa área para a construção de uma cidadania planetária. Buscamos ao longo de todo o trabalho levantar questões para o desenvolvimento nesse campo e consideramos que o aprofundamento teórico destas questões pode contribuir fortemente com a formação ambiental e educativa de cidadãos

e cidadãos comprometidos(as) com a questão ambiental e com a luta por direitos coletivos, ampliando as possibilidades de participação cidadã.

Sendo assim, destacamos a necessidade de um maior aprofundamento teórico-reflexivo nos aspectos da Educação Ambiental e da Educação Popular, de modo a contribuir para a apropriação da temática ambiental de maneira crítica na atuação sócio-educativa de indivíduos e coletividades. Destacamos também a necessidade de estudos que envolvam em uma perspectiva ampliada os vários atores sociais na constituição de redes que promovem a luta pela ampliação das noções de cidadania e democracia, em busca da construção de outros projetos de sociedade, ambientalmente responsáveis e socialmente equitativos.

REFERÊNCIAS

- ACSELRAD, H.; HERCULANO, S.; PÁDUA, J. A. (2004). Justiça ambiental e a dinâmica das lutas socioambientais no Brasil: uma introdução. In: _____. *Justiça ambiental e cidadania*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fundação Ford. Cap1, p.9-20.
- ACSELRAD, H.; LEROY, J. P. (2003). *Novas premissas da sustentabilidade democrática*. Rio de Janeiro: Projeto Brasil Sustentável e Democrático - Fase, 2. ed.(Série Cadernos de Debate, 1)
- ALMEIDA, R.C.; VALENCIO, N. F. L. S. (2003). A Questão hídrica e a construção de um planejamento urbano sustentável e participativo: o caso do orçamento participativo no município de São Carlos. In VALENCIO N. F. L. DA S.; MARTINS, R. C. (Org.). *Uso e gestão dos recursos hídricos no Brasil*. São Carlos: RiMa. Cap. 14, p.1-20.
- ALVES, A.J. (1991). O Planejamento de pesquisas qualitativas em educação. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n.77, p. 53-61.
- ANÁLISE Ambiental da Bacia do Córrego Água Quente, São Carlos – SP. (2002). São Carlos: Prefeitura Municipal de São Carlos, Secretaria Municipal de Obras, Transportes e Serviços Públicos.
- ANDRÉ, M.E.D.A. (2006). Pesquisa em educação: desafios contemporâneos. *Revista Pesquisa em Educação Ambiental*. Ribeirão Preto, v.1, n.1, p.43-57, jul - dez.
- ANTUNES, I. (2005). *Lutar com palavras: coesão e coerência*. São Paulo: Parábola editorial (Coleção Na ponta da língua, 13).
- ARROYO, M. G. (1987). Educação e exclusão da cidadania. In: BUFFA, E. ARROYO, M. G.; NOSELLA, P. *Educação e cidadania: quem educa o cidadão?* 4.ed. São Paulo: Cortez. Cap 2., p. 31-80. (Coleção Questões da Nossa Época, 19)
- AVANZI, M. R.; MALAGODI, M. A. S. (2005). Comunidades interpretativas. In FERRARO-JUNIOR, L. A. (Org.) *Encontros e caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores*. Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental. p. 93-102.
- ÁVILA, M. P. (2006). *Periferia é periferia em qualquer lugar?* Antenor Garcia: Estudo de uma periferia interiorana. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais, 112p., UFSCar, São Carlos, 2006.
- BADIOLA, M. H. (2005). Educación popular ambiental. In: LÓPEZ-HERNÁNDEZ, E. S.; MERCADO, Ma. M. T. B.; GONZÁLEZ, G. (Coord.) *La Profesionalización de los*

educadores ambientales hacia el desarrollo humano sustentable. México: ANUIES. (Coleção Biblioteca de la Educación Superior - Série Memórias).

BAGNO, M. (1999). *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 2.ed. São Paulo: Loyola.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. K. (1994). *A Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto. p. 15-18.

BORBA, M.P.; OTERO, P.; PINHEIRO, C.H.R. (Orgs.) (2005). *Orientação para educação ambiental no estado de São Paulo: origem e caminhos da REPEA - Rede Paulista de Educação Ambiental*. São Paulo: Imprensa Oficial de São Paulo; 5 Elementos Instituto de Educação e Pesquisa em Educação Ambiental.

BRANDÃO, C. R (1995). Educação ambiental e educação para a vida: dez idéias para semear preceitos. In: _____. *Em Campo aberto: escritos sobre a educação e a cultura popular*. São Paulo: Cortez. Cap.9, p.221-229.

_____. (1999) Pesquisar - Participar. In: _____. *Pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense. Cap. 1, p. 9-16.

_____. (2003). *A Pergunta a várias mãos: a experiência da partilha através da pesquisa na educação*. São Paulo: Cortez. (Série Saber Com o Outro;1).

_____. (2005a). Comunidades aprendentes. In: FERRARO-JUNIOR, L. A. (Org.) *Encontros e caminhos: formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadores*. Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental. pg. 83-91.

_____. (2005b). *As Flores de abril: movimentos sociais e educação ambiental*. Campinas: Autores Associados. (Coleção Educação Contemporânea).

BRASIL (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Disponível em <<http://www.dhnet.org.br/direitos/brasil/leisbr/1988/constbr.htm>> Acesso em: 23 jul 2007

BRASIL (1999). Lei nº9.795, de 27 de abril de 1999. Institui a política nacional de educação ambiental e da outras providências. Disponível em: <www.planalto.gov.br/civil/leis/19795.html> Acesso em: 20 jul 2007

BRASIL. Ministério da Educação (1998). *Parâmetros curriculares nacionais*. Brasília.

BUFFA, E. (1987) Educação e cidadania burguesas. In: BUFFA, E. ARROYO, M. G.; NOSELLA, P. *Educação e cidadania: quem educa o cidadão?* 4 ed. São Paulo: Cortez. p. 11-30. (Coleção Questões da Nossa Época, 19)

BURNHAM, T.F. (1998). Complexidade, multirreferencialidade, subjetividade: três referências polêmicas para a compreensão do currículo escolar. In: BARBOSA, J.G. *Reflexões em torno da abordagem multirreferencial*. São Carlos: EDUFSCar. p.35-55.

CARVALHO, I.C.M. (1995). Movimentos sociais e políticas de meio ambiente: a educação ambiental aonde fica? In: SORRENTINO, M.; TRAJBER, R.; BRAGA, T. (Orgs.) *Cadernos do III Fórum de Educação Ambiental*. São Paulo: Gaia. p. 58-62.

_____. (1998). *Em Direção ao mundo da vida: interdisciplinaridade e educação ambiental/ conceitos para se fazer educação ambiental*. Brasília: IPÊ – Instituto de Pesquisas Ecológicas.

_____. (2001). Educação Ambiental e Movimentos Sociais: elementos para uma história política do campo ambiental. *Rev. Educação: Prática e Teoria*. Rio Claro, v. 9, n. 16 e 17, jan-jun, jul-dez, p. 46-56.

_____. (2002). O 'Ambiental' como valor substantivo: uma reflexão sobre a identidade da educação ambiental. In: SAUVÉ, L.; ORELLANA, I.; SATO, M. *Textos escolhidos em educação ambiental: de uma América à outra*. Montreal: ERE-UQAM. Tomo I, p. 85-90.

_____. (2004). Educação ambiental crítica: nomes e endereçamentos. In: LAYRARGUES, P.P. (Coord.). *Identidades da educação ambiental brasileira*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente. p.13-24.

CASTRO, M. (2004). Desafios na construção do objeto de pesquisa: conversando com jovens pesquisadores. *Escritos sobre Educação*. Ibité, v.3, n.1, p. 15-26, jan-jun.

CÔRTEZ, M. R.; *et al.* (2000). Uso e ocupação da terra na área urbana. In: ESPÍNDOLA, E.L.G.; *et al.* (Org.). *A Bacia hidrográfica do Rio do Monjolinho: uma abordagem ecossistêmica e a visão interdisciplinar*. São Carlos: RiMa. p.114-132.

DEVESCOVI, R. C. B. (1985) *O Processo de produção do espaço urbano e da segregação sócio-espacial: um estudo sobre a cidade de São Carlos*. 261 p. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação EAESP/FGV, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, Campinas. 1985.

ELIAS, N. (2001). Notas sobre os judeus como participantes de uma relação estabelecidos-outsiders. In: _____. *Norbert Elias por ele mesmo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Cap. 4, p.143.

ESPÍNDOLA, E.L.G.; SILVA, C.A.P. (2005). PPG-SEA: síntese de 15 anos de ensino, pesquisa e extensão. In: ESPÍNDOLA, E. L. G.; WENDLAND, E. *PPG-SEA: trajetórias e perspectivas de um curso multidisciplinar*. São Carlos: RiMa. p. 3-83.

FALKEMBACH, E.M. F. (1997). Diário de campo: um instrumento de reflexão. *Contexto e Educação*, Ijuí, ano 2, n.7, p. 19-24, jul-set.

FÁVERO, L.L. (2003). O Tópico discursivo. In: PRETI, D. (Org.) *Análise de textos orais*. 6. ed. São Paulo: Humanitas; FFLCH/USP. p. 39-64. (Projetos Paralelos, 1).

FERREIRA, L.C. (2003) *A Questão ambiental: sustentabilidade e políticas públicas no Brasil*. São Paulo: Boitempo.

FIORI, E.M. (1986). Conscientização e educação. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v.11, n.1, p. 3-10, jan-jun.

FREIRE, P. (1990). *A Importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 24. ed. São Paulo: Cortez; Autores Associados. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo; 4).

_____. (1996). *Pedagogia da autonomia*. 35. ed. São Paulo: Paz e Terra. (Coleção Leitura)

_____. (2005). *Pedagogia do oprimido*. 41. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

FREITAS, D.; OLIVEIRA, H. T. (2006). Pesquisa em educação ambiental: um panorama de suas tendências metodológicas. *Pesquisa em educação ambiental*. Ribeirão Preto, v. 1, n.1, p.175-191, jul-dez.

FURRIELA, R.B. (2002). *Democracia, cidadania e proteção do meio ambiente*. São Paulo: Annablume; Fapesp.

GALEMBECK, P.T. (2003). O Turno conversacional. In: PRETI, D. (Org.) *Análise de textos orais*. 6. ed. São Paulo: Humanitas; FFLCH/USP. p. 65-92. (Projetos Paralelos, 1).

GALIAZZI, M.C. (2004). As metodologias de pesquisa em Educação Ambiental. Apresentação. In: TAGLIBER, J. E.; GUERRA, A. F. S. (org.) *Pesquisa em Educação Ambiental: pensamentos e reflexões*. I Colóquio de Pesquisadores em EA. Pelotas: Ed. Universitária/UFPel, p. 49-53.

GASKELL, G. (2003). Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M.W.; GASKELL, G. (Cord.). *A Pesquisa qualitativa com texto imagem e som: um manual prático*. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 2.ed. Petrópolis: Vozes. p. 64-89.

GOHN, M.G.M. (1994). *Movimentos sociais e educação*. 2. ed. São Paulo: Cortez. (Questões da Nossa Época, 5)

GÓMEZ, J.G. (2000). Modelo, realidad y posibilidades de la transversalidad: el caso de Valencia, España. *Tópicos en Educación Ambiental*, México DF, n.2, v.6, p. 53-62.

GONDIM, L.M.P.; LIMA, J.C. (2006). *A Pesquisa como artesanato intelectual: considerações sobre método e bom senso*. São Carlos: EdUFSCar.

GONZÁLEZ-GAUDIANO, E. (2001). Discursos ambientalistas e discursos pedagógicos. In: SANTOS, J.E.; SATO, M. *A contribuição da educação ambiental à esperança de pandora*. São Carlos: RiMa. p. 389-396.

GUIMARÃES, M. (2000). *Educação ambiental: no consenso um embate?* Campinas: Papirus (coleção Papirus Educação).

_____. (2004). Educação ambiental crítica. In: LAYRARGUES, P.P. (Coord.). *Identidades da educação ambiental brasileira*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente. p.25-34.

GUTIÉRREZ, J.(2003). Controvérsias disciplinares e compromissos pendentes na pesquisa contemporânea em educação ambiental. *Revista Educação Pública*. Cuiabá, v.12, n.22, p.83-105, jul-dez.

JACOBI, P.R. (1997) Educação para a cidadania: participação e co-responsabilidade. *Debates Socio Ambientais*, São Paulo, ano II, n.7, p.1-2, jul- set.

_____. (1999). Meio ambiente urbano e sustentabilidade: alguns elementos para reflexão. In: CAVALCANTI, C. (Org.). *Meio ambiente, desenvolvimento sustentável e políticas públicas*. 2.ed. São Paulo: Cortez; Recife: Fundação Joaquim Nabuco. p.384-390.

_____. (2000). *Cidade e ambiente: percepções e práticas em São Paulo*. São Paulo: Annablume.

_____. (2005a). *Cidade, ambiente e sustentabilidade*.

<<http://www.baciasirmas.org.br/doc/cidade%20ambiente20%sust.pdf>>. Acesso em: 20 fev 2006.

_____. (2005b). Participação. In: FERRARO-JÚNIOR, L.A. *Encontros e caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores*. Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental. p. 229-236.

_____. (2005c). Educação ambiental: o desafio da construção de um pensamento crítico, complexo e reflexivo. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.31, n.2, p.233-250, maio-ago.

JOVCHELOVITCH, S. (2000) *Representações sociais da esfera pública: a construção dos espaços públicos no Brasil*. Petrópolis: Vozes.

LAISNER, R.C. (1999). *Entre formas autoritárias e possibilidades democráticas: uma análise das representações de moradores de periferia de São Carlos/SP*. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

LARRAÍN, S.; LERROY, J. P.; NANSEN, K. (2002) Conceptualizando la sustentabilidad desde la perspectiva del Sur. In: _____. *Cono Sur sustentable: aporte ciudadano a la construcción de sociedades sustentables* (Fundación Heirich Böll). Cap. 4, p. 111-152.

LAYRARGUES, P.P. (1999). Conflitos socioambientais e cidadania: qual é o tema da educação ambiental? In: MATA, S. F. *et al.* (Org) *Educação ambiental: compromisso com a sociedade com a sociedade*. Rio de Janeiro: MZ. p. 50-55.

LEFF, H. (2000) O Movimento ambientalista e a democracia na América Latina. In: _____. *Ecologia, capital e cultura: racionalidade ambiental, democracia participativa e desenvolvimento sustentável*. trad. SILVA, J. E. Blumenau: Ed. da FURB, p. 301-331. (Coleção Sociedade e Ambiente, v.5)

LEIS, H.R; D'AMATO; J.L. (1995). O Ambientalismo como movimento vital: análise de suas dimensões histórica, ética e vivencial. In: CAVALCANTI, C. (Org.). *Desenvolvimento em Natureza: estudos para uma sociedade sustentável*. São Paulo: Cortez; Recife: Fundação Joaquim Nabuco. p. 77-103.

LEIS, H.; VIOLA, E. (1995). O Ambientalismo multissetorial no Brasil para além de Rio-92: o desafio de uma estratégia globalista viável. In: _____. (Org.). *Meio ambiente, desenvolvimento e cidadania: desafios para as ciências sociais*. São Paulo: Cortez. p. 134-160.

LIMA, G.F.C. (2002). Crise ambiental, educação e cidadania: desafios da sustentabilidade emancipatória. In: LOUREIRO, C.F.B.; LAYRARGUES, P.P.; CASTRO, R.S. (Org.) *Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania*. São Paulo: Cortez. p. 109-141.

_____. (2004). Educação, emancipação e sustentabilidade: em defesa de uma pedagogia libertadora para a educação ambiental. In: LAYRARGUES, P.P. (Coord.). *Identidades da educação ambiental brasileira*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente. p.85-111.

LOUREIRO, C.F.B. (2002). Educação ambiental e movimentos sociais na construção da cidadania ecológica e planetária. In: LOUREIRO, C.F.B.; LAYRARGUES, P.P.; CASTRO, R.S. (Org.) *Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania*. São Paulo: Cortez. p.69-98.

_____. (2003). Conceitos de ética, educação ambiental e cidadania. In: _____. (Org.). *Cidadania e meio ambiente*. Salvador: Centro de Recursos Ambientais. Cap. 2, p. 33-44. (Série Construindo os Recursos do Amanhã, 1)

_____. (2004). Educação ambiental transformadora. In: LAYRARGUES, P.P. (Coord.). *Identidades da educação ambiental brasileira*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente. p.65-84.

_____. (2006). *O Movimento ambientalista e o pensamento crítico: uma abordagem política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Quartet.

_____. (2007). Grupos de discussão: pesquisa em educação ambiental e movimentos sociais. In: ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL, 4., 2007, Rio Claro. *Anais...* Rio Claro: UNESP. p.1-3.

MAUTNER, Y. (1999). A Periferia como fronteira de expansão do capital. In: DEÁK, C. SCHIFFER, S.R. (Orgs.) *O Processo de urbanização no Brasil*. São Paulo: EDUSP. p. 245 -259.

MENESES, M.P. (2004) Agentes do conhecimento? A consultoria e a produção do conhecimento em Moçambique. In: SANTOS, B. S. (Org.). *Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado*. São Paulo: Cortez. p.721-755.

MYERS, G. (2003) Análise da conversação e da fala. In: BAUER, M.W.; GASKELL, G. (Edi.). *A Pesquisa qualitativa com texto imagem e som: um manual prático*. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 2.ed. Petrópolis: Vozes. p. 271-292.

NA MARGEM. (2006). Documentário. Direção: Projeto Água Quente. Produção: Ponto D. Patrocínio Petrobras - Programa Petrobras Ambiental. São Carlos, 24 minutos.

OLIVEIRA, H.T. (2004). Referências históricas e tendências atuais do movimento ambientalista e da educação ambiental em São Carlos, S.P. In: ENCONTRO SOBRE AMBIENTE E SOCIEDADES: como as políticas públicas podem ajudar na conservação ambiental e na diminuição das desigualdades de gênero? 2003, São Carlos. *Anais...* São Carlos: PMSC / SMDS / SMCAS / UNESCO. p. 20-23.

_____. (2005) Metodologias participativas em educação ambiental. In: SIMPÓSIO COMEMORATIVO DOS 10 ANOS DE FUNCIONAMENTO DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL E RECURSOS HÍDRICOS: perspectivas para o século XXI, 2005, São Carlos. *Anais, ...* São Carlos: CRHEA-SHS/EESC/USP, 2005. p. 54-60.

_____. (2008a). Desejos e caminhos convergentes entre educação popular e educação ambiental. In: GONZÁLEZ-GAUDIANO, E.; PETERS, M. *Handbook of environmental education*. Amsterdam: Sense.

_____. (2008b). La Formación ambiental en la educación superior: creatividad y autonomía entre amarras y resistencias. IN: GONZÁLEZ-GAUDIANO, E. (Coord.). *La Educación frente al desafío ambiental global: una visión latinoamericana*. México DF: CREFAL.

OLIVEIRA, M.W.; STOTZ, E. N. (2004). Perspectivas no encontro entre organizações não governamentais e instituição acadêmica: o convívio metodológico. In: REUNIÃO DA ANPED: Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação, 27, 2004, Caxambu. Educação Popular, 1 CD-ROM.

OLIVEIRA, R.D.; DOMINICE, P. (1996). Illich e Freire: A opressão da pedagogia e a pedagogia dos oprimidos. In: GADOTTI, M. (Org.). *Paulo Freire: uma biobibliografia*. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire. Cap 10, parte 4, p. 580-582.

PALLONE, S. (2005). Diferenciando subúrbio de periferia. *Ciência e cultura*, São Paulo, ano 57, n. 2, p.11, abril-jun.

PEREIRA, G. (2001). A Natureza (dos) nos fatos urbanos: produção do espaço e degradação ambiental. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, Curitiba, n. 3, p. 33-51, jan.-jun.

PRETI, D. (Org.) (2003). *Análise de textos orais*. 6. ed. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP. (Projetos Paralelos,1).

QUINTAS, J.S. (2004). Educação no processo de gestão ambiental: uma proposta de educação ambiental transformadora e emancipatória. In: LAYRARGUES, P.P. (Coord.). *Identidades da educação ambiental brasileira*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente. p.113-140.

RAHNEMA, M. (2000). Participação. In: SACHS, W. *Dicionário de desenvolvimento: guia para o conhecimento como poder*. Petrólis: Vozes. p. 190-210.

RANCIÈRE, J. Uma aventura intelectual. In: _____. *O Mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual*. Belo Horizonte: Autêntica. Cap. 1, p. 17-37.

RIBEIRO, M. (2002) Educação para a cidadania: questão colocada pelos movimentos sociais. *Educação e pesquisa*, São Paulo, v.28, n.2, p113-128, jul.-dez.

RODRIGUES, A.C.S. (2003). Língua falada e língua escrita. In: PRETI, D. (Org.) *Análise de textos orais*. 6. ed. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP. p. 15-38. (Projetos Paralelos, 1).

ROSE, D. (2002). Análise de imagens em movimento. In: BAUER, M.W.; GASKELL, G. (Ed.). *A Pesquisa qualitativa com texto imagem e som: um manual prático*. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 2.ed. Petrópolis: Vozes. p. 343-364.

SANTOS, M. E. V. M. (2005). *Que cidadania?* Lisboa: Santus-Edu. (Trilogia Que educação? Para que cidadania? Em que escola?, Tomo II)

SÃO CARLOS. Prefeitura Municipal de São Carlos (2002). *Conferência da cidade: processo de elaboração do plano diretor do município de São Carlos*. São Carlos. 1 CD-ROOM.;

SÃO CARLOS. Prefeitura Municipal de São Carlos (2005). Lei nº.13.691, de 25 de novembro de 2005. Institui o plano diretor do município de São Carlos e dá outras providências. *Jornal Primeira Página*, São Carlos, 26 nov.2005. p.1-20.

SAUVÉ, L. (1997). Educação ambiental e desenvolvimento sustentável: uma análise complexa. *Revista da Educação Pública*, Cuiabá, v. 6, n.10, jul-dez. Disponível em <http://www.ufmt.br/arquivo/rev10/educacao_ambiental_e_desenvolvim.html> Acesso em: 24 abr 2006

_____. (1999). La Educación ambiental entre la modernidad y la posmodernidad: en busca de un marco de referencia educativo integrador. *Tópicos en Educación Ambiental*, México DF, n.1, v.2, p. 7-25.

_____. (2000). Para construir un patrimonio de investigación en educación ambiental. *Tópicos en Educación Ambiental*, México DF, n.2, v.5, p. 51-69.

_____. (2005). Educação ambiental: possibilidades e limitações. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.31, n.2, p. 317-322, maio-ago.

SCHERER-WARREN, I. (1996). *Redes de movimentos sociais*. 2. ed. São Paulo: Loyola.

_____. (2002). Movimentos sociais e participação. In: SORRENTINO, M. *Ambientalismo e participação na contemporaneidade*. São Paulo: EDUC/Fapesp. p. 41-56

_____. (2006). Das mobilizações às redes de movimentos sociais. *Sociedade e Estado*, Brasília, v.2, n.1, p. 109-130, jan-abr.

SILVA, P.B.G (1995). Anotações sobre ética, movimentos sociais e pesquisas. In: JAQUES, M. G. C. (Org.). *Relações sociais e ética*. Porto Alegre: ABRAPSO - Regional Sul. p.233-239.

SILVA, P.B.G; ARAÚJO-OLIVEIRA, S. S. (2004). Cidadania, ética e diversidade: desafios para a formação em pesquisa. Apresentado no ENCUESTRO - CORREDOR DE LAS IDEAS DEL CONO SUR “Sociedad Civil, Democracia e Integración”, 6, Montevideo, 2004.

TEIA-CASA DE CRIAÇÃO (2004). Estatuto social. Disponível em <<http://www.teia.org.br>>. Acessado em 12 out 2006. 11p.

TEIA-CASA DE CRIAÇÃO; ACQUAVIT. (2005a). *Projeto água quente*. São Carlos: Petrobras - Programa Petrobras Ambiental. (Relatório Técnico de Execução 1º-2º Trimestres).

_____. (2005b). *Projeto água quente*. São Carlos: Petrobras - Programa Petrobras Ambiental. (Relatório Técnico de Execução 3º Trimestre).

_____. (2005c). *Projeto água quente*. São Carlos: Petrobras - Programa Petrobras Ambiental. (Relatório Técnico de Execução 4º Trimestre).

_____. (2005d). *Bacia hidrográfica do córrego água quente*. São Carlos: Petrobras - Programa Petrobras Ambiental. (Relatório Técnico: Informações Sócio-Ambientais).

_____. (2005e). *Boletim Água Quente*: informativo do Projeto Água Quente. São Carlos: Petrobras - Programa Petrobras Ambiental, n.0, maio de 2005.

_____. (2005f). *Boletim Água Quente*: informativo do Projeto Água Quente. São Carlos: Petrobras - Programa Petrobras Ambiental, n.1, dezembro de 2005.

_____. (2006a). *Projeto água quente*. São Carlos: Petrobras - Programa Petrobras Ambiental. (Relatório Técnico de Execução 5º Trimestre).

_____. (2006b). *Projeto água quente*. São Carlos: Petrobras - Programa Petrobras Ambiental. (Relatório Técnico de Execução 6º Trimestre).

_____. (2006c). *Projeto água quente*. São Carlos: Petrobras - Programa Petrobras Ambiental. (Relatório Técnico de Execução 7º Trimestre).

_____. (2006d). *Projeto água quente*. São Carlos: Petrobras - Programa Petrobras Ambiental. (Relatório Técnico de Execução 8º Trimestre).

_____. (2006e). *Projeto água quente*. São Carlos: : Petrobras - Programa Petrobras Ambiental. (Relatório Síntese, 2004-2006).

_____. (2006f). *Boletim Água Quente*: informativo do Projeto Água Quente. São Carlos: Petrobras - Programa Petrobras Ambiental, n.2, junho de 2006.

_____. (2006g). *Boletim Água Quente*: informativo do Projeto Água Quente. São Carlos: Petrobras - Programa Petrobras Ambiental, n.3, novembro de 2006.

TONISSI, R.M.T. (2005). *Percepção e caracterização ambientais da área verde da microbacia do córrego Água Quente (São Carlos, SP) como etapas de um processo de educação ambiental*. 275 p. Tese (Doutorado) – Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2005.

TOZONI-REIS, M.F.C. (2003). Pesquisa em educação ambiental na universidade: produção de conhecimento e ação educativa. In: TALAMONI, J.L.B.; SAMPAIO, A.C. (Org.). *Educação ambiental: da prática pedagógica à cidadania*. São Paulo: Escrituras. p. 9-20.

TRATADO de educação ambiental para sociedades sustentáveis e responsabilidade global. (1995) In: VIEZZER, M.L.; VALLES, O. (1995). *Manual latino-americano de educ-ação ambiental*. São Paulo: Gaia. p. 29-35.

VASCONCELOS, M.L.M.C.; BRITO, R.H.P. (2006). *Conceitos de educação em Paulo Freire*: glossário. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Mack Pesquisa - Fundo Mackenzi de Pesquisa.

VIEZZER, M.L.; OVALLES, O. (1995). *Manual latino-americano de educ-ação ambiental*. São Paulo: Gaia.

WITAKER, D.C.A.; *et al.* (2002). A Transcrição da fala do homem rural: fidelidade ou caricatura? In: WITAKER, D.C.A (Org.) *Sociologia rural*: questões metodológicas emergentes. São Paulo: Letras a Margem. p.115-120.

ANEXO 1. Matéria sobre essa pesquisa publicada no Boletim Água Quente.

Como algumas organizações da região do Água Quente estão tratando a questão ambiental?

por Sara Monise de Oliveira

Buscando compreender a atuação de organizações da região do Córrego Água Quente com relação ao meio ambiente eu iniciei no ano passado minha pesquisa de mestrado pela USP com as organizações que participam do Projeto Água Quente. Esta idéia surgiu dos resultados do trabalho da Bióloga Rosa sobre a pouca participação da população na discussão e na tomada de decisão sobre as questões do bairro, inclusive as ambientais. A minha vivência como educadora no Projeto Água Quente também foi extremamente importante, pois me permitiu trocar experiências com os representantes das organizações e perceber que este tema é muito importante para que realmente consigamos modificar a realidade através da Educação Ambiental. Dessa forma, venho participando do projeto e até o meio do ano

quero começar as entrevistas com alguns grupos que participam do Projeto Água Quente para saber se os grupos atuam com relação ao ambiente ou não e se o fazem como e o que isto representa para o grupo. Também vou entrevistar alguns representantes das organizações para compreender qual o papel deles na discussão sobre as questões ambientais no grupo e quais as dificuldades e conquistas dessas pessoas enquanto representantes.

Com esta pesquisa espero compreender melhor o que pode auxiliar ou atrapalhar o trabalho do representante na discussão dos problemas ambientais com seus grupos e como o trabalho do educador pode ser orientado para facilitar a participação das organizações nas discussões e tomada de decisões sobre as questões ambientais da bacia do Água Quente.

Professores Luis e Heloisa da UFSCar que avaliaram o trabalho e a professora Haydée (no centro) da USP, que é a orientadora da Sara.

Fonte: Teia - Casa de Criação e Acquavit (2006f).

ANEXO 2. Características das organizações participantes do Projeto Água Quente: Perfil e acompanhamento dos grupos (TEIA - CASA DE CRIAÇÃO; ACQUAVIT, 2006b, Anexos).

PERFIL E ACOMPANHAMENTO DOS GRUPOS

Organizações participantes do projeto Água Quente

Grupo	Resumo dos grupos	Situação Atual
Grupo de Mães - Aprendiz	Organização recém formada, constituída por 10 mães moradoras do bairro Loteamento Social Antenor Garcia. Ainda em processo de formação, esta organização se reúne com o objetivo de gerar renda para as mães residentes no bairro Antenor Garcia, principalmente as que estão desempregadas. As atividades estão centradas na produção de artigos de crochê para posterior venda, mas a intenção é de ampliar a gama de produtos, como cobertores de retalho, sabão, entre outros.	O Grupo está passando por problemas internos de formação e articulação, sendo apenas uma pessoa representante, mas que tem participado assiduamente no projeto.
Sagrado Coração de Jesus	Organização de 25 pessoas que faz parte da Igreja São Francisco de Assis no bairro Jardim Pacaembu. Como objetivo buscam trabalhar o lado espiritual das pessoas e prestar assistência àquelas que necessitam, dando conselhos, rezando dentre outros. Para tanto realizam encontros para orações e realizam o ofício de recolher e distribuir cestas básicas.	O grupo se mantém participando do projeto normalmente contando com um representante e um suplente.
Coroinhas da Igreja São Francisco de Assis	Organização coordenada por 3 pessoas que atende cerca de 12 crianças de 7 a 14 anos do bairro Jardim Pacaembú. O objetivo é a formação pessoal e espiritual de crianças para atuarem como coroinhas auxiliando o padre nas missas. Para tanto são realizados encontros de formação e os coroinhas participam de missas e festividades da Igreja.	O grupo se mantém no projeto normalmente contando com a participação de uma representante.
Cooperlimp	Cooperativa de Limpeza formada por 170 cooperados fixos e 30 cooperados temporários. Exercem atividades relacionadas à limpeza de espaços de saúde e educação, atuando em diferentes locais da cidade. O principal objetivo desta organização é gerar emprego e renda para as pessoas que moram na região do Gonzaga. Além do trabalho diário, realizam assembléias com os cooperados.	O grupo se mantém no projeto normalmente contando com a participação de uma representante

Grupo	Resumo dos grupos	Situação Atual
Pastoral da Criança – Comunidade do Antenor Garcia	Organização de 16 voluntários que realizam acompanhamento de crianças do bairro Antenor Garcia. O objetivo é prevenir a desnutrição em crianças e também cuidar daquelas que se encontram desnutridas, para que todas as crianças tenham mais vida. Para tanto, realizam rotineiramente a pesagem das crianças, visitam as famílias e fornecem a multimistura. Também promovem diversas confraternizações com as famílias do bairro, como as comemorações do dia das crianças e do dia das mães.	O grupo passou por problemas internos de saída de uma liderança. Depois de um período de ausência, se reestruturou e continua participando do projeto com a substituição do representante.
D.D.R. Diretoria da Rima	Organização formada por 40 pessoas, sendo que 10 são os responsáveis e o restante, membros de grupos de rap dos bairros Cidade Aracy e Antenor Garcia. Esta organização foi formada com o objetivo de reunir, organizar e formalizar os grupos de rap da região. Já realizaram algumas oficinas e eventos beneficentes.	O grupo também passou por reestruturações, mas a participação da representante continuou normal.
Simples Mortais	Organização formada por 4 pessoas que atuam nos bairros Cidade Aracy e Loteamento Social Antenor Garcia. O objetivo deste grupo de rap é passar informações para as pessoas do bairro através das letras das músicas. Já realizaram oficinas e eventos beneficentes	O grupo passou por problemas de troca de representação no projeto e passou um período ausente, mas hoje conta com uma representante.
Produção de Sabão Caseiro	Organização formada por 12 mulheres moradoras do bairro Jardim Gonzaga, que se reúnem para estruturar a produção e comercialização do sabão caseiro. O objetivo deste trabalho é a geração de renda, acompanhado do aumento da auto-estima destas mulheres. O grupo realiza encontros semanais para repartir as matérias primas conseguidas e administrar a venda.	O grupo se mantém fortalecido, porém conta com a disponibilidade de apenas uma suplente, que atualmente tem tido problemas com frequência.
Cooletiva	Cooperativa formada por cerca de 15 cooperados, que realizam a coleta seletiva de parte da cidade de São Carlos. Os cooperados moram na bacia, principalmente da região do Gonzaga. O objetivo da cooperativa é gerar emprego e renda para os cooperados. Além do trabalho diário, realizam assembléias.	O grupo participou frequentemente por um período, mas nos últimos 5 meses teve dificuldades internas. Hoje está retornando com uma representante
Sociedade São Vicente de Paula	Organização de grande número de pessoas, que atua na região dos bairros Monte Carlo, Bela Vista, Belvedere com a população residente. Além da formação espiritual, o grupo realiza trabalhos assistenciais com pessoas carentes. O objetivo é a evangelização e também a melhoria social e espiritual da população.	O grupo ficou sem representante e se manteve ausente por um período, porém atualmente participa assiduamente com um representante.

Grupo	Resumo dos grupos	Situação Atual
Escola Municipal de Educação Infantil Professor Otávio de Moura	Instituição estadual, cuja representação é realizada pelo grupo de professores. Atuam com a população das imediações do bairro Jardim Cruzeiro do Sul com o objetivo de educar crianças. A escola realiza diversos trabalhos buscando integrar a comunidade no ambiente escolar, bem como contribuir para a melhoria deste, através de atividades de educação ambiental e de plantio na escola.	O grupo vem se mantendo continuamente no projeto com a participação de uma representante e uma suplente.
Igreja Nossa Senhora de Guadalupe	Grupo religioso formado pela comunidade da paróquia totalizando 380 pessoas distribuídas em 24 pastorais com 2 monitores cada. Realizam atividades de formação, palestras, retiros, reuniões mensais, além das celebrações da igreja.	Grupo que tem participado continuamente, tendo disponível atualmente apenas uma representante.
Capoeira Iorubá	Grupo de prática de capoeira formado por Professores, alunos mais velhos que os auxiliam e alunos iniciantes. Dão aulas de capoeira em escolas, associações e outros, totalizando 17 locais e cerca de 950 alunos. O grupo desenvolve trabalhos em São Carlos, mas também em outras cidades. Têm como objetivo auxiliar no processo de retirada de crianças, jovens e adultos das ruas e de vícios, bem como divulgar a cultura afro-brasileira. Realizam treinos, eventos, palestras e também participam de peças de teatro.	O grupo participou desde o início com disponibilidade de apenas um representante, que atualmente tem estado ausente.
Coopercook	Cooperativa de produção de alimentos formada por cerca de 23 pessoas moradores da região do Gonzaga e bairros próximos. Os objetivos do grupo são: combater o desemprego, unir bairros vizinhos e estimularem os cooperados a voltarem para a escola. Prestam serviços para toda a cidade e realizam cursos de cozinha, higiene de alimentos e de garçom e garçonete.	O grupo passou por problemas internos de troca de lideranças e depois de permanecer ausente por um período vem participando assiduamente com uma representante.
Missão Evangélica para assistência à criança - Casa da Criança	Organização sem fins lucrativos que atende cerca de 50 crianças dos bairros Cidade Aracy, Antenor Garcia e Jardim Gonzaga. É coordenado por uma diretoria de 6 pessoas e também conta com funcionários. O objetivo desta organização é integrar crianças em situação de risco social à sociedade. Atende as crianças durante todo o dia, oferecendo alimentação, banho, tratamento odontológico e psicológico. Realizam atividade de reforço escolar, esportivas e terapêuticas.	O grupo tem participado com grande frequência.

Grupo	Resumo dos grupos	Situação Atual
Coral da Igreja Nossa Senhora da Rosa Mística	Grupo de Canto composto por 9 pessoas do bairro Antenor Garcia, cujo objetivo é realizar a animação litúrgica. Realizam ensaios, animações nas missas e participam de eventos da Igreja.	O grupo entrou recentemente no projeto, mas vem participando assiduamente. Neste mês esteve ausente, pois a representante não tem suplente em casos de ausência necessária.
Resgate Social	Grupo de RAP formado por 5 integrantes que atuam no bairro Antenor Garcia com os objetivos de: contribuir para a socialização de jovens e adultos, para o desenvolvimento da musicalidade e para a conscientização. Suas atividades são para ensinar as pessoas a cantar, dançar e pintar.	O grupo sempre participou assiduamente do projeto, contando com a presença de um representante e um suplente.
Catequese da Igreja Madre Cabrine	Grupo formado por 26 catequistas que atendem cerca de 300 crianças de 8 a 10 anos da região do bairro Cruzeiro do Sul. Os objetivos do grupo são oferecer a formação cristã para as crianças e prepará-las para a iniciação religiosa. Realizam atividades de Dinâmicas de grupo, teatro e canto, além das aulas de catequese.	Grupo que também entrou recentemente no projeto tem participado continuamente e conta com uma representante e duas suplentes.
Protesto	Grupo de RAP, formado por 3 pessoas que atuam na Cidade Aracy.	O grupo participa continuamente no projeto, sendo que atualmente conta com apenas um representante.
Meninos do Aracy	Grupo formado por 6 coordenadores e 40 jovens dos bairros Cidade Aracy I e II, Antenor Garcia e Presidente Collor. Trabalham com o objetivo de ocupar o tempo dos jovens com atividades culturais. Realizam atividades de Confecção de alegorias/ fantasias e Adereços, aulas de dança, aulas de música com os instrumentos da escola de samba.	O grupo entrou recentemente no projeto e vem participando com frequência. Conta com a presença de uma representante e um suplente.
Pastoral da Sobriedade Renascer	Grupo de 12 voluntários que atuam com cerca de 40 a 75 pessoas que apresentam problemas relacionados às drogas, entre dependentes e família. Atuam não apenas com pessoas da bacia do córrego Água Quente, mas também com pessoas de outras regiões da cidade. O objetivo é a recuperação dos jovens com dependência Química. Para tanto, realizam reuniões com dependentes sobre os 12 passos para deixar a dependência e auxiliam processos de internação.	O grupo também entrou recentemente no projeto. Dispõe de um representante que tem participado com bastante frequência.
Espaço Cidadão	Organização Não Governamental sócio-educativa formada por 15 pessoas que atuam na Cidade Aracy I e II com o objetivo de contribuir para a educação e integração dos moradores no bairro. Realizam palestras e eventos dentre eles o Ação Comunitária.	Grupo que vem participando desde o início do projeto com pequenos períodos de ausência. Conta com uma representante.

Grupo	Resumo dos grupos	Situação Atual
AACTR – Associação de Arte e Cultura Tempo Rea	Grupo de teatro que se formou com parte dos membros do extinto grupo TEPEYAC, que participava do projeto. É composto por 14 pessoas que buscam atuar em toda a cidade. Possuem como objetivo utilizar o teatro em benefício da sociedade para passar valores de cidadania, evangelização e educação. Pretendem realizar peças de teatro e oficinas de interpretação.	Grupo que entrou no último mês no projeto, porém que se integrou normalmente, pois o representante e a suplente são os mesmos do extinto TEPEYAC.

PERFIL E ACOMPANHAMENTO DOS GRUPOS

Organização que saíram do projeto Água Quente

Grupo	Resumo dos grupos	Situação Atual
Sol da Liberdade – Projeto Renascer no Amanhã	Organização formada por cerca de 30 pessoas, sendo um professor e o restante, alunos. O grupo de capoeira tem por objetivo passar o conhecimento para crianças do bairro Loteamento Social Antenor Garcia, auxiliando na sua formação. Realizam treinos semanais, apresentações e eventos de capoeira.	Sem justificativa. Não responderam a carta de desligamento por excesso de faltas.
Estrela do Oriente	Grupo familiar religioso com cerca de 20 pessoas que faz as festas de Folia de Reis. Os membros são moradores da Cidade Aracy, porém atuam em diferentes bairros da cidade, incluindo os distritos de Santa Eudóxia e Água Vermelha. Também já participaram em encontros em outros municípios e estados, como o de Minas Gerais, realizando festividades de Folia de Reis. O grupo tem como objetivo trabalhar a religião com as pessoas, realizar as festividades da Folia de Santo Reis e manter a tradição da família. Para isso realizam ensaios, apresentações e a festa de Santo Reis.	O grupo procurou o projeto após receber a carta de desligamento por excesso de faltas e decidiu sair do projeto, pois o grupo havia se dissolvido.
TEPEYAC	Grupo de teatro com 25 pessoas da região da Cidade Aracy, mas que atuam em toda a cidade. Possuem como objetivos utilizar o teatro em benefício da sociedade para passar valores de cidadania, evangelização e educação. Realizam peças de teatro e oficinas de interpretação.	O grupo procurou o projeto após receber a carta de desligamento por excesso de faltas e decidiu sair do projeto, pois o grupo havia se dissolvido

Grupo	Resumo dos grupos	Situação Atual
Associação de Kung Fu Lo Fu	Organização formada por 2 responsáveis e 33 alunos moradores dos bairros Cidade Aracy e Antenor Garcia. Filiada à Associação Lo Fu Shao Lin em São Paulo, trabalham os ensinamentos do Kung Fu com o objetivo de formar o caráter da pessoa, desenvolver a paciência e a humildade, além de ensinar técnicas de defesa pessoal.	O grupo após um período de ausência trocou de suplente e continuou participando, mas tornou a se ausentar e não respondeu a carta de desligamento.

APÊNDICE 1. Material informativo sobre a esta pesquisa distribuído aos participantes e colaboradores da pesquisa.

Educação ambiental e organizações comunitárias da Bacia Hidrográfica do Córrego Água Quente, São Carlos – SP.

Projeto de Pesquisa de Mestrado

Introdução

Em regiões urbanas o meio ambiente vem sendo bastante degradado e a qualidade de vida das pessoas, principalmente as que moram em regiões de periferia e com menos infra-estrutura urbana, costuma ser afetada por problemas ambientais, como o esgoto a céu aberto, a poluição do ar, a falta de áreas naturais e de lazer, dentre outros.

Nesse contexto, a educação ambiental é uma prática educativa que busca construir oportunidades para compreender e enfrentar os conflitos de interesses no acesso e utilização dos recursos naturais, para que as relações entre as pessoas, a sociedade e o meio ambiente sejam re-criadas de forma justa e respeitando as características de cada ambiente. Para isso, é fundamental a participação da população na discussão e na tomada de decisão sobre as questões ambientais da região em que vivem, trabalham ou se relacionam de qualquer outra forma.

No entanto, nem sempre as comunidades participam das discussões e decisões que são tomadas sobre o meio ambiente e seus recursos naturais. Um dos fatores que mais contribuem para isto é a falta de oportunidades de diálogo e tomada de decisões coletivas, tanto por parte do governo, quanto por parte da sociedade civil. Acompanhado a isto, vem a dificuldade de mobilização e de organização da população.

Sendo assim, as organizações comunitárias possuem grande potencial de discussão sobre os problemas e potencialidades ambientais de uma região, podendo contribuir para a melhoria na qualidade de vida nos bairros, pois nelas, a população está organizada e possui um objetivo comum.

Apresentação

Este material é uma síntese do **projeto de pesquisa** que vem sendo elaborado desde 2005 pela aluna de mestrado Sara Monise de Oliveira e por sua orientadora Profª, Drª. Haydée Torres de Oliveira através do Programa de Pós Graduação em Ciências da Engenharia Ambiental, da Escola de Engenharia de São Carlos, da Universidade de São Paulo (USP - São Carlos).

O tema escolhido para o trabalho é educação ambiental e organizações comunitárias. Este estudo busca construir conhecimentos para responder à seguinte pergunta: *Qual o papel da educação ambiental na construção e no fortalecimento da atuação de organizações comunitárias em relação ao meio ambiente local?*

O que é um Projeto de Pesquisa?

Um Projeto de pesquisa é um planejamento de estudos que o pesquisador elabora para orientar o seu trabalho, que é buscar respostas para algumas perguntas. O projeto contém, basicamente, uma introdução (para situar o trabalho e justificar sua importância), os objetivos (o que o pesquisador busca com o estudo) e os procedimentos metodológicos (o que o pesquisador vai fazer para alcançar os objetivos).

Na Bacia Hidrográfica do Córrego Água Quente temos esta situação de problemas e potencialidades ambientais. A urbanização ocorreu rapidamente e foi mal planejada, resultando em inúmeros problemas ambientais e por outro lado existe um grande número de organizações comunitárias que trabalham para melhorar a qualidade de vida dos moradores.

O Projeto Água Quente é uma iniciativa das ONGs Teia - Casa de Criação e Acquavit para trabalhar com essa realidade, envolvendo as organizações comunitárias da região.

A principal diferença entre esse projeto de ação sócio-ambiental e o projeto de pesquisa em educação ambiental que estamos apresentando é que no projeto de pesquisa existe a necessidade de se estabelecer a forma como os resultados vão ser construídos (método científico) e ao final o pesquisador deve trazer contribuições para as teorias.

Por outro, a principal semelhança é que nos dois tipos de projeto podem haver ações práticas e a construção de conhecimentos importantes não só para a vida das pessoas, mas também para o desenvolvimento da educação ambiental.

Desde seu início, já participaram do Projeto Água Quente 31 organizações comunitárias da região e hoje 14 delas permanecem realizando atividades como encontros entre organizações, plantios, boletins comunitários e apresentações sobre a bacia do Água Quente nas escolas públicas.

Ao reunir estas organizações, discutir as questões ambientais da região e propor ações conjuntas, o Projeto Água Quente trabalha com os objetivos de contribuir para o fortalecimento dessas organizações, para a formação e capacitação de agentes comunitários e para a recuperação de uma área degradada da região.

Em suas atividades, o Projeto Água Quente desenvolveu ações educativas sobre o meio ambiente com as organizações comunitárias da Bacia do Córrego Água Quente, por isso as pessoas que estão sendo

Objetivos da Pesquisa

Observando e participando da experiência educativa do Projeto Água Quente e partindo da pergunta de pesquisa, foi possível construir alguns objetivos:

1. Compreender a inserção da temática ambiental na agenda das organizações;
2. Compreender o papel do representante da organização no Projeto Água Quente para a inserção da temática ambiental na agenda de sua organização;
3. Conhecer a concepção de meio ambiente dos representantes das organizações;
4. Identificar a contribuição da experiência educativa para esse processo;

Com estas entrevistas estão sendo levantadas informações para os objetivos:

1. Compreender a inserção da temática ambiental na agenda das organizações.
2. Compreender o papel do representante da organização no Projeto Água Quente para a inserção da temática ambiental na agenda de sua organização.

Posteriormente, serão feitas entrevistas com um grupo de cerca de 5 a 10 representantes para levantar informações sobre os objetivos:

3. Conhecer a concepção de meio ambiente dos representantes das organizações.
4. Identificar a contribuição da experiência educativa para

O retorno para a comunidade

Os resultados desta pesquisa de mestrado serão apresentados aos participantes da pesquisa para que sejam discutidos antes da entrega do relatório de pesquisa no Programa de mestrado. As reuniões podem acontecer na medida em que os resultados de cada objetivo forem sendo construídos.

A forma de divulgação para a população da Bacia do Água Quente ainda não está definida, devendo ser pensada junto com os participantes da pesquisa. Uma iniciativa neste sentido foi a publicação de uma matéria no Boletim Água Quente - nº2, sobre a realização desta pesquisa. O boletim foi distribuído para os membros das organizações participantes, para as escolas, centros

Procedimentos metodológicos

Para chegar aos objetivos da pesquisa, foi necessário participar das atividades do Projeto Água Quente desde seu início, para compreender melhor a região e encontrar um assunto importante a ser estudado. Identificada a pergunta de pesquisa (*Qual o papel da Educação Ambiental na construção e no fortalecimento da atuação de organizações comunitárias em relação ao meio ambiente local?*) foram analisadas algumas atividades desenvolvidas pelo Projeto Água Quente, como por exemplo: mapa mental, planejamento e avaliação coletiva do Projeto e apresentação do Projeto nos grupos.

Com esse material em mãos e com os objetivos definidos, iniciou-se no mês de julho de 2006 entrevistas com 4 organizações que participam do Projeto Água Quente. As entrevistas são feitas com um grupo de 5 a 10 pessoas de cada organização e é moderada pela aluna e uma ajudante. As entrevistas, sempre que permitido pelos participantes, são filmadas e gravadas, para que a pesquisadora possa analisar os resultados depois.

Como as organizações que participam do Projeto Água Quente podem ser agrupadas em 4 grupos diferentes segundo sua atuação (assistencialismo e voluntariado, geração de emprego e renda, trabalho comunitário e cultural) foi escolhida uma organização de cada tipo de atuação que tivesse interesse e disponibilidade de participar da pesquisa e que tivesse alguma atuação ambiental.

GEPEA
Grupo de Estudos e
Pesquisa em
Educação Ambiental

Texto

Sora Monise de Oliveira
Contribuições para o texto
Renata Bovo Peres
Camila da Cunha Michellin
Luciana Guida Hein

Revisão

Haydée Torres de Oliveira
Ilustrações
Daniela Arantes R. De Oliveira

Para maiores informações:

sarinha_bio@hotmail.com
Tel: 3351 8111 ramal 8907
(recado)

APÊNDICE 2. Roteiro temático para os grupos focais com as organizações participantes do Projeto Água Quente

Apresentação Geral

- Apresentação da pesquisadora e do (a) auxiliar de pesquisa.
- Apresentação sucinta da pesquisa.
- Apresentação dos participantes .
- Tempo de atuação na organização.
- Funções que exercem na organização.
- Estrutura da Organização.
- Histórico/processo de formação da organização.

Apresentação e reflexão sobre a atuação da organização

- Foco principal de atuação da organização (Por que?).
- Importância para cada um em fazer parte do grupo (sentido e significado do fazer parte).
- Percepção da importância da organização para a comunidade (exemplos atividades, os por quês).
- Principais resultados desta atuação.
- Principais dificuldades.

Reflexões sobre as relações entre a atuação da organização e a temática ambiental

- Concepção sobre **o que é o Projeto Água Quente**.
- Resultados da **interação com o projeto Água Quente** (alcançados e não alcançados, o que mudou, o que não mudou, expectativas alcançadas e não alcançadas).
- Significado em **participar do projeto Água Quente** (como tem sido - valores).
- Papel do **representante** na interação da organização com o Projeto (Atuação).
- Relações do trabalho da **organização com meio ambiente**.
- Outras **conversas e atividades** sobre **meio ambiente** (o quê, quais, como foi, resultados e dificuldades).

Avaliação do instrumento de construção de dados

- Opiniões acerca da conversa

APENDICE 3. Modelo de documento de autorização do uso das informações e imagens captadas nos grupos focais.

Autorização de Uso de Informação e Imagem

Eu, _____, autorizo a pesquisadora Sara Monise de Oliveira, aluna do Programa de Mestrado em Ciências da Engenharia Ambiental da Universidade de São Paulo (USP) – *campus* São Carlos, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Haydée Torres de Oliveira a utilizar as informações cedidas por mim em entrevistas individuais ou coletivas e minhas imagens captadas em vídeo e ou fotografia em peças acadêmicas (panfletos informativos, dissertação, artigos científicos, painéis, apresentações orais, etc.) para fins de pesquisa acadêmica, podendo ser divulgado por prazo indeterminado e sem limites de território, tendo sido acordado que nenhum valor será pago a título de cachê.

Observações e restrições por parte do participante

São Carlos, _____ de _____ de 2006.

Assinatura participante

Endereço e telefone

RG e CPF

Assinatura Pesquisadora

Assinatura Orientadora